Relatório do 2º Fórum Nacional de Museus



O futuro se constrói hoje

Ouro Preto – 22 a 26 de agosto de 2006

Relatório do 2º Fórum Nacional de Museus



O futuro se constrói hoje

Ouro Preto – 22 a 26 de agosto de 2006

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira

Secretário Executivo
João Luiz Silva Ferreira

Presidente do Iphan
Luiz Fernando de Almeida

Diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais
José do Nascimento Junior

Diretor do Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização
Dalmo Vieira Filho

Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial
Márcia Genesia de Sant'Anna

Diretora do Departamento de Planejamento e Administração
Maria Emília Nascimento Santos

Coordenador-geral de Promoção do Patrimônio Cultural
Luiz Philippe Peres Torelly

Coordenadora-geral de Pesquisa, Documentação e Referência
Lia Motta

Procuradora-chefe
Lúcia Sampaio Alho

Equipe do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan
Adriana Bandeira Cordeiro
Adriana Rozinholi Cordeiro Rocha
Alejandra Saladino
Alessandro Carvalho Barros
Ana Maria Mesquita
Ana Paula de Lima Freire
Andressa de Lima Faislon Custódio
Átila Bezerra Tolentino
Auriel de Almeida Martins
Bárbara Froener de Almeida
Claudia Maria Pinheiro Storino
Ena Elvira Colnago
Eneida Braga Rocha de Lemos
Fernanda Nascimento Magalhães Pinto
Flávia Mello de Castro
Flaviane da Costa Gomes
Gabriela Machado Alevato
Jéssica da Silva Santana
Joana Regattieri da Silva
José do Nascimento Junior
Kênia Gonçalves Sabino
Leonardo dos Santos Martins
Marcelo Helder Maciel Ferreira
Marcio Ferreira Rangel
Marina Byrro Ribeiro
Mário Chagas
Maximiliano de Souza
Patrícia Silva Teixeira de Carvalho
Penélope Saliveros Bosio Loponte
Rafael Azevedo Fontenelle Gomes
Rafael Farias da Silva
Rose Moreira de Miranda
Rosilene do Espírito Santo de Carvalho
Sara Schuabb Couto
Tania Maria Barbosa Lima
Uilton Carlos Alves de Souza
Vinicius Adalberto de Sousa Barcelos
Vitória Lima de Araújo Camargo
Zenaide Fernandes de Carvalho

Estagiários
Adailton Gomes Diniz Filho
Ana Carolina Silva Paulo
Edimar Silva de Oliveira
Emerson Castilho
Gabriela da Silva Carvalho
Lílian Borges Gonçalves
Lucas Figueiredo Lopes
Patrícia Cavalcante Cordeiro
Tiago Augusto Paiva da Silva

Endereço
SBN, Quadra 02, 2º andar, Ed. Central Brasília.
Brasília/DF
CEP: 70040-904

Telefone
(55 61) 3414.6167

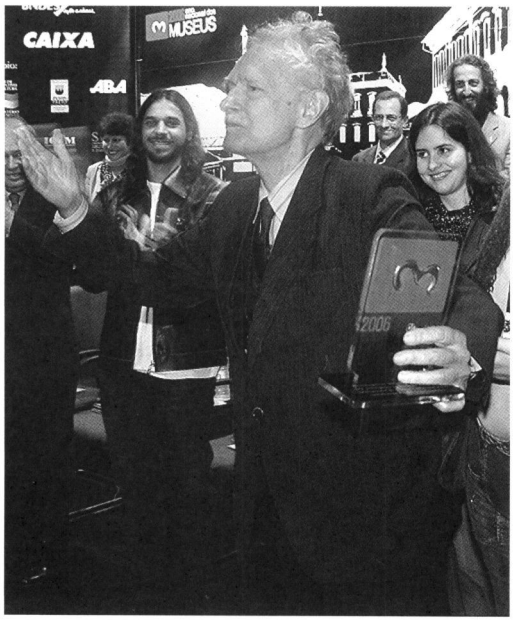
E-mail
demu@iphan.gov.br

Página da Internet
www.museus.gov.br

F692 Fórum Nacional de Museus (2006: Ouro Preto, MG) O futuro se constrói hoje: relatório. / Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais. – Brasília, DF: MinC/IPHAN/DEMU, 2008.
216 p., il.
ISBN 978-85-7334-073-0

1. Museus. 2. Fórum (Debates). I. Departamento de Museus e Centros Culturais. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. III. Título.

CDD 069
CDU 069



Ao professor Mário Barata
in memoriam

Sumário

7 O futuro e o passado nos constroem (Apresentação)

9 Discursos

Abertura do *2º Fórum Nacional de Museus*

Gilberto Gil, ministro de Estado da Cultura

José do Nascimento Junior, diretor do Demu/Iphan

Alissandra Cummins, presidente do Conselho Internacional de Museus (Icom)

Homenagem aos 50 Anos do *1º Congresso Nacional de Museus* (Ouro Preto, julho de 1956)

Ecyla Brandão

Ruy Mourão

45 Programação

51 Grupos de Trabalho

Sugestões aos coordenadores e participantes dos Grupos de Trabalho

Museus de Arte

Museus de História

Museus Militares

Museus Universitários e de Ciências

Museus Etnográficos e Arqueológicos

Museus Comunitários e Ecomuseus

Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias

Consolidação das propostas dos Grupos de Trabalho

129 Ementas dos minicursos

135 Comunicações coordenadas

145 *II Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia*

Resultados do *II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia*
Resumos dos trabalhos apresentados

165 Depoimentos

185 Textos das observadoras

Saudações a todos – Marília Xavier Cury
De dentro do Fórum: etnografia de um encontro no campo dos museus por uma observadora "quase" nativa – Regina Abreu

199 Entrevista com Mário Barata

O futuro e o passado nos constroem (Apresentação)

O *2º Fórum Nacional de Museus*, com o tema "O futuro se constrói hoje", foi realizado no período de 22 a 26 de agosto de 2006, na cidade histórica de Ouro Preto (MG), patrimônio cultural da humanidade.

O início do *2º FNM* coincidiu com a entrega das obras de restauração e modernização do Museu da Inconfidência. A sessão de abertura, realizada no fim da tarde do dia 22 de agosto, contou com a presença de várias autoridades, entre as quais se destacam: o Ministro de Estado da Cultura, o senhor Gilberto Passos Gil Moreira; o diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan (Demu/Iphan), senhor José do Nascimento Junior; e a convidada especial, a senhora Alissandra Cummings, presidente do Conselho Internacional de Museus (Icom).

Duas palestras, cinco painéis, duas mesas-redondas, 14 sessões de comunicações coordenadas, sete minicursos, um minifórum e sete grupos de trabalho fizeram parte de sua programação oficial. Além disso, realizaram-se, no âmbito do mesmo evento, o *II Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia*, o *1º Encontro dos Professores Universitários do Campo da Museologia*, a *Assembléia Nacional do Icom* e a *1ª Reunião Ordinária da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários*. Aproximadamente mil pessoas, entre profissionais, estudantes e simpatizantes, participaram do *2º Fórum*.

O tema, "O futuro se constrói hoje", além de ser instigante, colocou em discussão o poder criativo, construtivo e destrutivo do museu, da memória, do patrimônio e do esquecimento. O futuro é uma construção. No entanto, interessa ao mundo dos museus perceber que o futuro também nos constrói. Em outras palavras, hoje somos as construções do futuro.

O presente relatório registra, em vôo de pássaro, os acontecimentos e as realizações daquele encontro. Estamos conscientes de que no dia-a-dia, nos corredores, nos cafés, nos almoços, nos jantares, nas festas das madrugadas, nas subidas e descidas pelas ruas de Ouro Preto, muitas parcerias novas foram construídas; outras tantas, renovadas; e algumas outras, projetadas no futuro.

Esta publicação é dedicada à memória de

Mário Barata. Museólogo, jornalista, historiador, cientista social e crítico de arte, teve uma carreira brilhante, buscando uma formação eclética, que o ajudou a valorizar e a ter um papel decisivo no campo da museologia brasileira. Nascido no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1920, Barata morreu na mesma cidade, em 2007, seis dias antes de completar 87 anos. No Museu Histórico Nacional, formou-se em museologia pelo Curso de Museus (1940). Na Faculdade Nacional de Filosofia, graduou-se em ciências sociais (1941) e cursou didática da história (1942). Em Paris-Sorbonne, licenciou-se em história da arte (1948). Durante sua estada em Paris, participou com entusiasmo da criação do Icom (1946), tendo sido um dos seus signatários e o único representante latino-americano presente nessa importante ocasião. Em 1954, doutorou-se em história da arte pela Universidade do Brasil. Foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ), do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e autor de inúmeros livros, artigos em jornais, periódicos e revistas científicas, assim como de catálogos de exposições, entre outros. Sua trajetória de vida é inspiradora e seu compromisso com os museus, a museologia, a arte e a história são estímulos para as novas gerações. Durante o *2º Fórum*, ele foi personagem de destaque. Recebeu uma homenagem especial do Demu/Iphan, falou, bailou, cantou e foi feliz. Um ano depois, os professores Cícero Antônio F. de Almeida e Mário Chagas realizaram uma entrevista com Mário Barata. Com o acordo desses dois professores, decidimos registrar e publicar aqui essa entrevista inédita.

A realização do presente relatório não seria possível sem o trabalho intenso e dedicado de Paulo Nascimento, Ana Carolina Silva Paulo, Ana Gabriela Dickstein, Marcia Mattos e Maximiliano de Souza. A contribuição de Adriana Bandeira, Ena Elvira Colnago e Joana Reggattieri na reunião de informações e tratamento de dados foi também importante . A todos, somos muito agradecidos.

No período de 7 a 11 de julho de 2008, vamos realizar o *3º Fórum Nacional de Museus*, em Florianópolis, com o tema "Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento". Para esse encontro, esperamos mais de 2.000 pessoas. No entanto, o que importa não é o número de participantes, mas a qualidade, a reverberação e o enraizamento social dos debates. A pauta do *3º Fórum* indica a necessidade de se trabalhar a favor da democratização da memória, do patrimônio e dos museus, que, afinal, são ferramentas que podem e devem ser utilizadas a favor da dignidade social.

Luiz Fernando de Almeida,
presidente do Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico Nacional (Iphan)

Discursos



Ouro Preto, Minas Gerais, 22 de agosto de 2006. Discurso do ministro Gilberto Passos Gil Moreira na solenidade de abertura do *2º Fórum Nacional de Museus*

Boa tarde, amigos e amigas das Minas Gerais.
Boa tarde, participantes do *2º Fórum Nacional de Museus*.
Boa tarde, sr. Ângelo Oswaldo, prefeito de Ouro Preto.
Boa tarde, sra. Alissandra Cummins, presidente do Conselho Internacional de Museus.
Boa tarde, sr. Luís Fernando de Almeida, presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
Boa tarde, sr. José do Nascimento Junior, diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan.

Ouro Preto é uma cidade-museu. Diga-se, no entanto, que não se trata de uma cidade qualquer e, menos ainda, de um qualquer museu. Trata-se de um museu vivo, pulsante, dinâmico e criativo; trata-se de uma cidade com densidade histórica, artística, social e cultural. Ouro Preto é mesmo uma cidade museu. É uma cidade que cotidianamente afirma e confirma a sua própria vida e a sua conexão com a memória e a criação. Vincular-se à vida, à memória e à criação é o desafio de toda e qualquer cidade, de todo e qualquer museu.

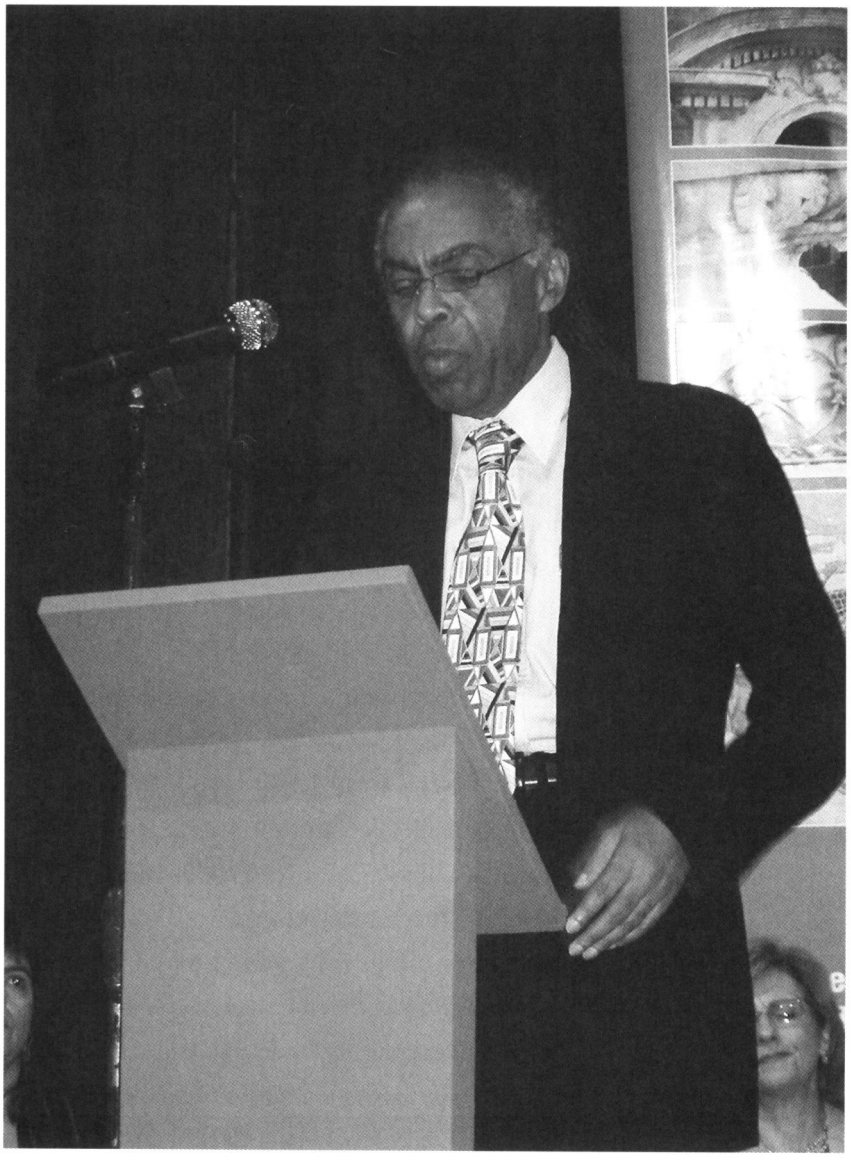
Este ponto é importante e merece ser iluminado: os museus hoje podem ser compreendidos como fenômenos sociais complexos, que se apresentam, ao mesmo tempo, como lugares de memória, de esquecimento, de criação e de tensão. O Ministério da Cultura, em sua atual gestão, vem sublinhando, desde 2003, a importância estratégica dos museus na inclusão social, na criação artística e científica, na preservação do patrimônio e, ainda, na promoção do direito cultural de todos os cidadãos.

Com o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição de que o caminho trilhado trouxe mudanças e provocou sensíveis transformações no campo museal e museológico, quero registrar publicamente que, sem a contribuição de todos vocês, o trabalho do Ministério da Cultura não aconteceria. De modo rigoroso, o Ministério da Cultura e os museus são vocês, são vocês e somos nós, e, como poderiam dizer os estudantes aqui

presentes, a cultura e os museus são a nossa força e a nossa voz.

No período de 13 a 17 de dezembro de 2004, estive presente no *1º Fórum Nacional de Museus*, realizado em Salvador, Bahia. Sem dúvida, aquele foi um evento de grande significação, foi um marco extraordinário: reuniu aproximadamente 500 pessoas e ancorou o *1º Encontro Nacional de Estudantes de Museologia*. Lembro-me de que, na ocasião, saudei os professores, os pesquisadores e os profissionais de museus e, de modo especial, saudei os estudantes de museologia, reconhecendo a importância para o Brasil da diversidade de vocações profissionais. Hoje, aqui e agora, quero dizer e reafirmar com outras palavras aquilo que já foi dito: os jovens que aqui estão presentes representam uma vocação especial, representam uma vocação profissional criativa que vincula passado, presente e futuro na perspectiva cultural. E tudo isso contribui para a construção de identidades que se fazem e se refazem permanentemente.

Ouro Preto é uma cidade-museu e também uma cidade de museus. Nesse sentido, quero saudar a escolha de Ouro Preto para a realização do *2º Fórum Nacional de Museus*. Esta é uma escolha que combina pelo menos quatro dimensões: a artística, a temporal, a espacial e a política. Afinal de contas, Ouro Preto, elevada à categoria de patrimônio nacional ainda em 1933, está intimamente ligada à história da museologia e do patrimônio no Brasil e foi aqui que, em 1956, aconteceu o *I Congresso Nacional de Museus*.



Hoje, meio século depois, desenhando o Oroboro, voltamos a Ouro Preto para realizar o *2º Fórum Nacional de Museus*. A presença e participação de 1.200 pessoas é uma indicação nítida da potência cultural do campo museal.

Os museus, como todos vocês sabem, estão articulados com a saúde, com a arte contemporânea, com a história, com a memória, com o esporte, com a educação, com o turismo, com a ciência. A transversalidade dos museus foi um ponto reconhecido e valorizado desde o início da nossa gestão no Ministério da Cultura. Reconhecemos a presença dos museus em diversos ministérios, no Poder Executivo, no Judiciário e no Legislativo, nas administrações públicas federal, estadual e municipal e também na administração privada e no chamado terceiro setor. Reconhecemos esta extraordinária transversalidade e trabalhamos com ela de modo inclusivo.

Amigos e amigas aqui presentes, eu sei que muito trabalho aguarda por todos vocês e, desde já, apresento votos de êxito total e solicito que mantenham em mente os objetivos do *2º Fórum Nacional de Museus*, entre os quais deve ser sublinhado o de contribuir para o desenvolvimento e a consolidação da Política Nacional de Museus. Esse é um nobre objetivo e merece, segundo compreendo, toda a nossa atenção. Dele depende, pelo menos em parte, o futuro próximo dos museus; dele depende a continuidade das fainas e das conquistas realizadas, que, diga-se de passagem, não foram poucas.

Entre os programas, projetos e atividades desenvolvidos pelo Ministério da Cultura por intermédio do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos últimos anos, destacam-se:

- Os investimentos realizados nestes quatro anos, que deverão chegar a 300 milhões de reais. Merecem destaque os editais do Ministério da Cultura, do Banco Nacional de Desenvolvimento Social, da Caixa Econômica Federal e da Petrobras, que democratizaram o acesso aos recursos destinados aos museus brasileiros A política cultural ganhou um caráter mais participativo e inclusivo.
- Restauração e modernização dos museus do Ministério da Cultura.
- Programa nacional de formação e capacitação de recursos humanos para profissionais de museus em todo o território nacional. Até o mês de julho passaram mais de 10 mil pessoas por este programa. Chegaremos, ao final de 2006, a um total de 13 mil profissionais capacitados.

- Apoio e estímulo à criação de cursos de museologia tanto em graduação como em pós-graduação. Saltaremos de três para oito cursos de graduação, além da criação do curso de pós-graduação em museologia e patrimônio da Unirio.
- Semana Nacional de Museus. Em 2003, começamos com 270 eventos realizados, com participação de 120 instituições. Neste ano [2006], foram realizados mais de 1.200 eventos em todos o estados e o Distrito Federal, envolvendo mais de 350 instituições.
- Implantação e desenvolvimento do Cadastro Nacional de Museus. Já mapeamos 1.770 museus, que estão em processo de cadastramento.
- Amplo programa de publicações voltadas para a área museológica, com a edição de boletins semanais, revistas, relatórios e manuais técnicos.
- Implantação e desenvolvimento do Observatório Nacional de Museus e Centros Culturais em parceria com a Fundação Osvaldo Cruz do Ministério da Saúde e o IBGE.
- Apoio do Ministério da Cultura na criação de espaços museológicos de relevância nacional.
- Criação do Sistema Brasileiro de Museus, que, a esta altura, está em pleno funcionamento.
- Consolidação do "Estatuto dos Museus do Brasil". Projeto de lei construído com ampla participação e entregue à Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.
- Realização de concurso público para o preenchimento de 222 vagas no Iphan. Dessas vagas, 37 destinaram-se aos museus, sendo 23 de museólogos. Trata-se, sem dúvida, do maior concurso já realizado para a contratação de profissionais de museus.
- Saltamos de 17,5 milhões de visitantes a museus no ano de 2003 para 20 milhões de visitantes em 2005.

Criação do Instituto Brasileiro dos Museus, já aprovado pelo Ministério do Planejamento e que se encontra hoje para aprovação do Presidente da República.

Temos trabalhado com afinco na consolidação de uma política pública de cultura que contemple com especial carinho o campo dos museus, que, como já tive ocasião de dizer, estão vivos e bem vivos; temos feito com afinco o ofício que nos cabe por dever e ficamos felizes quando podemos perceber que o nosso ofício contribui para a renovação e o desenvolvimento de outros ofícios.

A síntese destes quatro anos de trabalho está representada na instituição de 2006 como o Ano Nacional dos Museus, que se trata de um ato de reconhecimento de cada um dos ofícios

dos museus, de cada uma das ações desenvolvidas pelos museus, da vitalidade museológica brasileira e da dedicação dos trabalhadores dos museus na preservação da memória do país.

A expressividade dessas ações ultrapassou as fronteiras nacionais. Pela consistência da política pública para a área dos museus, o Brasil se tornou uma referência, constituindo parceiros nos mais diversos países. Exemplo é a proposta apresentada pelo Brasil aos países ibero-americanos de instituir 2008 como o Ano Ibero-americano dos Museus, aprovada por unanimidade.

Povo das Musas, dos Museus e da Museologia – permitam-me chamá-los carinhosamente assim –, temos convivido intensamente nos últimos quatro anos e, nesta convivência, temos realizado muitas coisas e construído juntos experiências, sonhos, projetos e planos. Faço votos para que eles tenham vida longa.

Para todos os presentes – e, especialmente, para os estudantes –, eu gostaria de dizer: não estamos construindo sem uma orientação, continuamos simbolicamente conectados à constelação do Cruzeiro do Sul e queremos construir um Brasil mais justo, harmonioso e solidário. Os museus e todos os seus profissionais são indispensáveis em todo este processo de construção.

Com estas palavras, realizo a abertura oficial, neste Ano Nacional dos Museus, do *2º Fórum Nacional de Museus*. Bom trabalho para todos! Vida longa e criativa para a Política Nacional de Museus! Vida longa e criativa para os museus e para a museologia!

Muito obrigado.

Discurso do diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais, senhor José do Nascimento Junior, realizado no dia 22 de agosto de 2006, por ocasião da abertura do *2º Fórum Nacional de Museus*

Boa tarde a todas e todos os presentes. Boa tarde, ministro de Estado da Cultura, sr. Gilberto Gil.

Boa tarde, presidente do Comitê Internacional de Museus, sra. Alessandra Cummins.

Boa tarde, presidente do Iphan, sr. Luiz Fernando de Almeida.

Boa tarde, secretária de Estado da Cultura de Minas Gerais, sra. Eleonora Santa Rosa. Ao cumprimentá-la, quero agradecer o apoio da Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais a este *Fórum*.

Boa tarde, prefeito de Ouro Preto, sr. Ângelo Osvaldo de Araújo Santos. Ao cumprimentá-lo, quero agradecer o apoio da Prefeitura Municipal de Ouro Preto, a qual, desde o primeiro instante, colocou-se à disposição deste evento. Agradeço também à sra. Celina Albano, assessora do Gabinete, que, apoiando a criação de trabalhos sobre a imagem dos museus na rede escolar, estimulou o envolvimento da cidade no *Fórum*.

Boa tarde, presidente da Associação Brasileira de Museologia – ABM, sr. Adolpho Samyn. Agradeço a parceria na realização deste evento.

Boa tarde, presidente do Icom Brasil, sr. Carlos Roberto Brandão.

Boa tarde, presidente do Conselho Federal de Museologia – Cofem, sra. Telma Lasmar.

Boa tarde, participantes do *II Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia – Enemu*.

Quero agradecer aos apoiadores deste evento, Petrobras, Caixa e BNDES, que têm acreditado nas ações das políticas públicas da área de museus.

Quero agradecer aos Correios, pela parceria na

realização deste evento.

Quero agradecer aos museus de Ouro Preto, pelo empenho na realização deste *Fórum*.

Quero agradecer aos funcionários do Museu Inconfidência, pela dedicação a este evento.

Quero agradecer aos funcionários do Iphan e, em especial, à equipe do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan.

O país vive um momento muito particular: depois de longo tempo, tem a possibilidade de constituir, olhando para o futuro, uma visão de nação planejada, alicerçada em políticas que viabilizem a inclusão de vastas camadas da população nos parâmetros de cidadania, e que se expressa, entre outros fatores, pela democratização do acesso aos bens culturais.

Em termos da construção da política cultural no país, estamos agora em um ciclo que, diferentemente dos momentos anteriores, tem na democracia a sua gênese. Este é um grande diferencial, pois pela primeira vez tem-se a oportunidade de pactuar uma política de cultura com os mais diversos atores do campo cultural. A atitude democrática se reflete na elaboração do Plano Nacional de Cultura e na implantação do Sistema Nacional de Cultura, que articularão os setores do governo e da sociedade civil em uma nova prática de gestão da cultura, constituindo um modelo público republicano, em contraposição à velha dicotomia do estatal *versus* privado.

Este *Fórum*, com certeza, ficará marcado para o campo museológico brasileiro. Temos aqui presentes cerca de 1.200 técnicos de museus e estudantes profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, que contribuem para o desenvolvimento do campo museológico. De todos os estados e do Distrito Federal. Isso mostra que a construção do campo museológico é plural e diversificada, mas é também é específica. Nós, que temos o patrimônio como objeto e a museologia como sujeito, sabemos que a construção plural do conhecimento faz com que nossos museus sejam dinâmicos e tenham, nessa pluralidade e nessa diversidade, a sua força.

Este *Fórum* tem como um de seus objetivos ser um espaço de diálogo entre os diferentes sem hierarquias, um espaço horizontal de debates visando aprofundar a construção de políticas públicas para a área da museologia.

O espírito desse *Fórum* deve ser aquele indicado por Norberto Bobbio, que, ao falar de sobre cultura, diz: "Cultura é equilíbrio intelectual, reflexão crítica, senso de discernimento, aborrecimento perante qualquer

simplificação, qualquer maniqueísmo, qualquer parcialidade".

O tema deste *Fórum*, "O futuro se constrói hoje", tem o papel inspirador de pensar as políticas públicas para o campo da memória em uma perspectiva contemporânea, incorporando novos fazeres novos atores sociais, ressignificando o patrimônio e renovando o campo museológico.

Temos um desafio conceitual a ser enfrentado de sairmos da retórica de uma museologia crítica para avançarmos a uma prática que faça nossos museus se aproximarem cada vez mais das realidades sociais, que consigam transpor para sua ação cotidiana um fazer museológico de qualidade social ampla e democrática. Devemos construir um museu moderno, de espírito público e como espaço cidadão.

Este *Fórum* deve apontar na direção de uma agenda propositiva de trabalho, construindo as redes temáticas, debatendo a diversidade museal brasileira, buscando caminhos para que Estado e sociedade possam avançar em um pacto pela cultura, pelo patrimônio e pelos museus.

Este *Fórum* é o resultado da busca da inserção dos museus brasileiros no projeto de nação. Só existe projeto de nação quando temos um projeto cultural claro e um projeto na área da memória de caráter estratégico. Sem isso, não é possível falar em identidades e diversidades, e muito menos em nação. Este deve ser o verdadeiro superávit que devemos buscar: o superávit cultural.



E este *Fórum* é o resultado da contribuição dos profissionais e instituições do campo de museológico que se colocaram perante os governos como parceiros e protagonistas na construção de políticas públicas. Sem essa participação ativa não seria possível chegarmos até aqui.

Quero aqui me dirigir aos estudantes presentes participantes do *II Enemu*. Certamente é a geração de vocês que vai usufruir de tudo o que fizemos nestes quatro anos e, com certeza, serão vocês que terão a tarefa de levar adiante essas conquistas e superar os limites atuais.

Esta é a aposta na construção da relação com vocês, pois vocês é que vão nos suceder nestes espaços.

Amigos, este *Fórum* foi pensado e trabalhado com carinho para que vocês aqui, em Minas Gerais, em Ouro Preto, tivessem a melhor acolhida e condições que possibilitassem a reflexão. Também para que a hospitalidade mineira fosse um campo fértil para alcançarmos os melhores resultados.

Sr. Ministro Gilberto Gil, quando comemoramos o Ano Nacional dos Museus, chegamos aos últimos meses desta fase da sua gestão à frente do Ministério da Cultura com o sentimento de que os passos foram dados para a tarefa delegada por Vossa Excelentíssima de construção de uma política pública para os museus. Sabemos que ainda falta muito, porém ficou demonstrado que a vontade política dos dirigentes pode fazer a diferença nesta trajetória.

Como o futuro se constrói hoje, quero agradecer a confiança no setor museológico. Sem seu apoio e sua participação ativa, certamente não chegaríamos aqui. Independentemente dos caminhos futuros, entreguei a este desafio o melhor das minhas possibilidades. Os limites são certamente os meus limites, que os colaboradores ajudaram a superar.

Como disse Drummond,

> Amar o perdido
> deixa confundido
> este coração.
> (...)
> Mas as coisas findas,
> muito mais que lindas,
> essas ficarão.

Quero aqui parafraseá-lo, ministro, e dizer já tenho saudades do futuro.
Muito obrigado.

Palavras da presidente do Icom, professora Alissandra Cummins

Sinto-me muito honrada por ter sido convidada, em nome do Conselho Internacional de Museus (Icom), para lhes falar neste prestigioso evento e, assim, contribuir, ainda que modestamente, para o enriquecimento da vital e energética profissão museal no Brasil. Também estou contente por me dirigir a esta audiência particularmente, tendo em vista que o Conselho Internacional de Museus, ao qual tenho o privilégio de presidir, definiu sua intenção de trabalhar de modo mais pró-ativo com as entidades de formação e as organizações de museus nacionais e locais no trato de assuntos estratégicos que afetam a comunidade dos museus.

Como eu mesma sou oriunda da região mais ampla da América Latina e do Caribe, aprecio profundamente os programas museológicos que procuram ir além do museu tradicional, o qual tem seu valor fortemente vinculado às suas coleções de objetos e não consegue atender adequadamente às necessidades de sua audiência mais crítica e discernente: a população local. Ao contrário, o verdadeiro patrimônio de nossa região é som, sintaxe, luz, cor, ritmo, cheiro, movimento, espaço, textura e gosto, aquela mistura complexa de intangíveis que, combinada com a retenção subconsciente da memória e a deliberada evocação oral da tradição, recupera um patrimônio fragmentado, que demanda novos modos de comunicação, tanto aos visitantes como a nós mesmos.

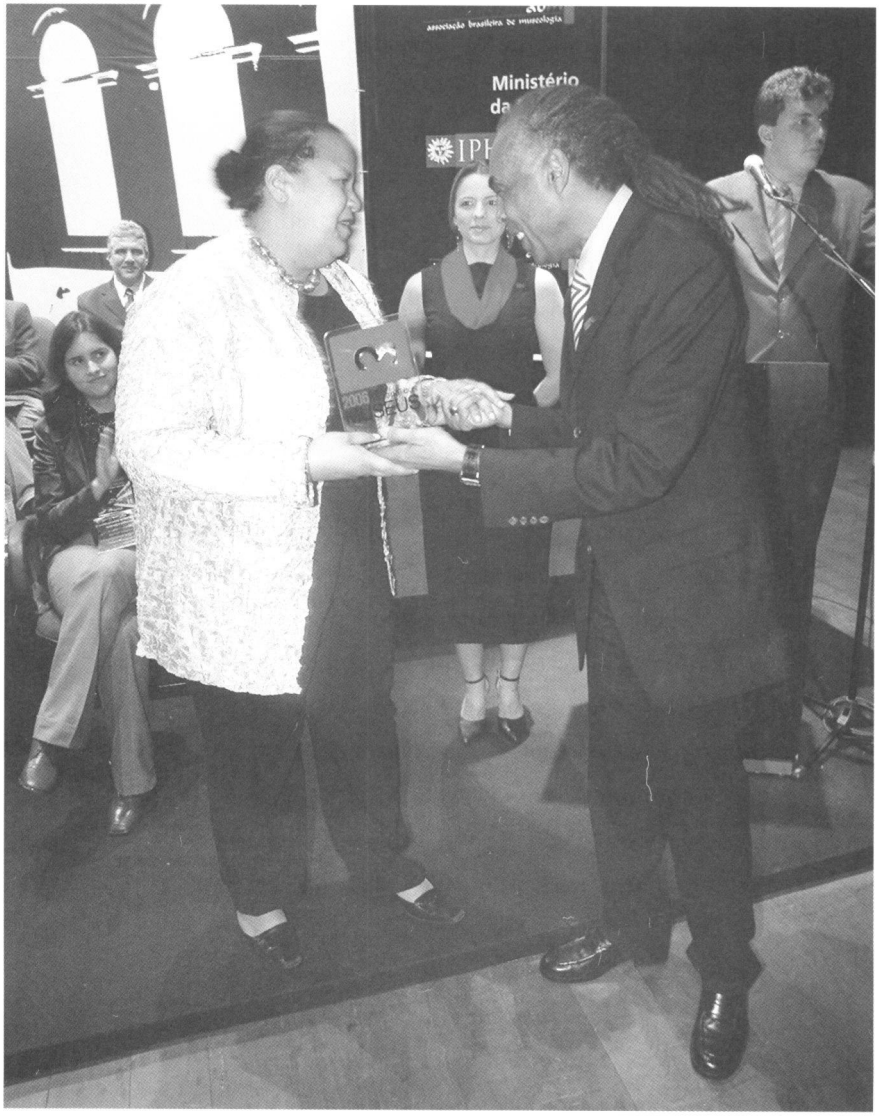
Minha palestra vai, portanto, oferecer algumas perspectivas da situação global dos museus, em que tanto governos como comunidades enfrentam disputas por questões de identidade versus isolamento, auto-estima e auto-empoderamento na tarefa de construir/reconstruir – e, em alguns casos, desconstruir – histórias e heróis como parte do processo de construção das nações. O estabelecimento de parâmetros de atuação adequados no campo da administração dos museus é, portanto, parte integrante deste processo.

Introdução

O gentil convite do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan para lhes falar hoje proporcionou a oportunidade de discutir questões

relacionadas aos princípios de ética e justiça. Vou delinear o que pretendo abordar nesta palestra.

Começarei com um esboço global, num contexto amplo, do estabelecimento do Icom, sua missão e seu mandato. Farei referência brevemente ao desenvolvimento histórico da formação em museus e museologia no contexto do Icom. Então, abordarei alguns assuntos ligados à comunidade museal de hoje, que precisam ser abordados em termos do preparo de novas gerações de profissionais de museus. Finalmente, vou esboçar as estratégias que o Icom desenvolveu e projetou para implementação, detalhando algumas iniciativas recentes que estão sendo empreendidas, e traçar algumas conclusões, visando demonstrar a contribuição feita pelo Icom ao atingir tais objetivos.



1. O CONTEXTO GLOBAL

O Icom foi fundado em 1946, no espírito pós-guerra da reconstrução pela cultura, educação e ciência, como uma das primeiras ONGs de patrimônio cultural, um ano depois da constituição da Unesco, que faz 60 anos.

O Icom é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, financiada basicamente por anuidades de associação e apoiada por diversas organizações públicas e privadas. Hoje, seis décadas após sua fundação, a organização tornou-se uma rede singular e culturalmente diversificada de indivíduos e

instituições que contribuem voluntariamente com sua capacidade técnica e seus recursos para a preservação e a proteção do patrimônio cultural e natural ao redor do mundo. Os mais de 21 mil membros do Icom – tanto institucionais como individuais –, 148 países, 114 comitês nacionais, 30 comitês internacionais ou científicos, 15 organizações internacionais afiliadas e seis organizações regionais atestam o grau de inclusão alcançado e constituem um tributo ao papel que desempenha para a profissão e para a comunidade mundial.

Após a recuperação da devastação causada pela Segunda Guerra Mundial, o papel do Icom tem estado em permanente evolução, adaptando sua estrutura e seu foco às necessidades dos tempos.

A partir de um momento original de orquestração da resposta da profissão para a recuperação dos danos infligidos ao patrimônio cultural mundial pelas devastações da guerra, a organização tem se dedicado à comunicação desse mesmo patrimônio como meio de garantir e preservar valores essenciais da humanidade.

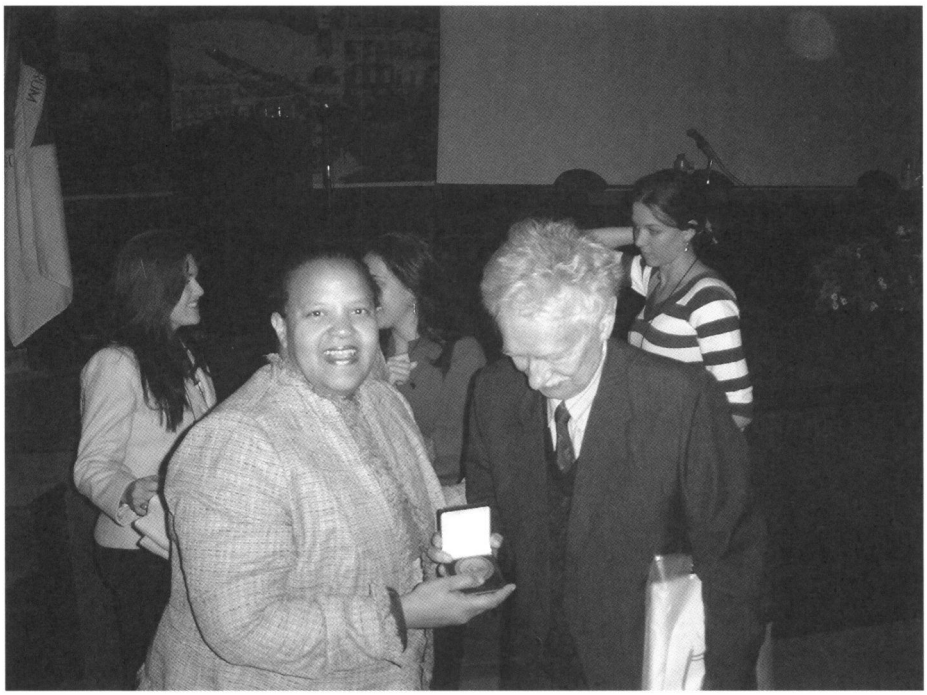
Ao longo dessa trajetória, o Icom nunca perdeu de vista as necessidades de seus membros: publicações, cursos, seções de treinamento, oficinas de capacitação, seminários e conferências gerais regulares têm sido e são organizados em todo o mundo para promover o estabelecimento de redes e o intercâmbio de experiências entre profissionais de museus.

Tendo em vista que os museus são empreendimentos inerentemente interdisciplinares, interculturais e educacionais, o desenvolvimento dos museus tornou-se cada vez mais identificado com o desenvolvimento econômico e social e a sustentabilidade de cidades, regiões e nações ao redor do mundo. O papel do Icom tem sido apoiar o desenvolvimento museal e profissional.

Solicitada a definir padrões para a gestão dos museus e as práticas profissionais, a organização adotou, em 1970, a Ética de Aquisições, que seria seguida, em 1986 – há 20 anos e, precisamente, na América Latina – pelo Código de Ética Profissional, sendo este último de adesão compulsória por todos os seus membros e instituições. Traduzido em muitos idiomas, o Código de Ética já se tornou um marco para todos os seus membros e certamente para qualquer corpo profissional de museus.

2. Formação para a área dos museus e desenvolvimento museológico

Em 1955, o Secretariado do Icom, sob a liderança de Georges-Henri Riviére, propôs que o Icom indicasse um ou mais especialistas para assessorar a Unesco.



como profissão e como carreira. Esse seminário foi posteriormente sucedido por um Simpósio Internacional com a Unesco sobre o papel educacional e cultural dos museus, realizado em Paris, em 1964.

O Comitê para Treinamento de Pessoal do Icom anunciou em 1966 planos para a realização de três cursos experimentais de formação sob os auspícios diretos do Icom, como parte do estudo dos métodos de formação. O Icom também fez preparativos para a reunião de todos os especialistas europeus que estivessem trabalhando diretamente no campo da formação para a área dos museus. Essa reunião foi levada a cabo em Brno, Tchecoslováquia, em 1967, tendo sido seus 13 participantes trazidos de oito países europeus. O objetivo da reunião era tentar coordenar o trabalho do pequeno número de centros permanentes de formação na área dos museus nas diferentes partes da Europa, sob a liderança do Icom, visando coordenar seus programas de ensino, diplomas e métodos de ensino, bem como promover intercâmbios entre os diversos centros europeus de formação de professores, estudantes e filosofia de formação em estudos de museus.

Três anos depois, Georges-Henri Riviére mais uma vez tomou essa iniciativa, desta vez em nome da própria Unesco, no Seminário Regional sobre o Papel Educacional dos Museus, realizado no Rio de Janeiro, no qual abordou a "Formação dos trabalhadores de museus e a melhoria de suas qualificações", incluindo em seu relato assuntos gerais relacionados à formação na área dos museus, três diferentes níveis de necessidades de formação (definidos como formação básica, formação geral em museologia e formação especializada ou avançada em museologia), juntamente com uma resenha de amplo alcance sobre o trabalho nos museus

A decisão de maior alcance da reunião foi a de centralizar no secretariado do Icom as informações sobre os respectivos programas de formação e currículo, com o objetivo de que o secretariado preparasse o primeiro esboço do que seria descrito de maneira geral como um "programa básico comum", ou "plano básico de ensino", que, com uma discussão mais aprofundada e maior desenvolvimento, pudesse ser adotado como base comum tanto para os cursos de formação existentes como para quaisquer novos programas de formação para equipes que viessem a ser propostos no futuro. Além disso, a reunião resolveu que:

> a) a museologia deveria der reconhecida como verdadeira disciplina em seu próprio direito e
>
> b) era necessário dar tanta importância ao ensino da museologia quanto ao da museografia, e distinguir entre a formação para futuros dirigentes de museus e futuros técnicos de museus, cuja formação poderia ser estritamente museográfica em seu conteúdo.

Patrick Boylan observou:

> Acho justo dizermos que, embora inteiramente bem-intencionados, a tentativa do item (b) acima, de distinguir no momento inicial de acesso ao trabalho nos museus, entre futuros "*museólogos*", que presumivelmente iriam progredir para níveis mais elevados da profissão, e "*museógrafos*", que permaneceriam num nível estritamente técnico, tem sido uma fonte de considerável dificuldade e por vezes de tensão nos anos subseqüentes. Apesar da complexidade sempre maior do trabalho museológico, e a conseqüente dissolução daquilo que acredito terem sido, já em 1967, limites artificiais, a dicotomia perceptível entre o curador ou museólogo e todas as outras categorias de funcionários dos museus é ainda hoje uma fonte de dificuldades, apesar do desafio frontal feito a essas suposições pelo Simpósio de Bergen do Icom, realizado em 1981.

A evolução do comitê internacional do Icofom proporcionou ao Icom seu fórum permanente para examinar as questões oriundas do debate continuado e seu contexto central, de modo a desenvolver uma conseqüente linguagem museológica em resposta a esse debate.

É possivelmente nesse contexto que o Icom mais aprecia o trabalho do Brasil neste campo. Ele abraçou os valores e institucionalizou os processos necessários para o desempenho dessa missão crucial. Há alguns países (algumas regiões) que estabelecem a estrutura de um processo museológico sobre a qual podem assentar o seu trabalho, mas o

Brasil é um dos poucos lugares onde se tem a experiência de um sentido inerente da ética museológica fundamentando as atividades de desenvolvimento dos museus.

3. Questões que afetam atualmente a comunidade museal

A percepção da existência de um processo difundido de globalização, que ameaça a identidade de culturas minoritárias – e com ela, todo o patrimônio cultural mundial –, instou o Icom a adotar novas iniciativas para a proteção da diversidade cultural.

Sabemos que estamos numa encruzilhada, em termos de definir conceitualmente e por meio de normas e padrões internacionais o modo como o patrimônio está sendo concebido. De fato, a cultura e o patrimônio não estão apenas sendo redefinidos, mas também matizados. A sociedade está lentamente começando a aceitar – não sem compreensíveis dificuldades – uma noção mais ampla de patrimônio, que inclua o intangível – expressões de diversidade cultural, tais como as línguas, musica, dança, teatro, práticas sociais (rituais e celebrações) e conhecimentos tradicionais – como um componente indissolúvel do tangível. Não é mais suficiente que os museus e profissionais do patrimônio se ocupem apenas dos desafios diretos relacionados à conservação e à comunicação dos objetos sob seu cuidado – de seu patrimônio tangível. Como notou Pierre Nora em sua *Apologia do perecível*,

> [...] a extensão do conceito de patrimônio tem sido acompanhada por uma extraordinária e notável diversificação... É de fato uma nova forma de conduzir nossa relação com o tempo e o espaço que está sendo estabelecida, uma vasta manifestação de nossa memória histórica e uma mudança em seus suportes de referência tradicionais.

A partir do momento em que se compreende que o conceito de patrimônio inclui o intangível como componente indissolúvel do tangível, não é mais suficiente que os museus e profissionais do patrimônio se ocupem apenas dos desafios imediatos afetos à conservação e à comunicação. Temos consciência da necessidade de uma proteção e de uma preservação complementares e abrangentes, tanto do patrimônio tangível como do intangível. A preocupação do Icom com tais medidas globais espelha o compromisso ativo da organização no processo de elaboração de uma posição forte e de princípios com relação às convenções internacionais para a proteção do patrimônio cultural em seu sentido mais amplo. Estamos situando os museus como parceiros essenciais no processo de desenvolvimento das estratégias nacionais e regionais para a implementação da *Convenção Internacional para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível*.

Neste sentido, o Icom tem promovido, mesmo antes de 2002, a proteção do patrimônio intangível no mundo, como fator equilibrante dos efeitos homogeneizadores da globalização. Em 2002, o Icom produziu o que se denominou de "Carta de Xangai", na qual nossos membros afirmaram a

> [...] significância da criatividade, adaptabilidade e a distinção de povos, lugares e comunidades como a estrutura na qual as vozes, os valores, as tradições, línguas, história oral, os modos de vida populares e assim por diante são reconhecidos e promovidos em todas as práticas patrimoniais e museológicas.

Esta Carta, distintos colegas, antecipou a *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível* da Unesco de 2003, demonstrando que, por intermédio de vocês, os profissionais do patrimônio, nossa organização pode, de fato, modelar a trajetória da sociedade.

Mesmo antes de ter sido adotada a Convenção, o Icom foi convidado pela Unesco para participar da avaliação das indicações para as "Obras-Primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade". A proclamação, por exemplo, do samba de roda do Recôncavo da Bahia como obra-prima do patrimônio intangível atesta a sensibilidade do Brasil ao patrimônio intangível e o papel pró-ativo do seu país na sua proteção.

Agora que a Convenção foi ratificada por mais de 30 países, e entrando, assim, em vigor, o aconselhamento do Icom está sendo procurado pelas agências internacionais.

Outra iniciativa recente digna de nota desenvolveu-se no decorrer da Conferência Geral do Icom com o tema "Museus e patrimônio intangível", realizada na Coréia, em 2004. Trata-se do lançamento do *Jornal Internacional do Patrimônio Intangível*, o primeiro jornal acadêmico do mundo dedicado ao patrimônio intangível, publicado na Coréia com o Icom-Coréia e o Museu Nacional do Folclore da Coréia, fato que enfatiza nosso compromisso com esse aspecto do legado da humanidade.

O Icom engajou ativamente a comunidade museal como fórum internacional para o debate museológico. A seguinte citação do documento do ICTOP lhes dará uma noção clara do desafio posto aos profissionais de museus de hoje e de amanhã:

> O patrimônio intangível orienta-se, por definição, pelas pessoas, em vez de se centrar nos objetos. Em sua essência, a adoção da nova iniciativa transformará as relações entre os museus e seus públicos e seus investidores.

> Entre os resultados estarão solicitações de pessoas de diversos campos para participar de diálogos substanciosos a respeito de seu patrimônio intangível, e para partilhar a autoridade na definição e na curadoria da interpretação feita pelo museu acerca de seu patrimônio. O resultado desses esforços será uma mudança de paradigma de excepcional magnitude. Durante a transição, os museus estarão em um estado de fluidez. Mas, como profissionais desse campo, esta é uma tarefa que precisamos empreender. É fundamental compreendermos e respeitarmos tanto o patrimônio tangível como o intangível e suas relações, se pretendemos manter relações mais próximas com nossos visitantes e nossas comunidades.

Nesse sentido, interessei-me em saber como os museus acessam um patrimônio mais profundo pela memória. Tanto individual como institucional ou comunitária, a memória é a chave para a revelação do patrimônio violento, porém freqüentemente silencioso, que muitos de nós partilhamos. Recentemente travei conhecimento do excelente trabalho desenvolvido pelo Museu do Distrito Seis da África do Sul e da La Maison des Esclaves, do Senegal, ambos pertencentes à Coalizão Internacional de Sítios Históricos de Consciência, caracterizados como "museus de desastre".

No contexto de um museu de sítio, o patrimônio intangível referente a eventos desastrosos provocados pelo homem, tais como a guerra, a escravidão, o genocídio e a apartheid, podem certamente ser tornados tangíveis e traduzidos em termos educacionais e pró-ativos para o visitante comum. Histórias orais, música, dança, línguas e outros traços imateriais de culturas minoritárias inteiras estão sendo revelados por um novo tipo de curador de museus a quem poderíamos chamar de arqueólogo do intangível. O sentido de lugar, a comunidade local e os sítios ligados a eventos, que juntos realizaram funções para gravar nas mentes de novos povos as lições que se pode aprender do passado, não para imprimir ressentimento nos espíritos, mas para forjar novas ferramentas para a compreensão e o diálogo, para encontrar meios pacíficos para a resolução de conflitos e para construir as bases para um desenvolvimento cultural responsável e sustentável.

Com as comemorações da abolição da escravatura agendadas para 2007 no mundo anglófono e vários projetos de extensão ao projeto da Rota da Escravidão da Unesco, podemos observar com alegria e grande expectativa que está se abrindo uma nova era para a abolição da opressão e da ignorância, da guerra e da ganância. O reconhecimento dos horrendos sofrimentos guia uma nova geração na produção da liberdade, evocando tais

horrores para erradicar as condições de sua recorrência no futuro.

Uma outra iniciativa de proteção da diversidade cultural é mais um dos principais compromissos do Icom: a luta corrente contra o tráfico ilícito de bens culturais, que corrói a identidade de comunidades, privando-as de elementos de referência de seu patrimônio cultural.

O Icom lança campanhas de conscientização pública de instrumentos de prevenção do tráfico ilícito, tais como as séries de *100 objetos faltantes* (até o momento, foram produzidas três publicações desse tipo – África, América Latina e Europa), posteriormente complementadas pelas publicações da *Lista vermelha* (até o momento, foram produzidas quatro publicações: uma para a África, uma para a América Latina, uma para o Iraque e a mais recente para o Afeganistão), contendo objetos culturais protegidos. A Interpol e a Organização Mundial de Alfândegas, para mencionar apenas duas agências internacionais, têm considerado esses instrumentos de utilidade inestimável e mais uma vez recorrem à experiência e à assistência do Icom no combate às atividades ilegais no campo do patrimônio cultural e natural.

Esses instrumentos de conscientização são complementados pela adição relativamente recente dos *Object ID* – padrões mínimos para a documentação e o inventário de objetos de arte (desenvolvidos pelo Instituto J.P. Getty e atualmente administrados pelo Icom), sendo estes últimos instrumentos essenciais na luta contra o trafico ilícito de bens culturais.

Governos, agências internacionais, museus e instituições de arte estão todos alistados nesta batalha deveras árdua, na qual o Icom tem alcançado vitórias significativas. Mas, sem dúvida, a luta continua, e requer que sejamos todos atores nesse campo de batalha. Uma estrita fidelidade dos museus e profissionais ao nosso Código de Ética, no que se refere à aquisição de obras de arte ou mesmo à sua exibição ou doação, sem dúvida ajudará a mitigar essa atividade criminosa.

Como o trafico ilícito tem se tornado cada vez mais objeto de legislações nacionais e internacionais, novas questões têm se imposto, questões com as quais o Icom está lidando ou em relação às quais está definindo sua posição.

Um desenvolvimento mais recente é a resposta do Icom às iniciativas de restituição, que têm ocorrido com mais freqüência nos últimos anos. Desde a *Conferência Geral de Londres* de 1983, o Icom tem apoiado e encorajado a resolução amigável de disputas sobre a propriedade de bens culturais e a restituição de patrimônio cultural de valor icônico para

seus povos de origem. Ainda que não haja um claro direito legal que apóie tais demandas, é preciso, não obstante, levar em consideração a obrigação moral que recai sobre todos nós, de reconhecer a validade tais direitos. Essas disputas cada vez mais resultam em ações legais longas e extremamente caras, que freqüentemente questionam e prejudicam a credibilidade das instituições envolvidas.

O Icom retomou recentemente a política estabelecida de buscar acordos voluntários para tais disputas e de estimular e ajudar igualmente tanto os museus como aqueles que demandam contra eles, de modo a buscar uma mediação mais informal como alternativa para as ações jurídicas. Consequentemente, o Conselho Executivo do Icom adotou em sua reunião de dezembro de 2005, em Viena, um "Processo de Mediação na Resolução de Disputas sobre a Propriedade de Objetos nas Coleções Museológicas".

Além disso, o Icom tem adotado uma abordagem pró-ativa na formulação de mecanismos que respondam às necessidades dos países atingidos pela devastação que acompanha os desastres naturais, assim como os causados pelo homem. Já está estabelecido nosso Programa de Prontidão Emergencial dos Museus, em cujo âmbito recentemente concluímos um curso de sete meses de duração na Ásia, chamado "Trabalho de Equipe para a Administração Emergencial Integrada", abordando todos os aspectos da administração do risco: desde o diagnóstico e prevenção até a reação e recuperação. Em dezembro de 2004, a participação do Icom na reação internacional ao tsunami de 26 de dezembro resultou na criação da Força Tarefa de Assistência a Desastres, do Fundo de Assistência a Desastres e do *Website de Assistência a Desastres*. O conhecimento adquirido, a rede profissional criada e a documentação reunida por ocasião do Programa Emergencial de Museus ao longo dos últimos três anos possibilitaram uma rápida e efetiva contribuição de conteúdo para o *Website de Assistência a Desastres*, o qual, por sua vez, foi projetado para atuar como instrumento permanente para qualquer país do mundo e para qualquer outro desastre que o afete.

O Icom estabeleceu ainda um Fundo para Museus de Assistência a Desastres, por meio de campanhas de conscientização na mídia, inspeções locais, projetos de assistência, programas de capacitação *post-facto*, produção de instrumentos de gestão de risco ou qualquer outra ação julgada necessária.

O Icom continua a aprimorar seus instrumentos disponíveis e desenvolver novos para atender à proteção do patrimônio cultural

e da diversidade cultural. As tecnologias de comunicação e informação via internet certamente colocam um desafio à diversa riqueza cultural da humanidade. Contudo, são também instrumentos para a sua proteção. O Icom promoveu e administrou o domínio de alto nível *dotMuseum* e pretende convertê-lo em um veículo de alcance global e pesquisa nos aplicativos ICT de patrimônio, disseminação de conhecimento, conscientização e serviços digitais. Novas oportunidades estão sendo testadas no campo do ensino à distância (por meio do inovador programa do Icom "Trabalho de Equipe para Prontidão de Museus", anteriormente mencionado). Tanto o *dotMuseum* como o *website* do Icom vão estimular o envolvimento ativo da comunidade museológica internacional e, a partir dos aspectos multilíngües do Nome de Domínio Internacionalizado (IDN), o Icom colaborará para o revigoramento de línguas e comunidades em risco, contribuindo de várias formas para a proteção da diversidade cultural – desta vez, no ciberespaço.

Tal atividade na salvaguarda do patrimônio cultural não poderia ignorar os direitos de propriedade intelectual, particularmente os de comunidades indígenas, e as tradições, todos os quais são para o Icom elementos essenciais da proteção do patrimônio intangível. O Icom, portanto, não só apóia a *Convenção da Unesco para a Proteção e Promoção da Diversidade de Expressões Culturais*, de 2005, mas também está estabelecendo uma parceria com a Organização Mundial de Propriedade Intelectual. Uma das primeiras atividades a serem contempladas nessa colaboração será uma consultoria – entre museus e membros especialistas do Icom – para as diretrizes que a OMPI está esboçando para museus sobre propriedade intelectual. Como Molly Torsen eloqüentemente afirma na introdução de seu projeto "Diretrizes sobre Propriedade Intelectual para Museus e Arquivos",

> Museus e historiadores da arte desempenham papeis inestimáveis na preservação do rico patrimônio cultural de nosso planeta e na promoção de uma compreensão e de um respeito mais amplos pelas culturas diferentes. De antigas tradições a histórias comunitárias, questões de propriedade intelectual surgem ao longo de todo o processo de coletar, catalogar, estudar, registrar, inventariar, conservar e apresentar esses aspectos diferentes da cultura. Mais e mais amiúde, instituições culturais, comunidades indígenas e outros agentes relacionados ao patrimônio cultural buscam informação e aconselhamento referentes a estratégias adequadas que levem em consideração as questões de propriedade intelectual.

Trabalhando no sentido de fazer avançar a noção de uma abordagem inclusiva e unificada

a salvaguarda, identificação e conservação do patrimônio cultural em todos os seus aspectos é um desfio apresentado a todas as agências de patrimônio. O Icom, conforme indicado por sua Assembléia Geral, está preparado para responder a isso, tornando-se uma organização mais flexível e mais capaz, equipada para se encarregar do desafio posto pela mudança e pela diversidade. Faz isso adotando um espírito visionário, capaz de estimular um envolvimento cada vez maior do amplo espectro de membros e profissionais do patrimônio – presentes e futuros – na sustentação e na adoção de seus valores essenciais.

Nos últimos dois anos, como presidente do Icom, tenho tido o privilégio de me encontrar com profissionais de museus na Ásia, África, Europa e nas Américas do Norte e Latina, e tenho testemunhado o vigor e a criatividade dos profissionais de museus, seu bom trabalho e sua habilidade de constantemente enfrentar novos desafios. É essa capacidade única que todos vocês nesta sala têm que permite que museus e organizações como o Conselho Internacional de Museus liderem a transformação social.

4. O plano estratégico do Icom

O Icom, uma organização não-governamental com mais de 21 mil membros – e em crescimento –, é obrigado, por sua missão, a estar atento às mudanças no ambiente do patrimônio cultural e a auxiliar seus constituintes na aquisição dos instrumentos que necessitam para melhor proteger, interpretar e conservar o patrimônio cultural, particularmente por meio da aplicação do Código de Ética para Museus e Profissionais de Museus do Icom. Em resposta ao acima citado, o Icom desenvolveu um Plano Estratégico com as seguintes prioridades estratégicas:

– O Icom gera e dissemina conhecimento
– O Icom é pró-ativo
– O Icom é inclusivo

A proteção do patrimônio cultural é percebida universalmente como um elemento essencial na preservação da identidade dos povos e também como meio de produzir sustentabilidade econômica. Conseqüentemente, novos projetos de museus estão sendo empreendidos por todo o mundo, e mais profissionais devem ser capacitados para atender às necessidades dessas instituições. Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) apresentam oportunidades sem precedentes para informar essa crescente comunidade profissional e para explorar abordagens inovadoras para a proteção do patrimônio cultural e da propriedade cultural em um contexto público.

O Icom fornecerá o conhecimento necessário para fazer frente aos novos e continuados desafios, para facilitar maior acesso a

esse conhecimento ao redor do mundo e para atender às necessidades de seus constituintes e interessados, primeiramente por meio de seus 114 comitês nacionais, 30 comitês internacionais e principais parcerias. O fornecimento de treinamento específico vai melhorar substancialmente as condições do Icom para proporcionar à sociedade um ambiente mais bem equipado para a proteção do patrimônio cultural.

O Icom vai aprimorar seus instrumentos disponíveis e desenvolver novos instrumentos, de forma a alcançar esses objetivos. O Centro de Informações Unesco-Icom, repositório de uma coleção única de materiais de pesquisa sobre as práticas de museus e de patrimônio, tomará providências decisivas para facilitar a consulta direta por pesquisadores e profissionais de museus. Além disso, buscará tornar seus recursos bibliográficos e arquivísticos



disponíveis *online*. Já foram mencionados o *dotMuseum Top Level Domain* (*dotMuseum* Domínio de Alto Nível) e o programa inovador do Icom "Trabalho de Equipe para Prontidão de Museus" para o ensino à distância, que vão demandar a participação ativa da comunidade museológica internacional, assim como a importância do Nome de Domínio Internacionalizado (IDN) para revigorar línguas e comunidades em risco. A presença de profissionais de museus será priorizada nos fóruns de compartilhamento de conhecimento (as conferências trienais e as conferências anuais de seus comitês nacionais e internacionais e organizações regionais). Contudo, devido à necessidade de se obter recursos financeiros para esse ambicioso objetivo de compartilhamento de conhecimentos, novas articulações e parcerias com o mundo acadêmico e com agências internacionais e de fomento serão exploradas, com a finalidade de apoiar os esforços do Icom.

O Icom está comprometido com a identificação e com o atendimento a questões que afetem os museus e a comunidade patrimonial. Melhores práticas museais, o tráfico ilícito de bens culturais e a administração de risco para museus continuarão a ser assuntos com os quais o Icom lidará por meio de seus instrumentos internacionalmente reconhecidos (o Código de Ética do Icom para os Museus, o Programa de Administração de Risco, e a iniciativa da Assistência a Museus para Desastres). O Icom se empenhará especialmente em desenvolver e compartilhar suas perspectivas sobre esses novos assuntos – tais como a proteção ao patrimônio intangível, à diversidade cultural, à identidade cultural no ciberespaço – visando angariar um amplo apoio público internacional e colaboração ativa.

Obrigada por sua atenção.


de Museus

Discurso D. Ecyla Brandão (museóloga)

Mesa-redonda "50 anos do *I Congresso Nacional de Museus*"

24/08/2006

Agradeço ao Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan o convite para minha participação nesta mesa-redonda, que comemora o cinqüentenário do *I Congresso Nacional de Museus*, realizado nesta cidade de 23 a 27 de julho de 1956.

É com muita alegria que aqui estou, recordando meu primeiro contato com esta cidade, quando praticamente iniciava minha carreira no Museu Histórico Nacional. Fiquei maravilhada ao conhecer as grandes personalidades que vieram participar do congresso: Dr. Rodrigo de Melo Franco e os grandes arquitetos do patrimônio, dos quais havia estudado textos publicados; todos os colegas das primeiras gerações de conservadores, os diretores dos principais museus brasileiros e o convidado especial, Dr. Dioclécio Reidig de Campos, o brasileiro chefe da restauração dos museus do Vaticano, que realizou, durante o congresso, magnífica conferência sobre restaurações de obras de Rafael Sanzio.

Nesta simples fala, não quero somente manifestar meu saudosismo, mas dizer o quanto foi importante o *I Congresso*, aquela primeira reunião de dirigentes e técnicos dos museus de arte, de história e de ciências, que exerciam suas atividades em nosso país. Foi, sem dúvida, um marco importante para o desenvolvimento da museologia no Brasil. Procurando rever um pouco da sua história, verifiquei como a década de 50 foi rica em acontecimentos e iniciativas que resultaram em mudanças para os museus brasileiros. Em janeiro de 1954, Dr. Rodrigo havia representado o Brasil no *Congresso Internacional de História da Arte e Museologia*, promovido pelo Metropolitan Museum of Art e Columbia University, realizado em Nova York com delegações de 20 países participantes, seis dos quais do continente americano.

Em janeiro de 1955, foi inaugurado o Museu e Arquivo Histórico do Banco do Brasil, primorosamente instalado num andar do prédio, onde hoje se localiza o Centro Cultural do Banco do Rio de Janeiro. Foi a primeira montagem em museografia moderna que

tive a oportunidade de ver no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, conheci o museólogo e numismata (aqui presente) Santos Trigueiros.

No início de 1956, houve a criação da Organização do Comitê Nacional do International Council of Museum, órgão ligado à Unesco, tendo como seu primeiro presidente Dr. Rodrigo, que idealizou e organizou o nosso *I Congresso Nacional de Museus*. Foi encontrado no Arquivo do Museu da Inconfidência um recorte do jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, datado de 25 de dezembro de 1954, quase dois anos antes. Ele registra uma reunião do Comitê Nacional do Icom, presidida pelo Dr. Rodrigo, com a finalidade de programar e organizar o congresso. O artigo se refere também à exposição que ele fez a respeito da situação dos museus no país, baseado nas respostas a um questionário enviado a 117 instituições do território nacional. Infelizmente não houve tempo para pesquisar esse material no Arquivo Noronha Santos. Com relação à escolha de Ouro Preto para sediar o congresso, Dr. Rodrigo publicou em *O Jornal* de 16/06/1956 uma justificativa, em magnífico artigo intitulado "O *Congresso Nacional de Museus* e o acervo de arte de Minas", artigo esse que está reproduzido na publicação *Rodrigo e o Sphan*, de 1987. Quanto ao Regimento e ao Temário, foram primorosamente elaborados. O Temário é bastante amplo, pois, segundo Lygia Martins Costa, secretária do congresso, por ele ter sido o primeiro, visava um levantamento geral da situação e necessidades dos museus brasileiros.

Diz o primeiro parágrafo desse Temário:

> Para estudo, debates e eventual publicação do *1º Congresso Nacional de Museus*, poderão ser apresentados subsídios, teses, memórias, relatórios, notícias e quaisquer modalidade de trabalhos que tratem de matérias de museologia e problemas de interesse dos museus, preferentemente do Brasil...

Em 27 de maio de 1956, Heloisa Alberto Torres foi eleita presidente da Organização Nacional do Icom – que então substituía o antigo Comitê Nacional –, a qual, sem solução de continuidade, deu prosseguimento às tarefas finais de organização do congresso.

Para poder reconstruir um pouco da memória do *I Congresso,* foi preciso recolher subsídios nos arquivos de museus, com o auxílio de vários antigos colegas e amigos, pois não foi possível encontrar material reunido e preservado pelo Onicom. O arquivo do Museu Imperial me forneceu uma cópia da circular da convocação de D. Heloisa (5 de junho) com informações sobre o congresso e, numa folha anexa, o "Código de direitos e deveres dos congressistas". Nos



"Direitos", estão as informações sobre transporte e hospedagem; nos "Deveres" dos congressistas, estão alinhados os seguintes itens que me pareceram bastante objetivos e práticos: participar das reuniões plenárias e das reuniões das comissões especiais, quando devidamente designados; contribuir para a boa ordem dos trabalhos e serviços ligados ao Congresso; contribuir para a manutenção dos debates em nível elevado e, finalmente, apresentar uma tese, na medida de suas possibilidades.

Instalado solenemente o congresso no salão nobre da Escola de Minas, às 14 horas do dia 23 de julho, foram designados como presidente e vice-presidente de honra personalidades políticas como José Bias Fortes e Abgard Renault. Estavam presentes as autoridades locais, como o secretário de Educação de Minas, o sr. prefeito da cidade, assim como os diretores dos principais museus brasileiros, como o cônego Raimundo Trindade, do Museu da Inconfidência; Francisco Marques dos Santos, do Museu Imperial; o prof. José Cândido de Carvalho, do Museu Nacional etc. Também foram escolhidas a Comissão Executiva e as Comissões Técnicas:

- Comissão de Antropologia – Luiz de Castro Faria
- Comissão de Arquitetura – Paulo Thedim Barreto
- Comissão de Arte – Mario Barata
- Comissão de Ciências – José Cândido de Carvalho
- Comissão de História – Antonio Joaquim de Almeida
- Comissão de Educação e Generalidades – prof. Juracy Silveira.

Essas comissões se encarregaram da apreciação de 72 trabalhos, sendo interessante observar que a maioria versava sobre os serviços educativos nos museus.

Pesquisando no Arquivo do Museu Nacional, encontrei um relatório da Comissão de Ciências (composta de 19 membros) datada de 25 de julho de 1956 e assinada pelo professor e naturalista José Cândido de Carvalho, seu presidente, tendo como relator o prof. Vanzolini, do Museu de Zoologia da USP.

Trabalhos apresentados:

- Prof. Ney Vidal: "Plano de Exposição de Paleontologia"
- Prof. Vanzolini: "Relações entre o pesquisador e o Museu de Zoologia"
- Prof. José Oiticica: "Espécimes tipos nos museus e instituições de ciências naturais"
- Prof. José Lacerda de Araújo Freio: "Questionário sobre exposições – sua apresentação lúdica, seus níveis e objetivos"

Da Comissão de Arte, dirigida pelo prof. Mario Barata, estão relacionados por sua secretária, Elza Ramos Peixoto, no anuário do

MNBA, os seguintes trabalhos:
– Dr. Airton de Carvalho, competente funcionário do Sphan de Pernambuco: "Criação da Pinacoteca Sacra de Igarassu"
– Lourival Gomes Machado: "O filme de arte nos museus"
– Edson Mota: "Sugestões sobre a instalação de laboratórios de restauração e pesquisa de arte no Brasil" (foi relator o Dr. Reidig de Campos)
– Orlandino Seitas Fernandes: "Esta coisa que chamamos um museu"
– D. Georgina de Albuquerque: "O Museu Lucilio de Albuquerque"
– D. Elza Ramos Peixoto: "O MNBA seu histórico e organização" (o relator foi Jéferson Ávila, diretor do Museu Antonio Parreiras)

Ainda sobre a Comissão de Arte, após a discussão e aprovação dos pareceres, ela considerou que, por não ter havido teses que abrangessem todos os pontos principais do Temário, iniciaria a apreciação de cinco tópicos de caráter museológico especializado:

1) Importância da formação de pessoal técnico dos museus de arte.

2) Necessidade de estimular pesquisas em museus de arte.

3) Problemas das dotações orçamentárias oficiais.

4) Importância das exposições itinerantes.

5) Problemas da formação de Museus de Arte Sacra e aspectos das relações com o clero nesse particular.

Da Comissão de História, encontrei referências aos trabalhos de:
– Maria Lucia Brandão: "Um plano para ampliação do Museu Histórico de Belo Horizonte"
– Fernando Monteiro: "O Museu do Banco do Brasil" (posteriormente foi publicado em livro por esse Banco)
– Regina Real, a dinâmica conservadora que tanto trabalhou pela regulamentação da nossa profissão: "A Casa de Rui Barbosa, resumo histórico de suas atividades"

Trabalhos apreciados pela Comissão de Educação e Generalidades:
– Prof. Guy de Holanda, representante do Centro de Pesquisas Educacionais: "O Museu Pedagógico do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e a função educativa dos Museus no Brasil" (posteriormente, em 1958, ele publicou o livro *Recursos educativos dos museus brasileiros*, contendo um amplo levantamento dos museus brasileiros por estados, com pequena descrição dos prédios e suas coleções, em edição patrocinada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas

Educacionais – CBPE e pela Onicom).
- Geraldo Pitaguary, conservador do Museu do Índio (RJ): "Problemas econômicos do Museu"
- Sigrid Porto de Barros: "Sugestões para um plano de propaganda dos museus"
- Carmem Quadros: "O museu e a biblioteca"
- Prof. José Lacerda de Araújo Feio, naturalista do Museu Nacional que, ao final de 1956, passou a ser o presidente do Onicom: "Questionário sobre exposições, sua apresentação lúdica, seus níveis e objetivos" (pode ser consultado no Arquivo do Museu Nacional)
- Fernando Monteiro: "O Museu do Banco do Brasil" (publicada posteriormente por esse Banco)

Os arquitetos do Patrimônio participaram e também contribuíram para o congresso. Foi montada, com recursos modestos e mesmo improvisados, uma exposição sobre arquitetura de museus, na antiga sede do Patrimônio, mas com peças muito importantes. Nela foram expostos os projetos de Oscar Niemeyer para o Museu de Arte de Caracas; de Lucio Costa para o Museu das Missões; de Afonso Eduardo Reidy para o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; do arquiteto Acácio Gil Borsoi para o Museu de Arte Moderna em Recife; de Alcides da Rocha Miranda "para um museu de moldagens de escultura e elementos de arquitetura" no Distrito Federal; de Aldari Toledo para um Museu do Índio, em Ribeirão Preto; assim como documentação fotográfica de aproveitamento de construções antigas para a sede de museus regionais do Iphan. Foi publicado na *Revista Módulo* nº 6, de 12/01/96, o artigo do Dr. Rodrigo "Os arquitetos do *Congresso de Museus*".

Voltando às minhas lembranças, gostaria de fazer uma saudosa referência à atuação do, naquele momento, museólogo do Museu da Inconfidência Orlandino Seitas Fernandes, que muito sensível e com seu grande conhecimento da arte mineira, nos intervalos das sessões do congresso, mostrava-nos a cidade, suas igrejas e seus monumentos; à noite, organizava serestas que a todos encantava, e sou testemunha de que até Dr. Reidig de Campos a elas comparecia.

Na última sessão plenária, foi escolhida a cidade de São Paulo para sediar o *II Congresso Nacional de Museus*.

Quais os resultados e como repercutiu na nossa museologia esse congresso de 50 anos atrás?

Em primeiro lugar, considero o encontro e o convívio com tantas pessoas interessadas em apresentar suas experiências e dificuldades ou em aprender novas idéias e técnicas para utilizá-las em seus museus.

Observamos também, que, a partir dele daquele congresso, a tendência dominante na evolução dos museus passou a ser a crescente

importância atribuída à sua função educativa e às responsabilidades de se criar setores específicos para cuidar dessa finalidade. A professora Maria Célia Santos, da Universidade Federal da Bahia, que também faz parte desta mesa, poderá falar sobre a repercussão do congresso nos museus baianos.

Faço aqui uma outra saudosa menção ao dedicado desempenho da museóloga Sigrid Porto de Barros no Museu Histórico Nacional. Pelo seu artigo publicado do vol. 9 dos *Anais* daquele museu, podemos avaliar como já era realmente importante o trabalho por ela desenvolvido e registrado (de 1953 a 57) no atendimento do alunato em todos os seus níveis.

Prova também da boa repercussão do congresso de 1956 pode ser observada pelo número de destacadas visitas internacionais que passamos a receber, principalmente a do sr. Vander Hagen, diretor da Divisão de Museus e Monumentos da Unesco, que esteve no Brasil, em finais deste mesmo ano, divulgando uma Semana Internacional de Museus.

Mas, sem dúvida, o maior destaque deve ser dado ao seminário regional da Unesco para toda a América Latina sobre a função educativa dos museus, realizado no Rio de Janeiro de 7 a 30 de setembro de 1958, o qual colocou problemas essenciais que resultaram em transformações nos museus de toda a América Latina, em elementos dinâmicos dentro da sociedade. O seminário resultou na publicação nº 38 da série "Estudos e Documentos de Educação" da Unesco, que passou a ser um instrumento de aprendizado para novos museólogos.

A grande personalidade do seminário foi, sem dúvida, o presidente do Icom, George Henri Rivière, que contagiou a todos com seu entusiasmo.

Esse seminário de 1958 impressionou as nossas autoridades governamentais e dali surgiram muitas e significantes iniciativas. Mas não cabe a mim entrar neste assunto; permito-me, porém, aconselhar os atuais estudantes de museologia sobre o fato de que se trata de ótimo tema para dissertação de mestrado; sobre ele, há muito material para pesquisa nos arquivos e bibliotecas de nossos museus.

Gostaria de terminar com uma frase de Dr. Rodrigo recolhida de um de seus artigos: "Espero ardentemente que o congresso marque o início de uma nova fase para a vida dos museus nacionais".

Creio que isso se concretizou.[1]

---

1. No final da palestra, a autora projetou fotos do nosso *I Congresso Nacional de Museus*, para lembrar algumas pessoas que foram importantes na história da museologia no Brasil (N. do E.).

Discurso prof. Rui Mourão (Museu da Inconfidência/MG)

Mesa-redonda "50 anos do *I Congresso Nacional de Museus*"

Sou um escritor que, incompatibilizado com a ditadura militar por professar idéias liberais, com dificuldade para continuar mantendo minhas atividades em Belo Horizonte. Aceitei o convite para dirigir o Museu da Inconfidência. A questão museu jamais havia sido colocada para mim. Desconhecendo a área, naquela década de 70 é que iria, enfrentando muita dificuldade, mas com estudo e esforço, começar a abrir os olhos para uma realidade que acabou por me fascinar e que hoje considero parte indissociável da minha carreira intelectual.

Faço este intróito para deixar claro um acontecimento museológico de 1956. Não chegou sequer a ser notícia de jornal lida por mim. Dele tomei conhecimento na década de 80, quando, coordenando o Programa Nacional de Museus e convivendo com uma das minhas colaboradoras mais ilustres, a museóloga e professora de arte Ecyla Castanheira Brandão – que, com alegria, vejo participante desta mesa –, fui informado sobre o *Congresso Brasileiro de Museologia*, realizado em Ouro Preto pelo Comitê Brasileiro do Icom, sob o comando de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Ela havia participado do grande encontro, que, movimentando a classe de especialistas do Brasil e de países da América Latina, foi aberto com uma conferência do brasileiro Osvaldo Redigue de Campos, então na chefia dos museus do Vaticano, e contou com a presença de todos os diretores regionais do Iphan. Como se vê, as informações que possuo sobre a primeira providência que visava a aglutinação das unidades museológicas do país foram obtidas a partir de um esforço de arqueologia – operação que procurei complementar agora, por meio de conversa com Lygia Martins Costa, outra personalidade que estivera em Minas Gerais na ocasião.

Como se tratava de uma aproximação entre instituições que não se conheciam, Rodrigo Melo Franco de Andrade, descartando o programa estabelecido pelo Icom Internacional, organizou a pauta de trabalho de modo a permitir que essa carência básica fosse contornada. Todos os participantes apresentaram relatório sobre suas casas, falando das origens, definindo objetivos e informando sobre a composição dos acervos. Quer dizer, aconteceu naquela oportunidade exatamente o que

estamos assistindo no momento, quando o Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan, com a cooperação da Espanha, dá início ao trabalho de recadastramento dos museus brasileiros. Tem muito sentido, portanto, a iniciativa de se comemorar, no âmbito deste *Fórum*, os 50 anos do *I Congresso Nacional de Museus*, acontecido precisamente em Ouro Preto, no auditório da Escola de Minas. A perspectiva que se estabelece para a compreensão do que se passou há meio século é muito rica porque revela o que estava sendo gestado, naquela época, para o futuro da cultura brasileira. Era o estabelecimento de uma união, para uma política unificada de comando da área dos museus, com o objetivo de tornar de maior rendimento o que se procurava realizar em cada unidade. Hoje, temos perspectiva para avaliar o alcance da medida. Além de criar a possibilidade de intercâmbio e auxílio mútuo entre os diversos órgãos, o conjunto formado, ao ganhar visibilidade e peso dentro do panorama cultural, se converte em poder de barganha capaz de carregar para a área recursos que estão além dos que podem ser atraídos por uma única e isolada instituição. O benefício maior é exatamente das organizações de menor porte, que, ao se apresentarem solitárias, como livres atiradoras, nada obtêm de positivo. Estão sempre enfrentando uma situação desestimulante, porque de incontornável desprestígio.

Segundo Lygia Martins Costa, aspecto importante revelado pelo congresso de 1956 foi o da revelação do estádio de desenvolvimento da questão museu no âmbito da América Latina. O Brasil e o México trabalhavam em nível mais elevado, enquanto os demais países ainda não haviam sido despertados para as possibilidades da contribuição social dos órgãos em que atuavam. O que pesava a nosso favor, sem dúvida, eram os resultados do curso de museologia implantado por Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional. O alerta estabelecido para a situação de desequilíbrio que se observava no continente teve conseqüências quase imediatas. No *Congresso sobre Educação nos Museus*, realizado pelo Icom Internacional em 1958, as contribuições apresentadas já revelavam um novo panorama. Nossos vizinhos, que, há dois anos, haviam se surpreendido com a sua situação de atraso, deram sinais de significativa reação.

A determinação de organizar, num sistema único, o universo dos museus brasileiros, em parte é inspirada pela experiência dos países desenvolvidos, principalmente da Europa, que desde cedo souberam estabelecer políticas públicas visando o fortalecimento de um setor importante, que se relaciona com a memória patrimonial dos povos e com o turismo, mas não deixa também de revelar o amadurecimento, entre nós, de uma área que abandonou



o estágio amadorístico e passou a pensar em termos profissionais, na certeza de que possui muito a contribuir para a construção de um país que vem gestando um modelo cultural diferenciado, certo de que poderá oferecer, ao mundo que está por vir, o sinal da sua originalidade. Na década de 80 do século que passou, presidindo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com ingerência em outras áreas do então Ministério da Educação e Cultura, porque estava preparando o que veio a ser o Ministério da Cultura, Aloísio Magalhães criou o Programa Nacional de Museus. O órgão, com ação direta sobre os museus do Iphan e obrigação de prestar assistência ao conjunto dos museus brasileiros, desenvolveu projeto de educação patrimonial baseado nos princípios do metido Paulo Freire e estabeleceu um setor de revitalização de unidades museológicas que, tendo se aplicado principalmente na recuperação de pequenas casas em diversos estados, no Rio de Janeiro realizaria trabalho de vulto, que afetou algumas das principais instituições cariocas. Exemplar foi a partida para revitalizar do Museu Histórico Nacional e a estruturação independente do Museu da República, que era dependência do primeiro. Ambos vinham funcionando em situação precária, apesar do número excessivo de servidores com que contavam, quase todos nomeados sem a observância de critérios técnicos – na verdade, sem a observância de critério algum – porque, ao tempo em que no Rio de Janeiro se localizava a Presidência da República, o que mais prevalecia eram as recomendações de deputados e senadores. Separadas as duas casas, realizado expurgo de grande vulto nos quadros funcionais, entregues as unidades a direções competentes, iniciou-se um processo de recuperação, que ultimamente vem sendo completada com reformas de envergadura.

Ao ser extinto pelo governo Sarney o Programa Nacional de Museus, surgiu, dentro do Iphan, a Coordenadoria de Museus, que se ocupou da coordenação de uma política para as 44 unidades pertencentes ao órgão e atendeu, fora dessa área, entidades que demandavam ajuda, ainda com a lembrança dos resultados do projeto de revitalização operado pelo Programa. E foi criado pelo Ministério da Cultura o Sistema Nacional de Museus, que, embora sem estrutura administrativa adequada e sem base financeira, acabou tendo como conseqüência a criação de núcleos estaduais, na sua maioria fadados ao desaparecimento, com exceção do que se estabeleceu no Rio Grande do Sul, que alcançou resultados muito favoráveis, a ponto de o seu animador, José do Nascimento Junior, ser convocado para Brasília, com a incumbência de aplicar, na extensão do país, a experiência adquirida.

O Sistema Nacional de Museus por ele implantado se desenvolve a pleno vapor e já existe o projeto de criação do Instituto Brasileiro de Museus, repartição que significará a redenção da área museológica. O crédito que deve ser dado ao atual ministro e, particularmente, ao diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan é o de haver carreado força política verdadeira para um setor cultural que sempre viveu sem participação efetiva no orçamento da República e sem ter condições de prestígio para chamar a atenção das empresas financiadoras, fossem elas públicas ou privadas.

Programação do 2º Fórum Nacional de Museus



2º Fórum Nacional de Museus
"O futuro se constrói hoje"
Ouro Preto – 22 a 26 de agosto de 2006

PROGRAMAÇÃO

22/08 – terça-feira

09h às 17h – Credenciamento e novas inscrições

11h – Entrega das obras de restauração e modernização do Museu da Inconfidência

14h às 17h – Reunião dos Grupos de Trabalho

17h – Sessão de abertura

23/08 – quarta-feira

8h30 às 11h – Minicursos

11h às 12h – Palestra: "Política Internacional de Museus e de Patrimônio: desafios contemporâneos"
Conferencista: Alissandra Cummins (presidente do Icom)
Coordenador: Daniel González (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI)

12h às 14h – Intervalo

14h às 17h – Reunião dos Grupos de Trabalho

14h às 17h – Comunicações Coordenadas: apresentação de trabalhos com temas diversificados

17h30 – Mesa-redonda: "60 anos do Icom"
Coordenador: José do Nascimento Júnior (Demu/Iphan)
Debatedores: Carlos Roberto Ferreira Brandão (presidente do Icom/BR), Teresa Scheiner (Unirio/RJ)
e Mário Barata (museólogo e crítico de arte)

24/08 – quinta-feira

9h30 às 12h – Minicursos

12h às 14h – Intervalo

14h às 16h – Painéis

Painel 1: "Financiamento e fomento"
Coordenador: Marco Acco (MinC)
Participantes: Eneida Rocha (Demu/Iphan), Roberto Nascimento (Secretaria de Comunicação Social – Secom), Isis Pagy (BNDES), Luiz Philippe Torelly (CEF), Eliane Costa (Petrobras)

Painel 2: "Observatório de Museus"
Coordenadora: Denise Studart (Fiocruz/RJ)
Participantes: Luciana Sepúlveda (Fiocruz/RJ), Adriana Mortara, José Matias Lima (IBGE), Ana Maria Werneck (Superintendência de Museus/MG)

Painel 3: "Sistema de Museus"
Coordenadora: Silvana Nascimento (Superintendência de Museus/MG)
Participantes: Simone Flores (SEM/RS), Clarete Maganhoto (Cosem/PR), Francisco Régis Lopes (SEM/CE), e Rosângela Brito (SIM/PA)
16h30 às 18h30 – Painéis

Painel 4: "Diversidade museal"
Coordenador: Raul Lody (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ Iphan)
Participantes: Luís Mott (Grupo Gay da Bahia), Marcos Lopes Leandro Borocereu (Centro de Pesquisa e Valorização da Cultura Bororo – Meruri/MT), Arnaldo Silva Filho (Movimento Negro Unificado/PE), Cláudia Rose Ribeiro da Silva (Museu da Maré/RJ)

Painel 5: "Museus privados – O desafio da sustentabilidade"
Coordenador: Danilo Miranda (Sesc/SP)
Participantes: Ângela Gutierrez (Instituto Cultural Flávio Gutierrez/MG), Ronaldo Bianchi (MAM/SP), José Teixeira Coelho Netto (Masp e USP), Ângela Mascelani (Museu Casa do Pontal/RJ)

Minifórum: "Jornalismo cultural e museus"
Coordenadora: Cláudia Noronha (jornalista)
Participantes: Representantes de jornais e revistas de circulação nacional

19h – Mesa-redonda: "50 anos do 1º Congresso Brasileiro de Museus"
Coordenador: Mário Chagas (Demu/Iphan)
Participantes: Maria Célia Santos (UFBA), Rui Mourão (Museu da Inconfidência/MG), Adolfo Samyn (Associação Brasileira de Museologia), Ecyla Castanheira Brandão (museóloga)

25/08 – sexta-feira

9h30 às 12h – Minicursos

12h às 14h – Intervalo

14h às 17h – Reunião dos Grupos de Trabalho

17h30 – Palestra: "Políticas públicas de cultura no século XXI"
Conferencista: George Yúdice (diretor dos Estudos Latino-americanos e Caribenhos da Universidade de Nova York)
Coordenador: Juca Ferreira (secretário-executivo do Ministério da Cultura)

26/08 – sábado

9h30 – Plenária Final – Apresentação dos resultados dos Grupos de Trabalho. Definição das diretrizes do *2º Fórum Nacional de Museus*

PROGRAMAÇÃO PARALELA

II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia
23 a 25/08 – 14 às 17h

Encontro dos Professores Universitários do Campo da Museologia
22/08 – 10 às 17h

1ª Reunião Ordinária da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC
22/08 – 10 às 17h

GRUPOS DE TRABALHO

Museus de Arte

Coordenadores: Mônica Xexéo (Museu Nacional de Belas Artes/RJ) e Luiz Guilherme Vergara (Museu de Arte Contemporânea de Niterói/RJ)

Museus de História

Coordenadores: Vera Tostes (Museu Histórico Nacional/RJ) e Thaís Velloso Pimentel (Museu Histórico Abílio Barreto/MG)

Museus Militares

Coordenadores: almirante Armando de Senna Bittencourt (Diretoria do Patrimônio Histórico da Marinha/RJ) e tenente Nóris Leal (Museu Militar do Comando Militar do Sul/RS)

Museus Universitários e de Ciências

Coordenadores: Marcus Granato (Museu de Astronomia e Ciências Afins –Mast/RJ) e Maria das Graças Ribeiro (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG)

Museus Etnográficos e Arqueológicos

Coordenadores: José Carlos Levinho (Museu do Índio/RJ) e José Alexandre Diniz (Museu de Arqueologia de Xingó/SE)

Museus Comunitários e Ecomuseus

Coodenadores: Antonio Carlos Pinto Vieira (Museu da Maré/RJ) e Odalice Miranda Priosti (Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC)

Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias

Coordenadores: Erick Krulikowski (Museu da Pessoa/SP) e Maria Amélia Junginger (MIS/PR)

MINICURSOS

Segurança em Museus

Kátia Rovaron Moreira (FAU/USP)

Elaboração de Projetos e Fomento para a Área Museológica

Átila Tolentino (Demu/Iphan) e Vinícius Barcelos (Demu/Iphan)

Museus e Turismo

Telma Lasmar (Cofem, Unipli e UFF) e Tânia Omena (Abbtur e Unirio)

Conservação em Museus
Luís Cruz Souza (Cecor/EBA/UFMG), Wivian Diniz e Leonardo Barreto (13ª SR/Iphan)

Gestão e Documentação de Acervos
Rosana Nascimento (UFBA)

Plano Museológico: Implantação, Gestão e Organização dos Museus
Rose Miranda (Demu/Iphan) e Márcio Rangel (Demu/Iphan)

Ação Educativa em Museus
Magaly Cabral (pedagoga e museóloga)

Grupos de Trabalho



Sugestões aos coordenadores e participantes dos Grupos de Trabalho[1]

Os Grupos de Trabalho do *2º Fórum Nacional de Museus* dividem-se em museus de arte, museus de história, museus militares, museus universitários e de ciências, museus etnográficos e arqueológicos, museus comunitários e ecomuseus e museus da imagem e do som e de novas tecnologias.

Essa divisão busca abranger a diversidade museal brasileira e dar conta, pelo menos em parte, de um universo em franca expansão e que precisa ser mais conhecido.

Para a construção de um panorama mais compreensivo e abrangente da realidade museal do país, gostaríamos que cada Grupo de Trabalho concentrasse suas atenções nas seguintes questões:

- Quais são os museus que integram o GT?
- O que cada um deles realiza?
- O que é necessário para a implantação de redes temáticas de museus?
- Quais as especificidades do GT para o desenvolvimento do setor?

Gostaríamos ainda que o enfrentamento dessas questões levasse em conta a função social, a pesquisa, a preservação e comunicação nos museus, lembrando que se trata de uma instituição fundamental para a inclusão social e a cidadania.

Nessa perspectiva, é importante que cada Grupo de Trabalho elabore bases para a criação de redes temáticas de museus e produza uma agenda de trabalho com ações e prazos definidos.

Os resultados dos Grupos de Trabalho serão fundamentais para a articulação de políticas, programas e projetos que colaborem com o desenvolvimento de todos.

---

1 Este texto foi elaborado pelo Demu/Iphan para orientar os debates e a produção de material dos Grupos de Trabalho.

Grupo de Trabalho Museus de Arte

Coordenação: Mônica F. Braunshweiger Xexéo – diretora do Museu Nacional de Belas Artes (RJ) e Luiz Guilherme Vergara – diretor do Museu de Arte Contemporânea de Niterói/Universidade Federal Fluminense (RJ)

Recomendações do Grupo de Trabalho

1) A diversidade e a multiplicação das manifestações artísticas desafiam as categorias tradicionais de arte, tornando o escopo do que significa um museu de arte mais amplo e complexo. Museus de "artes": Belas Artes, Arte Contemporânea, Arte Sacra, Arte Popular, Cachaça, Loucura, Escola, História, da Imagem e do Som...

2) Estados representados: Minas Gerais, Ceará, Piauí, Brasília, Mato Grosso do Sul, Goiás, Santa Catarina, Bahia, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

3) Embora tenha ficado clara a necessidade de se formar uma rede nacional integrando os museus de arte num programa sistemático e continuado de colaboração técnica, trocas de experiências e aprofundamentos, é fundamental a inclusão e a participação de outras instituições de arte não presentes neste encontro, bem como do seu quadro técnico, que são referências metodológicas para a preservação, a produção artística, a gerência, a curadoria e a educação das unidades museológicas de nosso país.

4) Recomenda-se a realização sistemática de reuniões com a participação das redes temáticas, incluindo representantes das unidades atuantes com reconhecimento nacional na área. A partir desses encontros, seriam identificados os pontos de aprofundamento para disponibilizar conhecimento e diretrizes dentro de uma rede de dimensões nacionais.

5) Da mesma forma, a coordenação reconhece dentro deste Grupo de Trabalho a riqueza na diversidade das instituições do nosso país, que devem ser acompanhadas e tratadas com atenção e respeito, visando o seu desenvolvimento e considerando sua singularidade a partir de diagnósticos de identidade, potencialidades locais e missão.

6) Identificar os indicadores necessários para a constituição e a sustentabilidade de um projeto de rede temática para os museus de arte, a partir da seguinte questão: como a constituição de uma rede contribuiria para a solução de problemas locais dos museus?

7) Organização das ações com abrangência prioritariamente regional ou local.

8) Considerar as experiências existentes de formação de redes de integração de museus, divulgando-as no *Boletim Eletrônico* do Demu no *site* do Iphan.

PROPOSTAS

1) Colaborações técnicas com circulação de acervos e metodologias.

2) Formação de comissões regionais e estaduais, com representantes do Iphan, com o objetivo de criar um programa de duração bienal de circulação de exposições, concebidas por estudos curatoriais e educativos de diferentes instituições.

3) Devido à carência de programas de formação profissional na área de museologia e estudos de curadoria, educação, conservação-restauração e gestão cultural em museus, a rede também pode atuar no sentido de democratizar o acesso a informações de cursos existentes, assim como levantar potencialidades e demandas criando cursos de extensão ou nível técnico para qualificação e atualização de profissionais na área da museologia.

4) Recomenda-se a criação de cursos de graduação em conservação-restauração de bens culturais, bem como de cursos de pós-graduação.

5) Parâmetros e instrumentos de regulamentação para o uso dos espaços culturais expositivos que inibam práticas que coloquem em risco a segurança e a conservação dos acervos, do patrimônio e da identidade das instituições.

6) Destaca-se que não estão representadas algumas das principais instituições e profissionais dos museus de arte brasileiros, os quais seriam importantes para debater as principais questões e desafios que atingem os museus hoje.

7) Programa de conscientização, em escala nacional, sobre o tráfico de bens do patrimônio artístico, com ampla divulgação, por meio dos circuitos de comunicação, da legislação federal de proteção de bens culturais.

8) Capacitação e participação dos técnicos do Iphan nas atividades de recuperação de bens culturais procurados.

Resumo executivo

Papel dos museus de arte (aspectos essenciais):
– Não foi explicitado nos documentos.

Potencialidades dos museus de arte (vantagens comparativas):
– Não foram explicitadas nos documentos.

Dificuldades enfrentadas pelos museus de arte:
– Falta de definição sobre os quadros mínimos de pessoal para composição de equipes nas áreas técnicas e de apoio para as instituições museológicas;
– Carência de profissionais especializados para a composição de equipes de trabalho, bem como falta de informação sobre esses profissionais disponíveis no mercado;
– Deficiência na gestão do acervo, com destaque para a carência de sistema de informatização de apoio;
– Necessidade de atuar em cooperações técnicas, em âmbito regional, nas áreas de conservação, restauro, documentação, investigação, comunicação e ação social em artes; e
– Pouca variedade nas modalidades oferecidas pelos editais de apoio para a área de museus.

Estágio de formação da rede temática de museus:
– Não se avançou nas ações em prol da formação da rede temática. Foi citada a Rede de Educadores de Museus – REM como uma possibilidade para consolidar em torno da referida rede temática, tendo em vista a confluência de interesses que existe entre as principais demandas do GT Museus de Arte e a atuação da REM.

Propostas de trabalho
As (13) propostas consolidadas abaixo se referem ao conjunto de aspectos que foram levantados para diferentes áreas de funcionamento de uma instituição museológica (preservação, investigação, comunicação, educação e função social) no encontro ocorrido em 2004. Não foi apresentado documento do GT Museus de Artes no 2° FNM. Importante registrar a recomendação feita pelo GT ao Demu, como o órgão responsável pela organização do FNM.

Organização do *3° Fórum Nacional de Museus*			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Pós-Fórum			
Promoção de mecanismos de acompanhamento e avaliação do conjunto de propostas dos GTs que incluam seus integrantes, por exemplo, por meio de reuniões dos coordenadores com o Demu.	1° FNM		GT

Articulação com o MEC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Incentivo a ações cooperativas entre o MEC, Secretarias de Educação estaduais e municipais para o desenvolvimento de programas museu-escola (capacitação de professores para a preparação de visitas, elaboração de materiais didáticos, atendimento de estudantes, audioguias.)	1° FNM	Diversas reuniões foram feitas visando a articulação com o MEC.	Demu

Atuação do Demu			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Fomento			
Que as áreas de educação e de ação cultural sejam contempladas nos editais.	1° FNM	O edital Modernização de Museus contempla os programas e projetos educativos e culturais. Além disso, o Demu promoveu a realização do prêmio Darcy Ribeiro, contemplando o desenvolvimento de experiências notáveis na área de educação e museus.	Demu
Capacitação de profissionais			
Promoção de cursos de capacitação profissional conjugada com o desenvolvimento de guias técnicos, em especial para restauradores.	1° FNM	O Demu desenvolve um amplo programa de capacitação e formação profissional.	Demu
Promoção do cadastramento de profissionais (e de empresas) da área museológica.	1° FNM		
Promoção de programa de intercâmbio para profissionais da área museológica com "regime de residência".	1° FNM		
Educação nos museus			
Incentivo à criação de programas de educação para público "não-escolares" (idosos, famílias, portadores de necessidade especiais, grupos étnicos, entre outros).	1° FNM	Todos os museus do Ministério da Cultura estão sendo estimulados a desenvolver programas de educação para públicos "não-escolares".	Demu

Pesquisa			
Desenvolvimento de pesquisa sobre o perfil dos públicos de museus.	1° FNM	O Demu tem buscado consolidar o OMCC, com vistas a traçar o perfil dos visitantes dos museus e mantê-lo atualizado. Em 2006, foi publicado o *1° Boletim do OMCC*, apresentando uma síntese dos resultados da primeira pesquisa Perfil-Opinião, realizada com 11 museus do Rio de Janeiro. A pesquisa está prevista para ocorrer de dois em dois anos. Logo, a próxima pesquisa deverá ocorrer em 2008. Obs.: Museus pesquisados: Museu da Vida; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Museu do Universo; Museu Aeroespacial; Museu Histórico Nacional; Museu Nacional; Museus Casa de Rui Barbosa; Museu do Índio; Museu do Primeiro Reinado; Museu Antônio Parreiras; Museu de Arte Contemporânea de Niterói.	Demu
Publicação			
Promoção de uma política editorial para a disponibilização de informações sobre conteúdos museológicos. Obs.: Verificar a possibilidade de constituição de conselho de editorial para a criação de boletins.	1° FNM	O Demu tem buscado consolidar seu setor de publicação com linhas específicas de publicação: - *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, com o objetivo de estimular intercâmbios e disseminar informações especializadas no setor; - *Caderno de Diretrizes Museológicas* e *Cadernos Técnicos*, com o objetivo de disseminar informações técnicas para os profissionais da área; - Coleção Museu, Memória e Cidadania, com o objetivo de publicar dissertações, teses, ensaios e pesquisas que tratem de questões museológicas e das relações entre museus e sociedade. - Publicação de relatórios, com o objetivo de sistematizar informações, promover avaliações e criar novos projetos.	Demu
Exposição			
Estímulo ao compartilhamento de programações plurianuais com foco nas exposições itinerantes.	1° FNM	Todos os museus do Ministério da Cultura estão sendo estimulados a desenvolver programas de itinerância de exposições.	Demu
Acervo			
Estímulo à criação de núcleos regionais (ou estabelecimento de parcerias com instituições especializadas) para diagnósticos, prestação de serviços técnicos de restauro e consultoria técnica.	1° FNM		

Segurança do museu			
Promoção de planos especiais de seguros coletivos para acervos (inclusive, em mostra itinerante), com revisão do IRB.	1° FNM		
Promoção de política de segurança específica para museus (seguro contra roubo, incêndio, inundações, goteiras etc.)	1° FNM	O Demu tem atuado nessa área, em parceria com a Polícia Federal.	Demu

Grupo de Trabalho Museus de História

Coordenação: Thaïs Velloso Cougo Pimentel – diretora do Museu Histórico Abílio Barreto (MG) e Vera Lúcia Bottrel Tostes – diretora do Museu Histórico Nacional (RJ)

Relatório

A coordenadora Vera Tostes fez a abertura dos trabalhos. Os participantes se apresentaram e, em seguida, pediu-se a todos que lessem o relatório do Grupo de Trabalho de Museus de História originado no *1º Fórum Nacional de Museus*, para que os assuntos apontados naquela ocasião não fossem repetidos. Foi apresentado o filme *Paradigmas*, com o objetivo de motivar o grupo a procurar soluções criativas.

As seguintes questões indicadas pela coordenação geral do *2º Fórum Nacional de Museus* foram apresentadas aos participantes:

O que é necessário para a implantação de redes temáticas de museus?

Quais as especificidades deste Grupo de Trabalho para o desenvolvimento do setor?

Os participantes dividiram-se em quatro grupos e iniciaram as discussões sobre as questões propostas até o encerramento dos trabalhos do primeiro dia.

No segundo dia de reunião do Grupo de Trabalho, as coordenadoras falaram sobre a importância e as vantagens da criação de redes temáticas, salientando que a comunicação em rede entre as instituições participantes facilita a identificação de problemas e a resolução dos mesmos; além disso, destacou-se que esse tipo de associação aumenta a capacidade de negociação dos participantes. Destacou-se que no grupo de museus de história existem subtemas diversos, que estão relacionados à própria identidade, ao conceito e à função de cada um dos museus envolvidos. A coordenadora Thaïs Velloso disse que a divisão dos Grupos de Trabalhos proposta pela coordenação do *Fórum* já indica a possibilidade de criação de grandes redes temáticas. Usando como exemplo o caso do Museu Histórico Abílio Barreto, que vem rediscutindo sua própria vocação a partir dos conceitos de *museu histórico* e *museu de cidade*, a coordenadora disse que estão presentes no

grupo, seguramente, as mais diversas particularidades e são elas que conformam as temáticas específicas que, partilhadas por algumas instituições, definem as características da rede.

A coordenação e os participantes decidiram alterar a metodologia dos trabalhos e, em vez da separação em quatro grupos, a discussão foi aberta, podendo cada participante inscrever-se e falar. A partir das intervenções dos participantes e das coordenadoras foram indicados os seguintes encaminhamentos relativos às duas questões gerais destacadas acima:

1) É necessário discutir as características dos museus de história para definir as temáticas, tipologias e conceitos que os definem.

2) É necessário fazer um levantamento e um diagnóstico dos museus de história, levando-se em conta seu desenvolvimento nas áreas de informatização, recursos humanos, entre outros.

3) Diante da constatação de que os museus de história abrigam uma enorme diversidade de temáticas e tipologias é necessário criar instrumentos que garantam a utilização de uma linguagem comum, capaz de minimizar os efeitos negativos da diversidade. Nessa perspectiva, os próprios conceitos devem ser utilizados de maneira mais uniforme; além disso, é necessário construir e divulgar uma linguagem padrão da museologia com o objetivo de integrar as instituições.

4) É necessário incentivar a pesquisa sobre a própria história dos museus para que se defina sua identidade e seu conceito.

5) É necessário promover um encontro/fórum de museus de história para discutir questões que foram levantadas, mas que não foram aprofundadas, por falta de tempo. O primeiro encontro do grupo de museus de história deverá ocorrer em agosto de 2007, em local a ser definido posteriormente.

Os integrantes do Grupo de Trabalho definiram pela imediata criação de um espaço/mural eletrônico que irá agregar os participantes/representantes dos museus de história. Esse mural se constituirá em espaço de discussões conceituais e trocas de experiências. Os participantes Rodrigo Santos e Wesley Vasconcelos foram indicados coordenadores do grupo no mural eletrônico.

Resumo executivo

Papel dos museus de história (aspectos essenciais)
– Não apresentado nos documentos.

Potencialidades dos museus de história (vantagens comparativas)
– Não apresentado nos documentos.

Dificuldades enfrentadas pelos museus de história
– Falta de uma política de pesquisa nas instituições museológicas (presentes ao encontro);
– Carências de diversas naturezas para implementar ações educativas nos museus; e
– Necessidade de consolidar uma linguagem padrão de museologia, tendo em vista a diversidade de temática e tipologias constante do universo dos museus de história, que acaba por gerar efeitos negativos.

Estágio de formação da rede temática de museus
– Sem informação.

Propostas de trabalho
As (9) propostas se referem ao conjunto de temas apresentados pelo GT Museus de História no encontro ocorrido em 2004. No 2º FNM/2006, os integrantes do Grupo se dedicaram em debater sobre as condições necessárias para a constituição da rede temática de museus com destaque para alguns encaminhamentos apresentados pelo GT que serão consolidados neste documento como proposta de trabalho apresentado pelo GT Museus de História.

Articulação com outras áreas do Iphan e do MinC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Viabilização do acesso a programas do sistema MinC, tais como o Programa Monumenta, entre outros.	1° FNM		GT

Articulação com o MEC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Viabilização do estabelecimento de parcerias com instituições de ensino para a formação de profissionais de nível médio que possam prestar auxílio nas diversas instituições/unidades museológicas.	1° FNM	O Demu vem se articulando com as seguintes instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB;	Demu

		- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; - Universidade Federal de Outro Preto – Ufop; - Universidade de Brasília – UnB. - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	
Encaminhamento de proposição ao MEC de inclusão da disciplina Patrimônio Cultural, Natural e Imaterial no currículo dos cursos de pedagogia e magistério, visando a aplicação dos conhecimentos em disciplinas correlatas lecionadas no ensino fundamental, médio e superior.	1° FNM	Idem.	Demu

Atuação do Demu			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Fomento			
Adaptação dos espaços, equipamentos e atendimentos adequados para a inclusão de portadores de necessidades especiais.	1° FNM	O Demu vem ampliando sua participação no orçamento federal, por meio do seu programa Museu, Memória e Cidadania: em 2007, os recursos mais que dobraram com relação a 2006. Pelo Programa, são apoiados projetos nas seguintes áreas: - Fomento; - Modernização; - Programação Anual; - Inventário; e - Capacitação. Além disso, o Demu vem buscando prospectar novos patrocinadores de projetos museológicos e, ao mesmo tempo, ampliar o volume de recursos para projetos desse setor. Exemplos: - Programa de Apoio a Projetos de Preservação de Acervos – BNDES; - Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais com vistas a preservar e promover o patrimônio cultural brasileiro – Caixa; - Programa Petrobras Cultural – Apoio a museus, arquivos e bibliotecas com vistas a apoiar a preservação e a difusão de acervos de museus, arquivos e bibliotecas.	Demu

Capacitação profissional			
Estabelecimento de políticas de capacitação, qualificação e atualização permanente ns áreas de preservação, conservação, restauração, educação, comunicação e pesquisa.	1º FNM	O Demu vem se articulando com as seguintes instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. - Universidade Federal de Outro Preto – Ufop. - Universidade de Brasília – UnB. - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	Demu
		O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área, com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas: - Museus, memória e cidadania; - Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus; - Treinamento de equipes administrativas e de apoio; - Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; - Ação educativa em museus; - Conservação de acervos; - Gestão e documentação de acervos; - Expografia; - Arquitetura em museus; - Segurança em museus; - Museus e turismo; - Implantação de sistemas de museus.	Demu
Pesquisa			
Viabilização de um levantamento e de um diagnóstico dos museus de história, levando-se em conta seu desenvolvimento nas áreas de informatização, recursos humanos, entre outros, com o objetivo de definir a identidade e o conceito desse tipo de museu.	2° FNM	O Demu tem buscado consolidar um setor de pesquisa com linhas específicas de investigação. Além disso, o Demu desenvolveu uma metodologia própria com vistas a realizar um censo museológico, o Cadastro Nacional de Museus – CNM.	Demu

Publicação			
Proposição de política editorial para publicação de bibliografias especializadas.	1° FNM	O Demu tem buscado consolidar seu setor de publicação com linhas específicas de publicação: - Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia, com o objetivo de estimular intercâmbios e disseminar informações especializadas no setor; - Caderno de Diretrizes Museológicas e Cadernos Técnicos, com o objetivo de disseminar informações técnicas para os profissionais da área; - Coleção Museu, Memória e Cidadania, com o objetivo de publicar dissertações, teses, ensaios e pesquisas que tratem de questões museológicas e das relações entre museus e sociedade. - Publicação de relatórios, com o objetivo de sistematizar informações, promover avaliações e criar novos projetos.	Demu
Divulgação			
Viabilização de ampla divulgação nos diversos meios de comunicação para maior visibilidade aos museus brasileiros.	1º FNM	O Demu disponibiliza uma publicação anual, Agendas das Semanas de Museus, com o objetivo de divulgar os eventos cuja programação está contemplada na da Semana dos Museus. O Demu disponibiliza, ainda, o Boletim Eletrônico do Demu, com circulação semanal e cujo é objetivo divulgar eventos, cursos, seminários, editais de apoio e projetos ligados ao setor museológico e áreas afins.	Demu
Apoio aos encontros do setor			
Apoio para a promoção de um encontro/fórum de museus de história. **Obs.:** o GT estabeleceu o mês de agosto de 2007 para promover o primeiro encontro do grupo de museus de história.	2º FNM	Aguardando propostas.	GT

Grupo de Trabalho Museus Militares

Coordenação: almirante Sena Bittencourt (diretoria do Patrimônio Histórico da Marinha) e tenente Nóris Leal (Museu Militar do Comando Militar do Sul)

Reuniram-se, de 22 a 25/08/2006, 13 representantes de museus militares ligados a Marinha do Brasil, Exército Brasileiro, Aeronáutica, Polícias Militares (São Paulo e Minas Gerais).

Verificou-se que esses museus possuem acervos e exposições multidisciplinares, abrangendo áreas como: história, arqueologia, subaquática, ciência e tecnologia, artes, etnologia (embarcações típicas, por exemplo).

Discutiram-se as vantagens de desenvolver redes temáticas compostas por esses museus e outros afins.

RESULTADOS:

- Sugere-se que os museus militares ampliem seu relacionamento com as demais instituições museológicas, buscando aproximação com áreas afins de suas exposições e acervo;
- Sugere-se estudar a possibilidade de serem colocados *links* nas páginas das instituições museológicas militares que remetam às outras páginas de instituições congêneres militares e civis, cujos acervos e exposições sejam semelhantes;
- Sugere-se que os *Encontros de Museus Militares* continuem a ser realizados anualmente em 2006 e 2007 e, posteriormente, passem a ser bianuais, inclusive possibilitando que sua ocorrência seja intercalada com o *Fórum Nacional de Museus*. Existe, também, a possibilidade de ocorrer no Rio de Janeiro, no segundo semestre de 2008, o *Congresso Mundial do Icomam*, reunindo profissionais de museus militares;
- Sugere-se a criação de um grupo de trabalho, composto por profissionais "documentalistas", durante a realização do *2º Encontro de Museus Militares* – 02 a 06 de outubro de 2006 – para fazer um estudo que resulte em sugestões para a formação de um Thesaurus Militar. Este grupo poderá ter como base o projeto, já em andamento na Marinha do Brasil, que será patrocinado pela CEF, em continuidade ao trabalho que foi patrocinado pela Vitae – Apoio à Cultura, Educação e

Promoção Social. O projeto da Marinha consiste na elaboração de um Thesaurus específico para suas necessidades e deverá estar pronto no prazo de doze meses, a partir da liberação dos recursos da CEF.

- A rede temática dos museus militares poderá ganhar uma nova dimensão com o incentivo da ampliação do intercâmbio de exposições temporárias. Essa atividade já vem ocorrendo em pequena escala e tem a enorme vantagem de atingir diferentes públicos, além de poder chegar a cidades e regiões onde uma das Forças não tenha representação.
- Propõe-se a realização de cursos de capacitação para profissionais das instituições museológicas militares, em parceria com sistemas estaduais de museus e o Ministério da Cultura, em todas as regiões do país.
- Tendo em vista que os cursos de graduação não contemplam em geral as especificidades de algumas coleções militares, sugere-se que as diretorias culturais e os museus militares das Forças procurem desenvolver cursos de aperfeiçoamento comuns;
- Sugere-se a ampliação da divulgação dos museus militares empregando técnicas modernas de marketing, de forma a aumentar, ainda mais, o público atingido.

Ouro Preto, 25 de agosto de 2006.

Resumo executivo

Papel dos museus militares (aspectos essenciais)

- Não foi explicitado pelos documentos.

Potencialidades militares (vantagens comparativas)

- Esses museus possuem acervos e exposições multidisciplinares, abrangendo áreas como: história, arqueologia, subaquática, ciência e tecnologia, artes, etnologia (ex.: embarcações típicas).

Dificuldades enfrentadas pelos museus militares

- Não foi explicitado pelos documentos.

Estágio de formação da rede temática de museus

- Em acordo com o coordenador do GT Museus Militares, o relacionamento dos Museus Militares com as demais instituições museológicas e com o Demu foi ampliado, embora nada tenha sido comentado sobre as ações relativas à formação da rede temática.

Propostas de trabalho

As (12) propostas se referem ao conjunto de questões e sugestões apresentadas pelo GT Museus Militares, respectivamente, nos

encontros ocorridos em 2004 e 2006. Importante frisar que algumas das propostas apresentadas pelo GT no 1° FNM/2004 não foram aqui incluídas, uma vez que se entende que elas foram novamente apresentadas pelo GT no 2° FNM/2006.

Articulação com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultura da Marinha – DPHCM e com o Departamento de Assuntos Culturais do Exército:			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Verificação da possibilidade dos Encontros de Museus Militares passarem a serem bianuais a partir do ano de 2007, de forma intercalada com o FNM.	2° FNM	Até 2007 serão realizados dois *Encontros*: - *2º Encontro**, de 02 a 06 de outubro de 2006; - *3º Encontro* em 2007, com o patrocínio das Forças Armadas A partir de 2007, os encontros serão bianuais: - *4º Encontro*, sob a denominação *Encontro dos Museus de Cultura Militar*, que passará a incluir os museus externos às Forças Armadas com coleções afins. O tema proposto é o público. O referido evento ocorrerá de forma intercalada com o FNM. Assim, o próximo encontro será no ano de 2009. * Foi organizado pelo DPHCM e pelos Departamentos de Assuntos Culturais do Exército e o Museu Aeroespacial e fez parte das programações alusivas ao Ano Nacional dos Museus, uma iniciativa do Ministério da Cultura, por meio do Demu/Iphan.	GT Museus Militares
Viabilização da criação de um grupo de trabalho composto por profissionais documentalistas durante a realização do *2º Encontro de Museus Militares* para fazer um estudo que resulte em sugestões para a formação do Thesaurus Militar. Obs.: o Thesaurus é um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida, destinados à indexação e à recuperação de documentos e informações num determinado campo do saber. Não é simplesmente um dicionário, mas um instrumento que garante aos documentalistas e aos pesquisadores o processamento e a busca destas informações. Além da sua capacidade de organização, o Thesaurus também tem um valor didático porque utiliza conceitos específicos da área do conhecimento que contempla e permite, por meio das relações entre os termos, a melhor compreensão da área. (Fonte: Inep)	2° FNM	Ficou estabelecido no *2º Encontro de Museus Militares* que o Thesaurus Militar resultará do trabalho já em andamento no Serviço de Documentação da Marinha, patrocinado pela Caixa Econômica Federal, a ser repassado para o Exército e a Força Aérea.	GT Museus Militares

Verificação da possibilidade de as instituições museológicas militares adotarem links em suas páginas remetendo a outras páginas de instituições congêneres militares e civis que tenham acervos e exposições semelhantes.	2° FNM	Em exame.	GT Museus Militares
Incentivo à ampliação do intercâmbio de exposições temporárias, buscando atingir outras instituições museológicas com áreas afins de suas exposições e acervo. Obs.: essa atividade já vem ocorrendo em pequena escala e tem a enorme vantagem de atingir diferentes públicos.	2° FNM	Continua acontecendo o intercâmbio de exposições temporárias, mas ainda há muito potencial a ser explorado.	GT Museus Militares

Atuação do Demu

Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Fomento			
Aumento dos recursos alocados para editais com foco nos projetos de climatização e segurança dos espaços museológicos militares e para recuperação de bens imóveis que aloquem acervos museológicos militares.	1° FNM	O Demu vem ampliando sua participação no orçamento federal, por meio do seu programa Museu, Memória e Cidadania. Em 2007, os recursos mais que dobraram em relação a 2006. Pelo programa, são apoiados projetos nas seguintes áreas: - *fomento;* - *modernização;* - *programação anual;* - *inventário; e* - *capacitação.* Além disso, o Demu vem buscando prospectar novos patrocinadores de projetos museológicos e, ao mesmo tempo, ampliar o volume de recursos para projetos desse setor: - *Programa de Apoio a Projetos de Preservação de Acervos – BNDES;* - *Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais com vistas a preservar e promover o patrimônio cultural brasileiro – Caixa;* - *Programa Petrobras Cultural – Apoio a museus, arquivos e bibliotecas com vistas a apoiar a preservação e a difusão de acervos de museus, arquivos e bibliotecas.*	Demu
Capacitação de profissionais			
Promoção de cursos de capacitação nas áreas de gestão museal, documentação, ação educativa e conservação.	1° FNM	O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área, com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas:	Demu

		- *Museus, memória e cidadania;* - *Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus;* - *Treinamento de equipes administrativas e de apoio;* - *Elaboração de projetos e fomento para a área museológica;* - *Ação educativa em museus;* - *Conservação de acervos;* - *Gestão e documentação de acervos;* - *Expografia;* - *Arquitetura em museus;* - *Segurança em museus;* - *Museus e turismo;* - *Implantação de sistemas de museus.*	
		A parceria com os sistemas estaduais deverá ser ampliada.	GT Museus Militares
		Especialistas da área naval têm realizado cursos no Museu Histórico Nacional.	GT Museus Militares
Pesquisa			
Desenvolvimento de pesquisas aprofundadas sobre os acervos militares.	1° FNM	O Demu tem buscado consolidar um setor de pesquisa com linhas específicas de investigação. Além disso, o Demu desenvolveu uma metodologia própria com vistas a realizar um censo museológico, o Cadastro Nacional de Museus – CNM.	Demu
Desenvolvimento de pesquisas de público.	1° FNM	O Demu tem buscado consolidar o OMCC com vistas a traçar o perfil dos visitantes dos museus e mantê-lo atualizado. Em 2006, foi publicado o 1° Boletim do OMCC, apresentando uma síntese dos resultados da primeira pesquisa Perfil-Opinião, realizada junto a 11 museus do Rio de Janeiro. A pesquisa está prevista para ocorrer de dois em dois anos. Logo, a próxima pesquisa deverá ocorrer em 2008. Obs.: museus pesquisados: Museu da Vida; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Museu do Universo; Museu Aeroespacial; Museu Histórico Nacional; Museu Nacional; Museu Casa de Rui Barbosa; Museu do Índio; Museu do Primeiro Reinado; Museu Antônio Parreiras; Museu de Arte Contemporânea de Niterói.	Demu
Publicação			
Produção de livros, revistas, catálogos sobre acervos militares.	1° FNM	O Demu tem buscado consolidar seu setor de publicação com linhas específicas de publicação: - *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia,* com o objetivo de estimular intercâmbios e disseminar informações especializadas no setor;	Demu

		- *Caderno de Diretrizes Museológicas e Cadernos Técnicos*, com o objetivo de disseminar informações técnicas para os profissionais da área; - *Coleção Museu, Memória e Cidadania*, com o objetivo de publicar dissertações, teses, ensaios e pesquisas que tratem de questões museológicas e das relações entre museus e sociedade. - Publicação de relatórios, com o objetivo de sistematizar informações, promover avaliações e criar novos projetos.	
Divulgação			
Promoção da divulgação das instituições com acervos militares.	1° FNM	- O Demu disponibiliza uma publicação anual, *Agendas das Semanas de Museus*, com o objetivo de divulgar os eventos cuja programação está contemplada na da Semana dos Museus.	Demu
		- O Demu disponibiliza, ainda, o *Boletim Eletrônico do Demu*, com circulação semanal e cujo objetivo é divulgar eventos, cursos, seminários, editais de apoio e projetos ligados ao setor museológico e áreas afins.	Demu
Viabilização da produção de guia de museus militares.	1° FNM	O Demu, com base nas informações do Cadastro Nacional dos Museus – CNC, pretende elaborar guias dos museus brasileiros: - guia geral; - guia por estado; - guia dos museus do Iphan.	Demu
Apoio aos encontros do setor			
Apoio para organização do *1° Fórum de Museus Militares.*	1° FNM	O *Fórum* foi apoiado pelo Demu no âmbito do apoio aos *Fóruns Regionais de Museus*: - Período do *1° Fórum de Museus Militares:* 23 a 25 de maio de 2005. - Local: Porto Alegre (RS).	Demu

Grupo de Trabalho Museus Universitários e de Ciências

Coordenação: Maria das Graças Ribeiro – Fórum Permanente de Museus Universitários e Marcus Granato – Museu de Astronomia e Ciências Afins
Ouro Preto, 26 de agosto de 2006.

Os participantes do Grupo de Trabalho sobre Museus Universitários e de Ciências, reunidos no 2° *Fórum Nacional de Museus*, realizado em Ouro Preto (MG), de 22 a 26 de agosto de 2006, discutiram e expressam seu reconhecimento pela liderança exercida pelo Ministério da Cultura, por meio do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan, que, por sua política e ações concretas, vem alavancando o progresso da museologia em nosso país.

Também deixam registrada a percepção da abrangência de seu trabalho em todo o território nacional, bem como o respeito e a ética com que vem atuando. Como exemplo, citam o cuidado com a indicação para a coordenação dos GTs de profissionais que representam a área, como o Fórum Permanente de Museus Universitários e o Museu de Astronomia e Ciências Afins, vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia.

Representantes dos estados do Amapá, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe estiveram presentes no GT, que, embora tenha tido maior diversidade de museus participantes, apresentou menor número de representantes do que em 2004. Por outro lado, foi maior o número de participantes de museus de ciências não-universitários.

Iniciaram-se as atividades do Grupo com a apresentação, pelos coordenadores, dos objetivos e metas do Demu/Iphan para os GTs e do documento final do *1º Fórum Nacional de Museus* (Salvador – 2004), que embasou o início das discussões. Como pontos iniciais, foi sugerido ao Demu:

– Evitar atividades simultâneas nos *Fóruns Nacionais de Museus* e incluir uma tarde com roteiros diferenciados de visitas técnicas aos museus locais, podendo utilizar também profissionais participantes do *Fórum* para a problematização das visitas;

– Evitar, sempre que possível, no próximo *Fórum*, programar atividades culturais e/ou de interesse geral (como inaugurações) durante os GTs;
– Que o Demu faça gestão junto ao MEC para que o representante dos museus universitários no Observatório de Museus seja indicado pelo Fórum Permanente de Museus Universitários;
– Que a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC tenha um representante no Sistema Nacional de Museus; e
– Que no próximo *Fórum Nacional* sejam reprogramadas as atividades envolvendo museus universitários e de ciências, deixando o GT apenas para os museus de ciências, universitários ou não. E que seja incluído na programação do *Fórum* um seminário sobre museus universitários ou uma assembléia do Fórum Permanente de Museus Universitários, abordando todas as tipologias de museus.

Diante das dificuldades de manter em um mesmo GT representantes de museus universitários e de ciências e da constatação de que os resultados do *1º Fórum Nacional de Museus* contemplavam predominantemente os museus universitários, sugeriu-se, então, para otimizar o tempo e elaborar propostas mais concretas e objetivas, a constituição de dois subgrupos de trabalho:

Subgrupo A: Museus Universitários, abrangendo diferentes tipologias;
Subgrupo B: Museus de Ciências Não-universitários.

O subgrupo A considerou bastante atualizadas as reflexões e debates do *1º Fórum Nacional* e relevante continuar as discussões em torno das sugestões contidas no documento de 2004, que, apesar de evidenciar questões centradas principalmente nos problemas e demandas dos museus universitários, apresentava um claro diagnóstico desses museus. E achou importante registrar os avanços ocorridos em algumas áreas, bem como os motivos que os impulsionaram, reconhecendo, entretanto, a estagnação mantida em outras áreas.

Dentre os desafios apontados, muitos permanecem exatamente como foram relacionados há dois anos, provocando nos participantes do GT o desejo de ousar, de avançar, construindo metas concretas a serem alcançadas a curto, médio e longo prazos.

O foco central das discussões, no entanto, baseou-se nas "sugestões" daquele documento, dirigidas tanto aos próprios museus como às universidades às quais estão vinculados, e que serviram de parâmetro para a avaliação e proposição de novas metas para esses museus.

Os avanços ocorreram, em grande parte, em decorrência do estímulo gerado pela Política Nacional de Museus; do aumento do número de editais voltados para os museus (Iphan, Ministério da Ciência e Tecnologia, Fundação Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, BNDES, Petrobras, FAPs dos diferentes Estados, ONGs), possibilitando maior aporte de recursos. Também motivaram as transformações ocorridas nos museus universitários o maior número de seminários, congressos, encontros nacionais e internacionais ocorridos nos últimos anos, além da oferta de cursos, oficinas, oportunizando reflexões, debates, mudanças conceituais refletidas na prática.

O grupo reconhece a necessidade de buscar o contato com o MEC; de intensificar o diálogo entre os Ministérios da Cultura e da Ciência e Tecnologia; de maior interlocução com as universidades, gerando mais apoio e proposição de políticas para os seus museus; ampliação do quadro de funcionários dos museus; implementação de um plano de carreira e proposição de programas de capacitação para os profissionais já atuantes nos museus.

Dentre as propostas formuladas, foram ainda sugeridas para serem executadas:

A CURTO PRAZO

– Intensificar o apoio dos fóruns representativos de museus universitários às universidades públicas e privadas, no sentido de incentivar a participação das reitorias, pró-reitorias, diretorias em encontros e discussões, para que reconheçam a importância da atuação desses museus;
– Solicitar às universidades que indiquem representantes para atuarem junto às coordenadorias regionais do Fórum Permanente de Museus Universitários, ampliando as redes de comunicação;
– Incentivar o uso de metodologia que promova o intercâmbio e a troca de exposições de curta duração entre diferentes instituições museais;
– Informar as universidades públicas e privadas sobre a constituição e atuação dos fóruns de museus;
– Discutir e melhorar o instrumento utilizado para o diagnóstico dos museus universitários (questionário), a partir de discussões e troca de experiências via internet, incluindo questões que também alcancem as coleções;
– Promover ações pró-ativas, que levem o *Fórum* a atingir o maior número possível de instituições. Os coordenadores regionais devem formar grupos de trabalho que dêem suporte para o estabelecimento e/ou maior capilarização de redes;
– Credenciar os coordenadores regionais para que possam agir em nome do *Fórum*;
– Incentivar e/ou colaborar na criação de

cursos interdisciplinares de pós-graduação na área museológica;
– Sugerir ao Demu/Iphan que mantenha em sua equipe um responsável por GT do *Fórum Nacional de Museus*, com o objetivo de manter a articulação para a concretização das propostas.

A MÉDIO PRAZO
– Intensificar as pesquisas para ampliar o diagnóstico dos museus e coleções universitários, concluindo-o no prazo máximo de um ano, tempo hábil para propor e alcançar novas metas até o próximo *Fórum Nacional*.

A LONGO PRAZO
– Elaborar e publicar catálogo dos museus universitários brasileiros, a partir de pesquisas e diagnóstico em andamento. Lançamento previsto para o próximo *Fórum Nacional de Museus* (2006).

As discussões e propostas do subgrupo B foram endossadas pelos museus de ciência presentes no subgrupo A (museus universitários).

Foram discutidas, inicialmente, as dificuldades decorrentes do tipo de vinculação jurídica dos museus de ciências. Foram identificados museus federais, estaduais, municipais e privados. Os maiores problemas são encontrados nos museus estaduais e municipais, face à descontinuidade de equipes e de planejamento, sujeitas às políticas culturais dos governos. Muitos não possuem identidade jurídica, equipe permanente, plano de carreira e orçamento definido. No caso dos museus federais, os problemas se relacionam ao contingenciamento de orçamentos, às equipes reduzidas, às vezes, à necessidade de ter sua institucionalização decretada por lei, de forma a terem mais estabilidade institucional a longo prazo. Seus regimentos internos precisam ser publicados em Diário Oficial, para que as atribuições estejam claras e definidas. Uma vantagem, no entanto, é que, nesses museus, as equipes são estáveis e quase sempre muito envolvidas com a instituição, o que poucas vezes acontece nos museus estaduais e municipais. Os museus privados, em geral, não têm problemas jurídicos, orçamentários ou de equipe, restringindo-se estes à sua vinculação aos setores de *marketing* ou assessorias de comunicação de empresas, à necessidade de atender ao papel de divulgação institucional ou de um setor produtivo, com redução da liberdade de ações imparciais e independentes.

Um problema importante discutido nesse subgrupo é o descaso quanto ao patrimônio da ciência, da técnica e da indústria. Não há política de preservação, nem ações concretas e sistemáticas para tratá-los e preservá-los.

Outro ponto discutido foi a reduzida presença de museus de ciência nos *Fóruns Nacionais de Museus*. Foi questionado se não há, por parte desses museus, um reconhecimento do MinC como instância governamental de políticas públicas e de articulação para as instituições desse grupo. Por outro lado, parece haver no Demu certa dificuldade de compreensão dessas instituições. A própria junção dos mesmos num GT com museus universitários parece refletir tal dificuldade. Os canais de comunicação entre o Demu e os museus de ciências precisam ser ampliados.

Os museus de ciências e os demais museus precisam estar mais articulados, inclusive como forma de minimizar alguns preconceitos existentes de parte a parte. Para tal, a articulação entre ciência–arte–história pode auxiliar nesse processo, no qual o papel do museólogo, como agente articulador, pode ser determinante. Destaca-se aqui a necessidade de diagnosticar quantos e quais museus não possuem museólogo em seus quadros e, a partir disso, criar mecanismos de auxílio para minimizar as carências efetivas.

Outro ponto discutido foi que, além de os museus de ciências pouco comparecerem aos *FNM*, os demais museus não participam, em sua maioria, da Semana Nacional de C&T ou das Reuniões Anuais da SBPC.

Os canais de comunicação e divulgação utilizados na área de C&T, como o *Jornal da Ciência on line*, são pouco utilizados pelos demais museus. Por outro lado, o *Boletim do Demu* é pouco utilizado pela maioria dos museus de ciências. Os profissionais de museus não costumam se cadastrar no sistema Lattes de currículos do CNPq.

Tudo isso reforça o mito de que, nos demais museus, não se faz ciência, não se produz conhecimento.

Propostas

- Para os museus estaduais e municipais, seria interessante que se articulassem em torno de redes estaduais e regionais, que podem eventualmente assumir personalidade jurídica. O papel da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC como articuladora dessas redes e incentivadora de sua criação deve ser enfatizado.
- Para os museus federais, seria importante a articulação para desenvolver propostas e políticas de proteção do patrimônio da ciência, da técnica e da indústria. Quem sabe, procurar rever a política de preservação da memória da C&T já existente no MCT, ainda não implementada. Nesse caso, é imprescindível incluir os objetos e edificações que não foram ainda contemplados. Poderia ser criado um livro de tombo para esse tipo de acervo, numa ação

conjunta entre MCT e MinC.
- Os museus de ciências devem se associar à ABCMC e esta deve fazer um esforço para atrair esses museus para a Associação, divulgando seu trabalho e buscando ampliar o número de associados.
- O Cadastro Nacional de Museus deve incluir todos os associados da ABCMC, a partir de contatos entre o Demu e esta Associação. A ABCMC deveria ser convidada e estar presente no próximo *FNM*, em 2008. Para tal, faria um evento preparatório em 2007, durante a próxima reunião anual da SBPC, em Belém, na qual o Demu estaria presente e estimularia a participação de seus museus, talvez em espaço específico e contíguo ao da ABCMC. Seria realizada uma reunião preparatória para o FNM-2008 e o Demu poderia oferecer oficinas e minicursos, em especial para os profissionais das instituições dessa Associação.
- É importante que a ABCMC participe da Semana Nacional de Museus e que o Demu, com todos os demais museus, participe da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. O Departamento de Difusão e Popularização da Ciência do MCT precisará estar envolvido também nesse processo.
- A ABCMC deve estimular seus associados a utilizar o *Boletim do Demu* e as revistas eletrônicas de museologia como canais de divulgação. O Demu deve estimular os demais museus a utilizarem o *Jornal da Ciência on line* como canal de divulgação.
- As conclusões deste GT devem ser repassadas à ABCMC. A nova presidência da Associação, que assumirá em 30 de setembro, precisará estar a par e ser estimulada por seus associados presentes, especialmente o Mast, o MPEG, o Museu da Vida e o Museu Louis Jacques Brunet (Recife), a agir pró-ativamente nas questões levantadas neste *Fórum*.
- Os profissionais de museus devem ser instruídos a preencher o sistema Lattes de currículos do CNPq, de forma a serem considerados no sistema de C&T.
- Os museus de ciências também devem ser contemplados por oficinas específicas do Demu, sendo necessária a sua divulgação efetiva nos canais competentes. Por outro lado, os mesmos possuem especificidades e podem contribuir com oficinas para os demais museus.

A título de conclusão, os participantes do GT reconheceram a necessidade de avanços na área, embora tenham apontado a existência de redes já atuando nos dois subgrupos de trabalho.

Participantes e coordenadores do GT de museus universitários e de ciências cumprimentam o Demu/Iphan pela competência

e sensibilidade na organização do 2° *Fórum Nacional de Museus*, desejando o mesmo sucesso em 2008.

Resumo executivo

Papel dos museus universitários e de ciências (aspectos essenciais)

- Geradores e difusores de conhecimento científico e tecnológico;
- Mediadores entre Universidade e Sociedade no que diz respeito ao processo educativo (formal e informal).

Potencialidades dos museus universitários e de ciências (vantagens comparativas)

- Caráter interdisciplinar dos museus;
- Integração pesquisa, ensino e extensão;
- Capacidade para ministrar disciplinas curriculares e extracurriculares de graduação, pós-graduação e cursos de extensão;
- Papel da pesquisa.

Dificuldades enfrentadas pelos museus universitários e de ciências

- Fragilidade das relações entre os museus universitários e de ciências e a administração da Universidade ou da Instituição onde o museu está inserido:
- Insuficiência de quadro de pessoal e deficiências em sua capacitação;
- Falta de reconhecimento acadêmico do papel das pesquisas realizadas nos museus universitários;
- Falta de política para gerenciamento do acervo.

Estágio de formação da rede temática de museus

- No caso dos *museus de ciências*, a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC já congrega os museus dessa área. Nesse sentido, não se percebe qualquer movimento ou interesse para se formar outra rede, muito embora também tenha também sido colocado pelo GT que os museus estaduais e municipais podem vir a se articular em torno das redes estaduais e regionais e a ABCMC ser a articuladora dessas redes. No caso dos *museus universitários*, houve ampliação de redes já existentes, bem como aproximação entre ciência e cultura. Também estão sendo criadas novas redes, muitas delas redes temáticas, como a Rede de Museus de Mineralogia.

Propostas de trabalho

As (30) propostas consolidadas abaixo se referem aos pontos discutidos e às propostas e sugestões apresentadas pelo GT Museus Universitário e de Ciências, respectivamente, nos encontros ocorridos em 2004 e 2006. Importante frisar que algumas das propostas

apresentadas pelo GT no *1º FNM/2004* não foram aqui incluídas, uma vez que se entende que elas foram novamente apresentadas pelo GT no *2º FNM/2006*. As propostas apresentadas também incluem aquelas relacionadas à organização do *Fórum Nacional de Museus*.

Os participantes do *2º Fórum Nacional de Museus* reconhecem a situação de precariedade dos acervos e coleções universitárias e reivindicam ao Ministério da Educação a criação imediata de uma coordenação administrativa para esses museus.

Organização do *3º Fórum Nacional de Museus*			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Lista de convidados			
Convite à ABCMC para o 3º FNM.	2º FNM	Convite realizado.	Demu
Programação			
Criação de um GT apenas para tratar dos museus de ciências, sejam eles universitários ou não.	2º FNM	Em exame.	Demu
Inclusão na programação do *Fórum* de um espaço "menos fechado" para tratar dos museus universitários, podendo ser: um seminário sobre museus universitários ou uma assembléia do *Fórum* Permanente de Museus Universitários abordando todas as tipologias de museus.	2º FNM	Em exame.	Demu
Inclusão, na programação do *Fórum*, de roteiros diferenciados de visitas técnicas aos museus locais no período da tarde, podendo utilizar os profissionais participantes do *Fórum* para a problematização das visitas.	2º FNM	No momento, não é possível contemplar essa proposta. Além disso, ela não se aplica a fóruns com um número muito grande de participantes.	Demu
Evitar que a agenda de trabalho dos GTs coincida com as atividades culturais ou outros eventos de interesse geral, como inaugurações.	2º FNM	Em exame.	Demu
Pós-*Fórum*			
Disponibilização de técnico de Demu em cada GT, que possa assumir a responsabilidade pela articulação e concretização das propostas dos GTs. Obs.: como não houve qualquer definição do Demu com relação a essa proposta, de acordo com o coordenador do GT, os coordenadores entenderam por bem não se investirem dessa representatividade.	2º FNM	Em exame. Proposta difícil de ser cumprida em virtude do número reduzido de pessoas na equipe do Demu. Recomenda-se que o próprio GT avalie as propostas e busque uma forma de funcionamento, como uma rede temática.	Demu

Articulação com o MEC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Incentivo e/ou colaboração na criação de cursos interdisciplinares de pós-graduação na área museológica;	2° FNM (caráter de curto prazo)	O Demu vem se articulando com as seguintes instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. - Universidade Federal de Outro Preto – Ufop. - Universidade de Brasília – UnB. - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	Demu
Intensificação do apoio dos fóruns representativos de museus universitários às universidades públicas e privadas, no sentido de incentivar a participação das reitorias, pró-reitorias, diretorias em encontros e discussões, para que reconheçam a importância da atuação desses museus. Obs.: esse movimento já vem ocorrendo em algumas universidades e/ou regiões brasileiras, sendo estimulado por diferentes fatores, inclusive com apoio do Iphan.	2° FNM (caráter de curto prazo)		GT
Solicitação às universidades para indicação de representantes que atuem junto às coordenadorias regionais do Fórum Permanente de Museus Universitários – FPMU, ampliando, assim, as redes de comunicação. Obs.: os movimentos museológicos continuam ocorrendo entre os pares – as universidades ainda se envolvem pouco.	2° FNM (caráter de curto prazo)		GT
Reforço de informação às universidades públicas e privadas sobre a constituição e atuação dos fóruns de museus. Obs.: algumas universidades, já mais abertas e sensíveis, estão atentas e outras ainda estão muito distantes dessa realidade.	2° FNM (caráter de curto prazo)		GT

Proposição para a inclusão dos museus no estatuto e regimento interno das universidades, ampliando sua autonomia político-administrativa.	1° FNM	Participação do Demu em reunião do CRUB, visando a valorização do setor museológico nas universidades.	Demu
Proposição para a criação de uma política universitária de reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio, buscando, por exemplo, destacar as atividades dos museus universitários nos processo de avaliação de produtividade acadêmica.	1° FNM	Participação do Demu em reunião do CRUB, visando a valorização do setor museológico nas universidades.	Demu
Proposição para uma maior articulação entre pesquisa e ensino a partir do patrimônio museal, com vistas a dar maior visibilidade à função social dos museus universitários relacionada a ensino, pesquisa e extensão universitária.	1° FNM	Participação do Demu em reunião do CRUB, visando a valorização do setor museológico nas universidades.	Demu
Gestão junto ao MEC para que o FPMU indique o representante dos museus universitários no Observatório de Museus.	2° FNM		OMCC

Articulação com o Fórum Permanente de Museus Universitários – FPMU			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Sensibilização com relação ao credenciamento dos coordenadores regionais para que possam agir em nome do Fórum. Obs.: há instrumentos jurídicos em estudo, visando realizar tal ocorrência.	2° FNM (caráter de curto prazo)		FPMU
Verificação da possibilidade de se promover ações pró-ativas, que levem o *Fórum* a atingir o maior número possível de instituições. Neste caso, formando Grupos de Trabalho que dêem suporte para o estabelecimento ou maior capilarização da rede. Obs.: apenas algumas regiões têm conseguido manter a mobilização. Há universidades que não se dispõem à interatividade.	2° FNM (caráter de curto prazo)		FPMU

Articulação com o MCT			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Envolvimento do Departamento de Difusão e Popularização da Ciência do MCT no processo de participar a ABCMC na Semana Nacional de Museus e, ao mesmo tempo, envidar esforços conjuntos – Demu, ABCMC e MCT – para que os demais museus venham a participar da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.	2° FNM		

Obs.: a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia está agendada para o período de 1 a 7 de outubro de 2007.			
Estímulo e capacitação dos profissionais de museus a preencherem o sistema Lattes de currículos do CNPq*, de forma a serem considerados no sistema de C&T. * A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de currículos e de instituições da área de ciência e tecnologia em um único sistema de informações. Pelo referido sistema, é possível fazer a avaliação curricular do pesquisador, bem como permitir a criação de uma base de dados que possibilita a seleção de consultores e especialistas e a geração de estatísticas sobre a distribuição da pesquisa científica no Brasil.	2° FNM		
Revisão da política de preservação da memória da C&T*, buscando desenvolver propostas e políticas de proteção do patrimônio da ciência, da técnica e da indústria. Nesse caso, é imprescindível incluir os objetos e edificações que não foram ainda contemplados e também seria interessante criar um livro de tombo para esse tipo de acervo, numa ação conjunta entre MCT e MinC. *A Comissão Especial de Preservação da memória de C&T é composta por: Carlos Alberto da Silva Lima, Ministério da Ciência e Tecnologia (coordenador); Manuel Domingos Neto, CNPq (coordenador); Nancy Campos Muniz, CNPq (secretária executiva); Francisco Romeu Landi, Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – Fapesp; Jaime Antunes da Silva, Arquivo Nacional; José Maria Filardo Bassalo, Universidade Federal do Pará – UFPA; Marcio Augusto Freitas de Meira, Ministério da Cultura – MinC; Olival Freire Júnior, Universidade Federal da Bahia – UFBA.	2° FNM	Foram feitos alguns contatos entre o diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast e o MCT, que não produziram qualquer efeito significativo.	Mast

Articulação com a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC

Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Dar conhecimento à ABCMC sobre as conclusões do GT de Museus Universitários e de Ciências, endereçando-a à nova diretoria, cuja gestão vai de 2006 a 2008 (presidente: sr. Antônio Carlos Pavão). A ABCMC precisará do estímulo de seus associados, presentes no evento do *2° FNM*, como o Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast*, o Museu Paraense Emilio Goeldi – MPEG*, o Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz, e o Museu Louis Jacques Brunet (Recife) para agir pró-ativamente nas questões levantadas neste *Fórum*. * Museus vinculados ao MCT, denominados como unidades de pesquisa.	2° FNM	Os resultados foram repassados, mas não houve qualquer retorno por parte da ABCMC.	GT

Promoção, em conjunto com a ABCMC, à participação do Demu na próxima reunião anual da SBPC, em Belém. Ao participar do evento, o Demu poderia dispor de um espaço específico e contíguo ao da ABCMC, oferecendo oficinas e minicursos, em especial para os profissionais das instituições da ABCMC.	2° FNM	O Demu participou da SBPC e apresentou minicurso.	Demu
Estímulo à ABCMC para que esta envide esforços para atrair os museus de ciência a se associarem a ela.	2° FNM		ABMC
Convite à ABCMC para participar da Semana Nacional de Museus.	2° FNM	A participação na Semana de Museus é livre e independe de convite.	Demu
Convite à ABCMC para indicar um representante no Sistema Nacional de Museus.	2° FNM	O MCT tem assento no Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus.	Demu

Atuação do Demu			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Capacitação profissional			
Ampliação da programação das oficinas do Demu com temas específicos dos museus de ciência, podendo contar, para isso, com a colaboração desses museus para ministrar oficinas nos demais museus.	2° FNM	Aguardando propostas para exame.	Demu
Divulgação efetiva das oficinas, por meio de canais competentes, de modo que os museus de ciências possam ser contemplados em oficinas específicas do Demu.	2° FNM	O Demu divulga oficinas em seu *Boletim Semanal.*	Demu
Pesquisa			
Discussão e melhoria do instrumento utilizado para o diagnóstico dos museus universitários (questionário), a partir de discussões e troca de experiências, via internet, incluindo questões que também alcancem as coleções. Obs.: os avanços no sentido de diagnosticar os museus universitários são pouco significativos, em decorrência da falta de disponibilidade de muitas universidades, escassez de pessoal e de recursos para o avanço das pesquisas.	2° FNM (caráter de curto prazo)		ABMC
Intensificação das pesquisas para ampliar o diagnóstico dos museus e coleções universitários, concluindo-o no prazo máximo de um ano, tempo hábil para propor e alcançar novas metas até o próximo *FNM.*	2° FNM (caráter de médio prazo)		

Obs.: os avanços no sentido de diagnosticar os museus universitários são pouco significativos, em decorrência da falta de disponibilidade de muitas universidades, escassez de pessoal e recursos para o avanço das pesquisas.			
Verificar com a Associação a possibilidade de incluir todos os associados da ABCMC no Cadastro Nacional de Museus – CNM.	2° FNM		ABMC
Divulgação			
Verificar com a ABCMC a possibilidade de estimular seus associados a utilizar o *Boletim do Demu* e as revistas eletrônicas de museologia como canais de divulgação. E, ao mesmo tempo, verificar internamente no Demu os instrumentos necessários para estimular os demais museus a utilizarem o *Jornal da Ciência on line* da SBPC como canal de divulgação de suas atividades.	2° FNM		ABMC
Elaboração e publicação de um catálogo dos museus universitários brasileiros a partir de pesquisas e diagnóstico em andamento, com lançamento previsto para o próximo *FNM*.	2° FNM (caráter de longo prazo)	O Demu, com base nas informações do Cadastro Nacional dos Museus –CNC, pretende elaborar um guia dos museus brasileiros, guias estaduais, regionais e temáticos.	Demu
Exposição			
Incentivo ao uso de metodologia que promova o intercâmbio e a troca de exposições de curta duração entre diferentes instituições museais. Obs.: isso não tem acontecido. Os movimentos museológicos continuam ocorrendo entre os pares – as universidades ainda se envolvem pouco.	2° FNM (caráter de curto prazo)		FPMU

Grupo de Trabalho Museus Etnográficos e Arqueológicos

Coordenação: José Carlos Levinho – diretor do Museu do Índio (RJ) e
José Alexandre Felizola Diniz – diretor do Museu de Arqueologia de Xingo (SE)

O Grupo de Trabalho iniciou suas atividades com uma avaliação das recomendações feitas pelo GT, por ocasião do *1° Fórum Nacional de Museus*, realizado em Salvador, em 2004. Concluiu que a maioria das proposições continua pertinente; contudo, reconheceu que o principal aspecto a ser discutido, em virtude da atual especificidade das instituições de natureza etnográfica e arqueológica – culturas extintas, indígenas, afro-descendentes, relativas a arte e culturas populares, à memória dos imigrantes e outras – reside na mais absoluta precariedade em que se encontram os seus acervos. Assim, as discussões foram prioritariamente dirigidas no sentido de reforçar e aprofundar recomendações e moções visando, no mínimo, o estabelecimento de uma política consistente de preservação dos registros das populações consideradas, pelo ideário nacional, como formadoras da nacionalidade brasileira.

RECOMENDAÇÕES:

– Realizar um diagnóstico das condições em que se encontram as coleções etnográficas e arqueológicas no país e, simultaneamente, um inventário primário, com o objetivo de quantificar os itens existentes nos acervos;
– Realizar um fórum específico para discutir e definir normas e políticas de constituição e conservação de acervos etnográficos e arqueológicos;
– Definir uma política de documentação e informatização de acervos, com o objetivo de racionalizar o uso dos recursos;
– Promover campanha de âmbito nacional de valorização dos acervos etnográficos e arqueológicos;
– Rever, por parte do Iphan, a normatização da arqueologia de salvamento, definindo como prioridade o compromisso permanente, por parte do empreendedor, com a sustentabilidade de um núcleo museológico, laboratório e reserva técnica, disponibilizando recursos humanos e de custeio para o acondicionamento, conservação, documentação e comunicação do acervo arqueológico resgatado;
– Promover a articulação entre o Departamento

de Museus e Centros Culturais e o Departamento de Patrimônio Material do Iphan no que se refere à orientação sobre a guarda definitiva de material arqueológico (pesquisa acadêmica e de contrato), visando à definição de uma política sobre patrimônio arqueológico pré-histórico e histórico e sua musealização;
– Realizar seminário para discutir a questão da criminalização da comercialização do artesanato pelos índios, com a participação de representantes de comunidades indígenas e de suas organizações, Funai, Ibama, Polícia Federal, entidades da sociedade civil, instituições acadêmicas e científicas, entre outras.

Moções:

Os participantes do 2° *Fórum Nacional de Museus,* em sessão plenária realizada no dia 26 de agosto de 2006, em Ouro Preto, Minas Gerais vêm:

1) Repudiar a criminalização da comercialização de produtos da cultura material indígena e indicam à coordenação do Fórum o envio da presente moção aos dirigentes do Ibama, da Funai e da Polícia Federal.

2) Manifestar junto ao Ministério da Educação indignação pela falta de uma política de preservação dos acervos etnográficos e arqueológicos sob a guarda das Instituições Federais de Ensino Superior.

Resumo executivo

Papel dos museus etnográficos e arqueológicos (aspectos essenciais)

– Assumem a vocação de preservar o testemunho de diversos povos e culturas extintas, indígenas, afro-descendentes, relativas à arte e à cultura popular e da memória de imigrantes.

Potencialidades museus etnográficos e arqueológicos (vantagens comparativas)

– O formato desses museus tem um caráter transversal, podendo assumir características de museus comunitários, ecomuseus e, ainda, de museus "a céu aberto" e "espaços que têm fala de museal", como feiras, mercados, oficinas de artesãos e artistas populares e paisagens urbanas, entre outros;
– Estão intimamente integrados às políticas patrimoniais, em especial o patrimônio imaterial, compreendendo não apenas os testemunhos, mas também os processos arqueológicos e etnográficos.

Dificuldades enfrentadas pelos museus etnográficos e arqueológicos

– A sua principal dificuldade reside na absoluta precariedade em que se encontram seus acervos.

Estágio de formação da rede temática de museus

– Não foi feita nenhuma ação em prol da formação da rede temática.

Propostas de trabalho

As (15) propostas se referem ao conjunto de tópicos e recomendações apresentadas pelo GT Museus Etnográficos e Arqueológicos, respectivamente, nos encontros ocorridos em 2004 e 2006. Importante frisar que algumas das propostas apresentadas pelo GT no 1° FNM/2004 não foram aqui incluídas uma vez que se entende que elas foram novamente apresentadas pelo GT no 2° FNM/2006. No 2° FNM/2006, inclusive, apresenta que as discussões foram orientadas no sentido de reforçar recomendações a respeito de uma política de preservação dos registros das populações de diversos povos e culturas.

Articulação com outras áreas do Iphan e do MinC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Definição de uma política sobre patrimônio arqueológico, pré-histórico e histórico e sua musealização. Obs.: no 1° FNM, os integrantes do GT chamaram a atenção para o caso dos patrimônios arqueológicos e etnográficos do Centro-oeste e da Amazônia, historicamente desassistidos pelas políticas públicas.	2° FNM	Planejamento para a realização de fórum específico para debater o assunto, em parceria com museus e universidades. O Demu está estimulando e articulando essa ação.	GT
Estabelecimento de orientação acerca da guarda definitiva de material arqueológico: pesquisa acadêmica e de contrato (empresarial), por meio da articulação entre o Demu e o Depam do Iphan. Obs.: essa definição pode contribuir para a definição de uma política para o setor, considerando, neste caso, que a criação de coleções arqueológicas apresentam dinâmica própria de procedimentos museológicos. No 1° FNM, os integrantes do GT chamaram a atenção para o caso da coleção arqueológica sob a guarda do Banco de Santos, que, para o GT, deveria passar por um processo de tombamento e ser encaminhada para uma instituição pública especializada.	2° FNM	Planejamento para a realização de fórum específico para debater o assunto, em parceria com museus e universidades. O Demu está estimulando e articulando essa ação.	GT
Proposição de revisão, a ser feita pela área competente do Iphan, da normatização da	2° FNM	O assunto está na alçada do Depam.	GT

arqueologia de salvamento, definindo como prioridade o compromisso permanente, por parte do empreendedor, com relação à sustentabilidade de um núcleo museológico, laboratório e reserva técnica, disponibilizando recursos humanos e de custeio para acondicionamento, conservação, documentação e comunicação do acervo arqueológico resgatado.			
Realização de um diagnóstico das condições em que se encontram as coleções etnográficas e arqueológicas no país: situação de risco, degradação e desinformação. E, simultaneamente, um inventário primário, com o objetivo de quantificar os itens existentes nos acervos.	2° FNM		GT
Definição de uma política de documentação e informatização dos acervos, com o objetivo de racionalizar o uso de recursos.	2° FNM		GT
Desenvolvimento de projetos nacionais de educação patrimonial no bojo de um grande projeto de comunicação social sobre as diferentes dimensões do patrimônio, para sensibilizar a comunidade nacional e os governantes, visando captar parcerias e fomentar a ação civil.	1° FNM		

Articulação com o MEC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Proposição para a ampliação de cursos superiores de museologia nas Instituições Federais de Ensino Superior – Ifes..	1° FNM	O Demu vem se articulando com as seguintes instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: Universidade Federal da Bahia – UFBA; Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; Universidade Federal de Sergipe – UFS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Universidade Federal de Outro Preto – Ufop. Universidade de Brasília – UnB. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	Demu
Proposição para a criação de cursos de formação universitária e pós-gradução em museologia e arqueologia, nos quais estejam necessariamente incluídas questões relativas ao patrimônio arqueológico, presentes na maioria dos municípios brasileiros.	1° FNM		

Estímulo à capacitação dos professores na área de educação patrimonial via projetos que incluam o aporte de recursos de instituições do setor (museus, centros culturais e universidades), sendo de responsabilidade das redes de ensino municipal, estadual e federal.	1° FNM	Realização de oficinas de educação em museus em todo o Brasil.	Demu
Proposição para a ampliação do Currículo Escolar (níveis: fundamental e médio) para a inclusão da disciplina Educação Patrimonial, que contemple necessariamente a questão antropológica e suas vertentes de etnografia e arqueologia.	1° FNM		

Atuação do Demu

Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Fomento			
Proposição para incluir nos editais de financiamento de projetos de apoio a museus critérios a respeito do caráter interdisciplinar da sua equipe de profissionais, como forma de fomentar a contratação permanente de pessoal qualificado (museólogos, arqueólogos, conservadores etc.) pelas instituições museológicas.	1° FNM	O Demu recomenda sistematicamente aos proponentes de projetos a contratação de profissionais qualificados e especializados.	Demu
Capacitação profissional			
Reforço da necessidade de aprimoramento da qualificação dos profissionais de museus (museólogos, arqueólogos, arquitetos, conservadores, restauradores, comunicadores, antropólogos, educadores etc.) no âmbito da Política Nacional de Museus – PNC, buscando integrar a atuação interdisciplinar para a preservação da cultura brasileira.	1° FNM	O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área, com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas: - Museus, memória e cidadania; - Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus; - Treinamento de equipes administrativas e de apoio; - Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; - Ação educativa em museus; - Conservação de acervos; - Gestão e documentação de acervos; - Expografia; - Arquitetura em museus; - Segurança em museus; - Museus e turismo; - Implantação de sistemas de museus; - Novas tecnologias em museus.	Demu

Promoção do desenvolvimento de um programa nacional que leve o conhecimento especializado de museus às Secretarias de Estado para atendimento das demandas comunitárias de criação de espaços museais de diferentes representações étnicas e sociais.	1° FNM	O Demu realizou reunião com as Secretarias de Cultura de todos os estados.	Demu
Apoio aos encontros do setor			
Apoio para realização de fórum específico para discutir e definir normas e políticas de constituição e conservação de acervos etnográficos e arqueológicos.	2° FNM	O *Fórum* está em fase de planejamento e está incluído no Plano de Trabalho do Demu.	Demu
Apoio para a realização de seminário para discutir a questão da criminalização de comercialização do artesanato pelos índios, com a participação de representantes indígenas e de suas organizações, Funai, Ibama, Polícia Federal, entidades da sociedade civil, instituições acadêmicas e científicas, entre outras.	2° FNM		GT

Moções:			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Repúdio à criminalização da comercialização de produtos da cultura material indígena. Obs.: a proposta é encaminhar a moção aos dirigentes do Ibama, da Funai e da Polícia Federal.	2° FNM		
Manifestação de indignação pela falta de uma política de preservação dos acervos etnográficos e arqueológicos sob a guarda das Instituições Federais de Ensino Superior – Ifes.	2° FNM		

Grupo de Trabalho Museus Comunitários e Ecomuseus

Coordenação: Antonio Carlos Pinto Vieira – Museu da Maré (RJ)
Odalice Miranda Priosti – Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários (ABREMC)

Os museus são instituições permanentes, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que coletam, pesquisam, estudam, conservam, expõem e divulgam os testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente, com objetivos culturais, educacionais, científicos e de lazer. E mais: compreendem as instituições cujo espaço vivido é o próprio museu e a população envolvida, a âncora para o desenvolvimento de ações e processos ativos e criadores visando a apropriação coletiva do patrimônio e das coleções.

1º DIA – 22 DE AGOSTO DE 2006
Apresentação dos 63 participantes, provenientes das mais diversas regiões do país (Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste), com expressiva participação de estudantes das áreas de museologia e turismo, profissionais de museus, especialistas e professores.

As atividades propostas foram realizadas a contento, porém não avançamos em nosso planejamento devido ao atraso da programação oficial.

O grupo foi composto por uma grande diversidade de projetos e iniciativas. De acordo com as apresentações do grupo, ficou visível que os participantes buscavam maiores informações e orientação sobre os conceitos e a dinâmica dos museus comunitários – ecomuseus.

Foi iniciado o debate sobre a problemática conceitual referente ao assunto, com intensa participação do grupo.

2º DIA – 23 DE AGOSTO DE 2006
Iniciou-se com uma introdução dos assuntos tratados no dia anterior, seguindo-se uma discussão conceitual na qual foram colocadas questões relacionadas a museus comunitários e ecomuseus. Posteriormente, deu-se início à apresentação de fragmentos do texto: "O museu comunitário é herético?", de Hugues de Varine, a partir dos seguintes tópicos: o Patrimônio, a Coleção, o Território e a Comunidade, o Pessoal, a Exposição e a Organização.

Após leitura do relatório do *1º Fórum Nacional*

de Museus, ocorrido em 2004, Salvador, o grupo fez uma avaliação quanto à efetividade daqueles indicadores.

3º DIA – 25 DE AGOSTO DE 2006

Apresentação em Power Point das duas experiências vivenciadas pelos coordenadores da mesa, a saber: Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro (Santa Cruz) e Museu da Maré, ambos no Rio de Janeiro.

A partir dessas exposições, apresentaram-se as recomendações e moções.

Resumo executivo

PAPEL DOS MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS (ASPECTOS ESSENCIAIS)

- Construção de museus na comunidade e no seu território, com participação ativa dos membros da comunidade;
- Trabalho no museu comunitário com as noções de patrimônio integral, território, incluindo as casas dos habitantes e os lugares de produção.

POTENCIALIDADES DOS MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS (VANTAGENS COMPARATIVAS)

- Processo cooperativo;
- A comunidade como sujeito social;
- O saber-fazer da comunidade articula o patrimônio material e o imaterial;
- Presença de um agente local com amplo envolvimento com a vida social comunitária.

DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS MUSEUS COMUNITÁRIOS E ECOMUSEUS

- Falta de conhecimento sobre uma museologia popular;
- Pouca visibilidade dos trabalhos nos museus comunitários e ecomuseus;
- Carência de profissionais, em especial nas áreas de elaboração de projetos e de captação de recursos;
- Necessidade de formação de parcerias.

ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DA REDE TEMÁTICA DE MUSEUS

O GT Museus Comunitários e Ecomuseus entendeu que a constituição da rede temática para troca de experiências e intercâmbios se dará por meio de um fórum virtual de diálogo a ser representado pela lista de discussão da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC (abremc@grupos.com.br), que já está em funcionamento e apresentando resultados importantes, como: a) a realização de debates virtuais que possibilitou a construção de Estatuto da ABREMC; e b) mais recentemente, a construção do seminário de implantação do Ecomuseu da Amazônia, que serviu, por sua vez, como documento-base para a construção da "Carta de Belém" (de 10 de junho de 2007).

Importante frisar, ainda, a possibilidade de ampliação da rede em torno da ABREMC, tendo em vista a sua capacidade de atrair profissionais ou pessoas interessadas, que se reflete no investimento que a associação está fazendo para participar de ou mesmo para promover eventos importantes para o setor, bem como para disponibilizar assessorias para a criação de novos museus comunitários ou ecomuseus, tais como:

– Participação em eventos: *XII Atelier Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – Minom*, em Portugal (outubro próximo), e *Oficina de Facilitadores de Museus Comunitários*, em Oaxaca/México (em setembro), que é promovido pela União Internacional de Museus Comunitários das Américas – UIMCA.
– Organização de eventos: *IV EIEMC – Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários* (por ABREMC, Minom e Ecomuseu do Cerrado), previsto para maio de 2008.
– Participação de intercâmbios informais com vistas a assessorar iniciativas de futuros processos que podem desaguar em novos museus comunitários e ecomuseus.

Propostas de trabalho

As (17) propostas consolidadas se referem àquelas recomendações apresentadas pelo GT Museus Comunitários e Ecomuseus no encontro ocorrido em 2006. Não houve apresentação de proposta por ocasião do *1º FNM*/2004.

Articulação com a Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Reconhecimento da ABREMC. Obs.: a criação da ABREMC foi assumida no III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários – EIEMC e no X Atelier Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – Minom, em 15 de setembro de 2004.	2º FNM	No momento, a ABREMC tem assento no Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus.	Demu
Discussão de um projeto político para os museus construídos a partir de processos diferenciados (ABREMC, Demu e Iphan).	2º FNM	O Demu está estruturando o Programa Pró-Memória com o objetivo de fomentar a criação de museus comunitários, por meio de uma experiência piloto que deverá contemplar 11 iniciativas de museus comunitários. Pela proposta do referido Programa, o apoio refere-se a: - mapeamento das iniciativas museológicas comunitárias; - disponibilização de recursos para a criação de museus comunitários;	Demu

		- disponibilização de bolsas para os agentes de memória; e - capacitação dos agentes de memória. O Demu já lançou e realizou o edital Mais Museus, com o objetivo de estimular a criação de museus em municípios que não tenham museus e que tenham menos de 50 mil habitantes. O resultado já divulgado contemplou 24 municípios.	
Integração da rede temática do GT Ecomuseus e Museus Comunitários à Rede de Educação em Museus (REM)*, visando à troca de experiências e desenvolvimento de novas metodologias. * A REM – Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais surgiu em 2004, com o propósito de proporcionar encontros sistemáticos entre educadores de museus da cidade do Rio de Janeiro e de todo Brasil que tinham como desejo comum compartilhar idéias, conhecer mais de perto o trabalho dos colegas, refletir sobre a práxis profissional, e, acima de tudo, formar um grupo de estudos na área da educação em museus, contribuindo para o desenvolvimento desse campo profissional.	2° FNM		GT
Criação de um grupo multidisciplinar, intersetorial e transversal para dar consultoria e assessoramento às iniciativas museológicas.	2° FNM		GT

Articulação com o MEC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Viabilização da criação ou valorização da disciplina Museologia Comunitária e sua inclusão nas grades curriculares de formação, especialização e extensão em museologia, em interface com os cursos de turismo, patrimônio, história e educação.	2° FNM	O Demu vem se articulando com instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia e vem estimulando que esses cursos atuem com uma perspectiva crítica, com foco na cidadania, no direito à memória e nos trabalhos de uma museologia social ou de uma sociomuseologia. Além disso, o Demu desenvolve parcerias com as seguintes universidades: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. - Universidade Federal de Outro Preto – Ufop. - Universidade de Brasília – UnB. - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	Demu

Atuação do Demu			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Fomento			
Abertura de linhas de financiamento e fomento específicas, levando a elas o apoio e a solidariedade esperados no início do processo.	2° FNM	O Demu está estruturando o Programa Pró-Memória, com o objetivo de fomentar a criação de museus comunitários, por meio de uma experiência piloto que deverá contemplar 11 iniciativas de museus comunitários. Pela proposta do referido Programa, o apoio se refere a: - disponibilização de recursos para a criação de museus comunitários; - disponibilização de bolsas para os agentes de memória; e - capacitação dos agentes de memória.	Demu
Estímulo às iniciativas identificadas como potenciais experiências museais.	2° FNM		
Capacitação de profissionais			
Proposição de programa de capacitação nas diferentes áreas de interesse.	2° FNM	O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área, com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas: - Museus, memória e cidadania; - Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus; - Treinamento de equipes administrativas e de apoio; - Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; - Ação educativa em museus; - Conservação de acervos; - Gestão e documentação de acervos; - Expografia; - Arquitetura em museus; - Segurança em museus; - Museus e turismo; - Implantação de sistemas de museus.	Demu
Elaboração de cursos e seminários para formulação de projetos e fomento, com a finalidade de captar recursos.	2° FNM		
Inclusão do tema museologia comunitária no calendário de oficinas do Demu. Obs.: a ABREMC se coloca à disposição do Demu para que protagonistas e animadores de experiências dessa tipologia de museus possam dar sua contribuição, levando a informação e a vivência a comunidades que desejarem conhecer mais sobre o tema.	2° FNM	O Demu trabalha com a oficina Museu, Memória e Cidadania e compreende que essa oficina dá conta do assunto. Além disso, o Demu está sintonizado com a perspectiva da museologia social ou da sociomuseologia.	Demu

Pesquisa			
Mapeamento dos processos museológicos comunitários, por meio de parceria entre ABREMC e Demu.	2° FNM	O Demu tem buscado consolidar um setor de pesquisa com linhas específicas de investigação. Além disso, o Demu desenvolveu uma metodologia própria com vistas a realizar um censo museológico, o Cadastro Nacional de Museus – CNM. A ABREMC pode contribuir com a indicação de museus e processos a serem mapeados.	Demu
		Desde a criação do Demu e do lançamento da Política Nacional de Museus, o conceito de museu utilizado é amplo e já contempla ecomuseus, museus comunitários, museus de territórios e processos similares. Além disso, o Demu está estruturando o Programa Pró-Memória com o objetivo de fomentar a criação de museus comunitários, por meio de uma experiência piloto que deverá contemplar 11 iniciativas de museus comunitários.	Demu
Ampliação e redefinição do conceito de museu de modo a contemplar os ecomuseus, museus comunitários, museus de territórios e processos similares.	2° FNM		
Implantação, no âmbito do Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC, de um sistema de avaliação qualitativa e de mensuração do impacto das experiências comunitárias.	2° FNM		OMCC
Divulgação			
Inclusão na programação de difusão e de comunicação do Demu de informações sobre os ecomuseus, museus comunitários e processos similares.	2° FNM	O Demu disponibiliza uma publicação anual, *Agendas das Semanas de Museus*, com o objetivo de divulgar os eventos cuja programação está contemplada na da Semana dos Museus. O Demu disponibiliza, ainda, o *Boletim Eletrônico do Demu*, com circulação semanal e cujo objetivo é divulgar eventos, cursos, seminários, editais de apoio e projetos ligados ao setor museológico e áreas afins. Os ecomuseus e museus comunitários já participam do programa de difusão e divulgação do Demu de modo sistemático.	Demu
Elaboração de material informativo sobre os ecomuseus, museus comunitários e processos similares.	2° FNM	O Demu, com base nas informações do Cadastro Nacional dos Museus – CNC, está elaborando um guia analítico dos ecomuseus e museus comunitários.	Demu
Apoio aos encontros do setor			
Apoio à realização do *Encontro Nacional Bienal* pela ABREMC, no âmbito do Sistema Brasileiro de Museus – SBM, em parceria com o Demu.	2° FNM	Não houve proposta para análise. Além disso, o Demu apoiou a realização do *Congresso Nacional de Museus* com o tema "Museus, memórias e movimentos sociais", realizado em novembro de 2007.	Demu

Apoio à participação de representantes brasileiros no *Fórum Latino-Americano de Museus Comunitários/Ecomuseus*, por meio de parceria entre o MinC e os organizadores do *Fórum*. Obs.: o evento, de acordo com o GT, está previsto para ocorrer em 2007 na Venezuela.	2° FNM		GT

Moções			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Repúdio à destruição dos patrimônios arqueológicos e históricos, causada por guerras e conflitos de qualquer natureza. Obs.: a proposta é manifestar-se à Organização das Nações Unidas – ONU por meio de moção a ser encaminhada via Ministério das Relações Exteriores.	2° FNM		
Apoio à revitalização do Museu da Abolição em Recife/PE. Obs.: vinculado à 5ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, está instalado nas dependências do Sobrado da Madalena.	2° FNM	O Demu reabriu o Museu da Abolição – Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira, em abril de 2008.	Demu

Grupo de Trabalho Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias

Coordenação: Erick Krulikowski – Museu da Pessoa e
Maria Amélia Junginger – Museu da Imagem e do Som do Paraná

Síntese das atividades do GT:

- Público participante do GT é bastante heterogêneo, com poucos profissionais de experiência ou atuantes na área. Isso dificultou o aprofundamento de conceitos e propostas práticas para o setor, diante ainda de questões fundamentais e complexas, que perpassam as ações (ex.: direito autoral e conexos).
- As novas tecnologias ainda são uma realidade distante para a grande maioria dos MIS, pois suas necessidades mais urgentes dizem respeito à conservação, preservação e musealização dos objetos. Uma grande parcela não sabe o que existe em suas coleções, ou mesmo tem planos museológicos e políticas de salvaguarda definidas.
- A possibilidade de constituição de redes temáticas é bem aceita, principalmente pela grande potencialidade que os MIS e os de novas tecnologias têm de atuar compartilhando informações, mediados pela internet e outros. No entanto, as instituições não estão preparadas para que isso seja efetivado.
- Instituições referência na área não estão presentes no GT, como a Cinemateca Brasileira e a Funarte, que poderiam trazer contribuições significativas ao grupo e compartilhar soluções.
- É urgente incentivar o estabelecimento de planos de gestão nesse segmento, assim como um cadastro específico que levasse em consideração as tipologias de mídia que estão nos acervos e as principais temáticas relacionadas. Essas temáticas serão fundamentais para que, no futuro, sejam estabelecidas parcerias entre os MIS, já dentro da perspectiva do trabalho em rede.
- Pouco tempo de trabalho com o grupo, não possibilitando maior aprofundamento das discussões.

Resumo executivo

Papel dos museus da imagem e do som e de novas tecnologias (aspectos essenciais)

– Cumprem papel fundamental na contemporaneidade, uma vez que produzem e guardam a memória recente na sua área de atuação.

Potencialidades museus da imagem e do som e de novas tecnologias (vantagens comparativas)

– Facilidade de comunicação com o público jovem pela possibilidade de uso de novas tecnologias de informação e comunicação;
– Amplo material sobre a história contemporânea, manifestações culturais e artísticas, entre outras;
– A tipologia do acervo facilita a disseminação da informação em várias mídias.

Dificuldades enfrentadas pelos museus da imagem e do som e de novas tecnologias

– Deficiência na documentação museológica, em especial sobre a falta de conhecimento com relação ao que existe em suas coleções e, também, ao conhecimento sobre a licença de uso dos objetos em acervo (legislação de uso e acordos internacionais);
– Carência de profissionais especializados, em especial nas áreas de conservação desse tipo de acervo: químicos, restauradores de película etc., e de profissionais nas áreas de novas tecnologias e áreas afins;
– Baixa capacidade de legitimação dos museus virtuais e seus acervos nos universos museal, científico e acadêmico;
– Falta de preparo para a formação de redes para o exercício da troca de informação e de experiência com outras instituições que trabalham com o mesmo tipo de acervo.

Estágio de formação da rede temática de museus

– Houve dispersão dos integrantes logo após o 2° FNM, o que vem dificultando a formação da rede temática.

Propostas de trabalho

As (19) propostas consolidadas se referem ao conjunto de propostas e medidas com o objetivo de enfrentar os problemas do setor apresentadas pelo GT Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias, respectivamente, nos encontros ocorridos em 2004 e 2006. Importante frisar que algumas das propostas apresentadas pelo GT no 1° FNM/2004 não foram aqui incluídas, uma vez que se entende que elas foram novamente apresentadas pelo GT no 2° FNM/2006. Importante registrar as dificuldades apresentadas pelo GT no seu trabalho no âmbito do *Fórum Nacional de Museus* foram consolidadas na forma de propostas à organização do 3° FNM.

Organização do *3° Fórum Nacional de Museus*			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Lista de convidados			
Revisão da composição do GT, tendo em vista a pouca participação de profissionais com experiência ou com forte atuação na área e a falta de representantes de instituições de referência na área, como a Cinemateca Brasileira e a Funarte.	2° FNM	O Demu está estimulando uma ampla participação dos profissionais que atuam nessa área, visando um maior envolvimento com o *3° Fórum Nacional de Museus*, ocasião em que ocorrerá também um minicurso sintonizado com essa linha temática.	Demu/GT
Programação			
Revisão do tempo de trabalho com o grupo, que foi considerado muito curto.	2° FNM	É preciso que o tempo seja o mesmo para todos os GTs.	Demu/GT

Articulação com o MEC			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Promoção de parcerias com escolas técnicas, universidade e rede de ensino para capacitação de mão-de-obra minimamente qualificada para atender à demanda dos trabalhos de higienização e musealização.	2° FNM	O Demu encaminhou ao MEC proposta de parceria para a criação de cursos técnicos nas áreas indicadas.	Demu
Abertura de frentes de trabalho para universitários de áreas próximas relativas a pesquisa e correta documentação das imagens históricas.	2° FNM	A Política Nacional de Museus tem contribuído para a abertura dessas frentes de trabalho.	Demu
Promoção de políticas de incentivo e de difusão de pesquisas na área de conservação, buscando promover intercâmbio entre as áreas científicas afins.	2° FNM	Está em fase de publicação um *Caderno Técnico* sobre conservação.	Demu

Atuação do Demu			
Propostas	FNM	Encaminhamentos	Responsável
Fomento			
Ampliação das políticas e editais de apoio e incentivo a formação, preservação e difusão de acervos audiovisuais e virtuais, contemplando as diferentes instituições com acervos desse tipo.	1° FNM	O Demu vem ampliando sua participação no orçamento federal, por meio do seu Programa Museu, Memória e Cidadania. Em 2007, os recursos mais que dobraram em relação a 2006. Pelo Programa, são apoiados projetos nas seguintes áreas: - Fomento; - Modernização; - Programação Anual; - Inventário; e, - Capacitação. Além disso, o Demu vem buscando prospectar	Demu
Incremento das linhas de financiamentos destinadas ao tratamento e à higienização dos acervos.	2° FNM		

		novos patrocinadores de projetos museológicos e, ao mesmo tempo, ampliar o volume de recursos para projetos desse setor. Exemplos: - Programa de Apoio a Projetos de Preservação de Acervos – BNDES; - Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais com vistas a preservar e promover o patrimônio cultural brasileiro – Caixa; - Programa Petrobras Cultural – Apoio a museus, arquivos e bibliotecas com vistas a apoiar a preservação e a difusão de acervos de museus, arquivos e bibliotecas.	
Composição de recursos governamentais (federal, estadual e municipal) destinados a projetos de cooperação mútua para a guarda dos acervos..	2° FNM	Em exame. Avanços foram realizados em alguns estados.	Demu
Desenvolvimento de alternativas para agilizar a destinação de recursos às instituições.	1° FNM	Em exame.	Demu
Capacitação de profissionais			
Promoção de curso de capacitação e de programas intercâmbio dos profissionais especializados na área de conservação: químicos, restauradores de película etc.	2° FNM	O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área, com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas: - Museus, memória e cidadania; - Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus; - Treinamento de equipes administrativas e de apoio; - Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; - Ação educativa em museus; - Conservação de acervos; - Gestão e documentação de acervos; - Expografia; - Arquitetura em museus; - Segurança em museus; - Museus e turismo; - Implantação de sistemas de museus; e - Museus e novas tecnologias.	Demu
Promoção de capacitações na área de novas tecnologias e de outras áreas transversais para o melhor entendimento da realidade dos Museus de Imagem e Som – MIS.	2° FNM	Foi criada uma oficina com o tema Museus e Novas Tecnologias.	Demu

Promoção de programas de intercâmbio dos profissionais especializados na área de conservação (químicos, restauradores de película etc.), com a participação de mais de uma instituição.	2° FNM	Em exame. Proposta de convênio com UFMG avançou em alguns pontos.	Demu
Pesquisa			
Incentivo à construção de um cadastro específico do setor que leve em consideração as tipologias de mídia que estão nos acervos e as principais temáticas relacionadas. Obs.: Essas temáticas serão fundamentais para que, no futuro, sejam estabelecidas parcerias entre os MIS, já dentro da perspectiva do trabalho em rede.	2° FNM	O Cadastro Nacional de Museus dá conta dessa demanda.	Demu
Divulgação			
Viabilização de parcerias com instituições da área de comunicação (rádio, emissoras de TV, internet etc.), com vistas a facilitar a disseminação da informação dos acervos que é contemplado pelos MIS.	2° FNM	O Demu disponibiliza uma publicação anual, *Agendas das Semanas de Museus*, com o objetivo de divulgar os eventos cuja programação esteja contemplada na da Semana dos Museus.	Demu
		O Demu disponibiliza, ainda, o *Boletim Eletrônico do Demu*, com circulação semanal, cujo objetivo é divulgar eventos, cursos, seminários, editais de apoio e projetos ligados ao setor museológico e áreas afins.	Demu
Acervo			
Incentivo ao desenvolvimento da política de musealização dos acervos dos MIS.	1° FNM		GT
Implantação de sistema documental informatizado e em rede, optando-se preferencialmente pelo sistema de *softwares* livres. Obs.: neste caso, o GT entende que se deve ponderar a respeito da utilização dos softwares livres nos museus, tendo em vista seu baixo custo de implantação e sua estabilidade. O problema, no entanto, é a falta de profissionais capacitados para operar com esse sistema. O GT apresenta, ainda, dois sistemas já em funcionamento: o Sistema Simba (Museu Nacional de Belas Artes) e o Sistema Matriz (Rede Portuguesa de Museus).	2° FNM		GT
Priorização na política de aquisição e enriquecimento de coleções a questão dos direitos de uso e, neste caso, dando tratamento específico a cada item do acervo, conforme a legislação vigente e os acordos internacionais.	2° FNM		GT

Criação de reservas técnicas regionais ou nacionais para armazenamento de materiais com suporte de nitrato e acetato, respeitando as regras de segurança de trabalho para os profissionais que atuam na área, por meio de: Parceria com a Cinemateca Brasileira; e Criação de espaços regionais. Obs.: As reservas técnicas são muito específicas e caras, e os materiais, muito sensíveis – risco de autocombustão etc., buscando o compartilhamento de responsabilidade entre governos federal, estadual e municipal.	1° FNM		GT
Apoio aos encontros do setor			
Apoio à promoção de seminários, fóruns de discussão e encontros, envolvendo órgãos oficiais (Iphan, Icom), universidades e profissionais da área, com vistas a legitimar os museus virtuais e seus acervos no universo museal, científico e acadêmico.	2° FNM	Aguardando propostas.	GT

Consolidação das propostas dos Grupos de Trabalho

O presente documento faz uma consolidação das moções e propostas que foram aprovadas em plenária e levantadas pelos integrantes dos Grupos de Trabalho – GTs[1] nas duas edições do *Fórum Nacional dos Museus – FNM*, respectivamente em 2004 e 2006.

Abaixo seguem as listas das moções e recomendações específicas, totalizando 20 itens, que foram aprovadas na plenária do *1° FNM* e apresentadas como propostas por dois Grupos de Trabalho[2] no *2° FNM*, as quais sintetizam as principais preocupações dos seus participantes com relação às necessidades de intervenção em prol do segmento museológico. Elas estão organizadas de acordo com os temas indicados conforme tabela abaixo:

Moções/Recomendações específicas	**Nº**
Apoio ao fortalecimento da importância da instituição museológica	6
- Incorporação de novos parceiros ao campo museal	1
- Consolidação dos museus existentes	4
- Ampliação dos espaços de atuação da carreira de museólogo	1
- Apoio ao fortalecimento da política cultural	3
- Ampliação do orçamento do Ministério da Cultura	1
- Política de preservação do patrimônio cultural no âmbito da estratégia de desenvolvimento do país	2
Apoio ao fortalecimento da Política Nacional de Museus – PNM	4
- Sistema Brasileiro de Museus	1
- Instituto Brasileiro de Museus – Ibram	1
- Orçamento Público para o setor museológico	1
- Organização do *Fórum Nacional de Museus* – FNM	1
Apoio à facilitação do acesso a informações museológicas sob a guarda de ente público ou privado	2
Apoio a eventos do setor museológico	1
Atenção à deterioração e perda do patrimônio cultural	4
- Tráfico de bens culturais	1
- Desgaste e destruição do patrimônio cultural	3
Total	**20**

1 O GT Museus de Arte não apresentou o seu relatório de propostas no *2° Fórum Nacional de Museus*, que ocorreu em 2006.
2 As (4) moções foram apresentadas pelos GTs Museus Etnográficos e Arqueológicos e Comunitários e Ecomuseus no conjunto de suas propostas.

As propostas, por sua vez, referem-se ao conjunto de pontos, aspectos das áreas de operações dos museus, temas, medidas, tópicos e recomendações que foram discutidas e consideradas pelos GTs no âmbito dos seus trabalhos nos Fóruns e apresentados em documentos finais de trabalho nas plenárias dos referidos eventos. Importante frisar que as propostas cujo conteúdo foi apresentado nos dois eventos só foram contabilizadas uma vez, optando-se, em geral, pela redação da proposta apresentada no *2° FNM*.

As propostas foram organizadas segundo os seguintes aspectos:

a) propostas relativas à organização do *Fórum Nacional de Museus*;
b) propostas que exigem articulação prévia com outros órgãos da administração pública para serem implementadas;
c) propostas de interação com os movimentos do setor museológico; e
d) propostas que estão dentro do escopo de atuação do Demu – áreas de atuação do Demu ou ações do Demu já em andamento.

Ao todo, foram contabilizadas 116 propostas, algumas delas com conteúdo coincidente, de acordo com a tabela abaixo:

Tema das propostas	**N°**
Organização do *Fórum Nacional de Museus*	**9**
- Lista de convidados	2
- Programação	5
- Pós-*Fórum*	2
Relações institucionais com órgãos da administração pública	**32**
- Ministério da Educação	17
Formação nível superior	7
Formação nível médio	2
Interação museus e escolas	4
Envolvimento das Instituições Federais de Ensino Superior – Ifes com as instituições museológicas	4
- Ministério de Ciência e Tecnologia	4
- Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultura da Marinha – DPHCM e Departamento de Assuntos Culturais do Exército	4
- Iphan	7
Relações institucionais com os movimentos do setor museológico	**10**
- Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC	4
- Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC	4
- Fórum Permanente de Museus Universitários – FPMU	2
Atuação do Demu nas áreas	**65**
- Fomento	10

Edital	7
Apoio à criação de espaços museológicos	2
Cooperação com outros entes da Federação	1
- Capacitação de profissionais	15
Oficinas de capacitação	5
Ampliação de temas das oficinas de capacitação	3
Divulgação das oficinas de capacitação	1
Programas de intercâmbio	3
Melhorias ao Programa de Formação e Capacitação em Museologia	4
- Educação nos museus	1
- Pesquisa	11
Mapeamento dos museus brasileiros	8
Pesquisa-perfil do público de instituições museológicas	3
- Publicação	3
- Acervo	5
- Exposição	2
- Segurança dos museus	2
- Divulgação	8
Boletim eletrônico e programação da Semana de Museus	5
Guias de museus	3
- Apoio aos encontros do setor	7
Total	**116**

Em anexo, segue o detalhamento das listas de moções/recomendações específicas e das propostas que foram, respectivamente, acordadas em plenário e sugeridas pelos GTs nos dois *Fóruns Nacionais de Museus*, que ocorreram em 2004 e 2006.


2º Fórum Nacional de Museus
Ouro Preto
22 a 26 de agosto de 2006
O futuro se constrói hoje
CAIXA
Ministério da Cultura
IPHAN
Ministério da Cultura
IPHAN

Lista de moções/recomendações específicas

I) Apoio ao fortalecimento da importância da instituição museológica			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Incorporação de novos parceiros ao campo museal			
Contemplar a participação de diferentes povos indígenas, que se empenham na criação e manutenção de museus, nas atividades do *Fórum Nacional de Museus*. Por exemplo: Karipuna/Palikur/ Galibi-Maworno, Tikuna, Kadiweu, Bacairi, Kaingang e Guarani. Obs.: 1) Galibi-Maworno – Associação dos Galibi-Maworno/Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque-Kuahí: Arte, Ciência e Tecnologia em Oiapoque/AP; 2) Tikuna – Museu Magüita, em Benjamim Costant/ AM; 3) Kadiweu – Associação das Comunidades Indígenas da Reserva Kadiweu/MS; 4) Bacairi – Associação Kura-Bacairi/MT; 5) Kaingang/Associação dos Povos Indígenas do Sul (Apois), Associação dos Professores Bilíngües Kaingang-Guarani (APBKG) e Organização das Nações Indígenas do Sul (Onisul); 6) Guarani – Associação Guarani Nh'em Porá/SP.	1° FNM/ Plenária-moção		
Consolidação dos museus existentes			
Apoio à imediata inauguração e efetivação do Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque-Kuahí: Arte, Ciência e Tecnologia. Obs.: esse museu foi inaugurado em abril de 2007 e está funcionado na cidade de Oiapoque/AP, na av. Rio Branco, 160.	1° FNM/ Plenária-moção		
Apoio à revitalização do Museu da Abolição em Recife/PE. Obs.: vinculado à 5ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, está instalado nas dependências do Sobrado da Madalena	2° FNM/ GT Museus Comunitários e Ecomuseus – moções	O Museu da Abolição – Centro de Referência da Cultura Afro-brasileira foi revitalizado e reinstalado em 20 de novembro de 2006, por Portaria de18 de julho de 2005, conforme proposta do diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais dolphan.	Demu
Apoio à preservação do Museu do Homem do Norte. Obs.: o Museu do Homem do Norte pertence à Fundação Joaquim Nabuco (sede em Recife), que é vinculada ao MEC. Todavia, o Museu do Homem do Norte, desde junho de 2006, está sob a	1° FNM/ Plenária-recomendação		

administração da Secretaria Municipal de Cultura – SEMC/AM, por meio de um contrato de comodato. O termo de cessão deve durar três anos.			
Preocupação com relação à situação de abandono a que está relegado o Sistema Estadual de Museus/RN, ao qual estão associados cinco museus universitários*, ameaçando a preservação do patrimônio cultural e científico ali alocados. * A Fundação José Augusto, entidade mantida pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte, que tem como atribuição "coordenar e apoiar tecnicamente as atividades do Sistema Estadual de Bibliotecas e dos museus ligados à instituição": Memorial Câmara Cascudo, Museus de Arte Sacra, Pinacoteca do Estado, Museu Café Filho e Museu da Arte Popular.	1° FNM/ Plenária-moção		
Ampliação dos espaços de atuação da carreira de museológo			
Apoio à proposta de incluir o profissional capacitado em museologia nos quadros funcionais do serviço público. Obs.: a sugestão é que a proposta seja encaminhada para o Conselho Federal de Museologia – Cofem, que é o órgão fiscalizador do exercício da profissão de museólogo.	1° FNM/ Plenária-moção		

II) Apoio ao fortalecimento da política cultural			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Ampliação do orçamento do Ministério da Cultura			
Apoio ao aumento do orçamento do Ministério da Cultura para 1% com relação ao orçamento da União.	1° FNM/ Plenária-moção		
Política de preservação do patrimônio cultural no âmbito da estratégia de desenvolvimento do país			
Apoio para que, nas atividades de planejamento dos projetos de desenvolvimento (usinas hidrelétricas, linhas de transmissão, rodovias, gasodutos etc.) que beneficiarão determinadas regiões, levem-se em consideração, nessas localidades, as necessidades dos setores culturais, especialmente para destinação de porcentagem da verba para proteção preventiva dos bens culturais impactados, assim como para a musealização das coleções produzidas.	1° FNM/ Plenária-moção		
Apoio para que o Programa Monumenta/Iphan dê atenção, em caráter de urgência, ao conjunto arquitetônico da primeira rede ferroviária do Rio Grande do Norte, agregada posteriormente à Rede Ferroviária Federal. Obs.: A MP nº 353 extinguiu a empresa estatal Rede Ferroviária Federal – RFFSA e transferiu para a União (AGU e empresa Valec) os direitos e obrigações da empresa extinta.	1° FNM/ Plenária-moção		

II) Apoio ao fortalecimento da política cultural			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Sistema Brasileiro de Museus			
Apoio ao Sistema Brasileiro de Museus, com a expectativa de que se promova o efetivo desenvolvimento do setor e de sua contribuição para a sociedade, assim como a esperança do aprofundamento das práticas, debates e tomadas de decisão.	1° FNM/ Plenária-moção		
Instituto Brasileiro de Museus – Ibram			
Apoio à criação do Instituto Brasileiro de Museus – Ibram.	1° FNM/ Plenária-moção		
Orçamento público para o setor museológico			
Apoio para que seja assegurado maior volume de aporte de recursos para ações voltadas para o setor museológico, tendo em vista o entendimento de que a instituição museológica é um agente fundamental para o desenvolvimento da sociedade no que diz respeito ao incremento das experiências das memórias sociais.	1° FNM/ Plenária-moção		
Organização do *Fórum Nacional de Museus*			
Apoio para que os resultados (propostas) dos Grupos de Trabalho a serem implementados, seja pelos coordenadores dos GTs seja pelo Demu, possam ser passíveis de acompanhamento periódico pelos integrantes dos GTs.	1° FNM/ Plenária-recomendação		

IV) Apoio à facilitação do acesso a informações museológicas sob a guarda de ente público ou privado			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Apoio para abertura e guarda dos arquivos documentais referentes aos periódicos de ditaduras no Brasil localizadas em instituições museológicas, arquivísticas e bibliotecas. Obs.: o Decreto nº 5.584/05 determinou que instituições federais transferissem documentos referentes à ditadura ao Arquivo Nacional. Está prevista para 2008 a edição de portaria para criação do centro Memórias Reveladas, que terá como uma de suas funções disponibilizar banco de dados sobre acervo da ditadura no Brasil ao cidadão por meio de acesso à internet.	1° FNM/ Plenária-moção		

Apoio ao tombamento, em âmbito federal, da coleção arqueológica sob a guarda do Banco de Santos e sua transferência para uma instituição pública especializada, tendo em vista a falência daquela instituição e em atendimento à Lei nº 3.924/61. Obs.: A coleção (12 mil peças) está sob a guarda de três instituições: Museu do Ipiranga, Museu de Arte Contemporânea da USP – MAC e Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE. Está na Justiça a decisão sobre a quem pertence a coleção: à União ou à massa falida do Banco de Santos, que poderá, nesse caso, propor o leilão.	1° FNM/ Plenária-moção		

V) Apoio a eventos do setor museológico			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Apoio à realização do *9º Fórum Nordestino de Museologia*. Obs.: neste caso, entende-se que o Demu deverá se articular com a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj/MEC) para reestruturar o *Fórum Nordestino de Museologia*, buscando envolver apoio do Cefet.	1° FNM/ Plenária-moção		

VI) Atenção à deterioração e perda do patrimônio cultural			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Tráfico de bens culturais			
Repúdio à criminalização da comercialização de produtos da cultura material indígena. Obs.: a proposta é encaminhar a moção aos dirigentes do Ibama, da Funai e da Polícia Federal.	2° FNM/GT Museus Etnográficos e Arqueológicos – moções		
Desgaste e destruição do patrimônio cultural			
Repúdio à destruição dos patrimônios arqueológicos e históricos causada por guerras e conflitos de qualquer natureza. Obs.: a proposta é manifestar-se junto à Organização das Nações Unidas – ONU, por meio de moção a ser encaminhada via Ministério das Relações Exteriores.	2° FNM/ GT Museus Comunitários e Ecomuseus		
Manifestação de indignação pela falta de uma política de preservação dos acervos etnográficos e arqueológicos sob a guarda das Instituições Federais de Ensino Superior – Ifes.	2° FNM/GT Museus Etnográficos e Arqueológicos – moções		

Atenção especial por parte do Iphan em relação aos prédios históricos deteriorados (não escorados), inclusive, oferecendo risco de vida, a exemplo do conjunto de três móveis na ladeira da montanha e o casarão na rua do Genipapeiro, Bairro da Saúde*. * No documento disponibilizado, que apresenta as moções aprovadas na plenária do 1° FNM, não há qualquer menção sobre as cidades onde estariam localizados os prédios. Pode-se inferir que se trata de prédios localizados na cidade de Salvador, que foi sede do 1° FNM.	1° FNM/ Plenária-recomendação		

Lista de propostas dos grupos de trabalho

I) Organização do *Fórum Nacional de Museus*			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Lista de Convidados			
Revisão da composição do GT, tendo em vista a pouca participação de profissionais com experiência ou com forte atuação na área e a falta de representantes de instituições de referência na área, como a Cinemateca Brasileira e a Funarte.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	O Demu está estimulando uma ampla participação dos profissionais que atuam nessa área, visando um maior envolvimento com o *3° Fórum Nacional de Museus*, ocasião em que ocorrerá também um minicurso sintonizado com essa linha temática.	Demu/GT
Convite à ABCMC para o *3° FNM*.	2° FNM/ Museus Universitários e de Ciências	Convite realizado.	Demu
Programação			
Revisão do tempo de trabalho com o grupo, que foi considerado muito curto.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	É preciso que o tempo seja o mesmo para todos os GTs.	Demu/GT
Criação de um GT apenas para tratar dos museus de ciências, sejam eles universitários ou não.	2° FNM/ Museus Universitários e de Ciências	Em exame.	Demu
Inclusão na programação do *Fórum* de um espaço "menos fechado" para tratar dos museus universitários, podendo ser: um seminário sobre museus universitários ou uma assembléia do *Fórum Permanente de Museus Universitários* abordando todas as tipologias de museus.	2° FNM/Museus Universitários e de Ciências	Em exame.	Demu
Inclusão na programação do *Fórum* de roteiros diferenciados de visitas técnicas aos museus locais no período da tarde, podendo utilizar os profissionais participantes do *Fórum* para a problematização das visitas.	2° FNM/Museus Universitários e de Ciências	No momento, não é possível contemplar essa proposta. Além disso, ela não se aplica a fóruns com um número muito grande de participantes.	Demu

Evitar que a agenda de trabalho dos GTs coincida com as atividades culturais ou outros eventos de interesse geral, como inaugurações.	2° FNM/Museus Universitários e de Ciências	Em exame.	Demu
Pós-Fórum			
Disponibilização de técnico de Demu em cada GT que possa assumir a responsabilidade pela articulação e concretização das propostas dos GTs. *Obs.: como não houve qualquer definição do Demu com relação a essa proposta, de acordo com o coordenador do GT, os coordenadores entenderam por bem não se investir dessa representatividade.*	2° FNM/Museus Universitários e de Ciências	Em exame. Proposta difícil de ser cumprida em virtude do número reduzido de pessoas na equipe do Demu. Recomenda-se que o próprio GT avalie as propostas e busque uma forma de funcionamento, como uma rede temática.	GT Museus Universitários e de Ciências
Promoção de mecanismos de acompanhamento e avaliação do conjunto de propostas dos GTs que seja estendido aos integrantes dos Grupos, por exemplo, por meio de reuniões dos coordenadores com o Demu.	1° FNM/Museus de Arte		GT Museus de Arte

II) Relações institucionais com órgãos da administração pública			
Articulação com o MEC			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Formação nível superior			
Proposição para ampliação de cursos superiores de museologia nas Instituições Federais de Ensino Superior – Ifes.	1° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos	O Demu vem se articulando com instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – Ufpel; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS; - Universidade Federal de Ouro Preto – Ufop; - Universidade de Brasília – UnB; - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS; - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; - Universidade Federal do Pará – UFPA; e - Fundação Educacional Barriga Verde – Febave.	Demu
Proposição para a criação de cursos de formação universitária e pós-gradução em museologia e arqueologia, nos quais estejam necessariamente incluídas as questões relativas ao patrimônio arqueológico, presentes na maioria dos municípios brasileiros.	1° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos		
Viabilização da criação ou valorização da disciplina Museologia Comunitária e sua inclusão nas grades curriculares de formação, especialização e extensão em museologia, em interface com os cursos de turismo, patrimônio, história e educação.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus		
Incentivo e/ou colaboração na criação de cursos interdisciplinares de pós-graduação na área museológica.	2° FNM/Museus Universitário e de Ciências		
Promoção de políticas de incentivo e de difusão de pesquisas na área de conservação, buscando promover intercâmbio entre as áreas científicas afins.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	Está em fase de publicação um Caderno Técnico sobre conservação.	Demu

Proposição para uma maior articulação entre pesquisa e ensino a partir do patrimônio museal, com vistas a dar maior visibilidade à função social dos museus universitários relacionada a ensino, pesquisa e extensão universitária.	1° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Participação do Demu em reunião do CRUB, visando a valorização do setor museológico nas universidades.	Demu
Abertura de frentes de trabalho para universitários de áreas próximas para pesquisa e correta documentação das imagens históricas.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	A Política Nacional de Museus tem contribuído para a abertura dessas frentes de trabalho.	Demu
Formação nível médio			
Promoção de parcerias com escolas técnicas, universidades e redes de ensino para capacitação de mão-de-obra minimamente qualificada para atender à demanda dos trabalhos de higienização e musealização.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	O Demu vem se articulando com as seguintes instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. - Universidade Federal de Outro Preto – Ufop. - Universidade de Brasília – UnB. - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	Demu
Viabilização do estabelecimento de parcerias com instituições de ensino para formação de profissionais de nível médio que possam prestar auxílio nas diversas instituições/unidades museológicas.	1° FNM/ Museus de História		
Interação museus e escolas			
Estímulo à capacitação dos professores na área de educação patrimonial via projetos que incluam o aporte de recursos de instituições do setor (museus, centros culturais e universidades), sendo de responsabilidade das redes de ensino municipal, estadual e federal.	1° FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos	Realização de oficinas de educação em museus em todo o Brasil.	Demu
Proposição para a ampliação do Currículo Escolar (níveis: fundamental e médio) para a inclusão da disciplina Educação Patrimonial, que contemple necessariamente a questão antropológica e suas vertentes de etnografia e arqueologia.	1° FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos		
Incentivo a ações cooperativas entre o MEC e secretarias de educação estaduais e municipais para o desenvolvimento de programas museu/escola (capacitação de professores para preparação de visitas, elaboração de materiais didáticos, atendimento de estudantes, audioguias.)	1° FNM/ Museus de Arte	Diversas reuniões foram feitas visando a articulação com o MEC.	Demu

Encaminhamento de proposição ao MEC de inclusão da disciplina Patrimônio Cultural, Natural e Imaterial no currículo dos cursos de pedagogia e magistério, visando aplicação dos conhecimentos em disciplinas correlatas lecionadas no ensino fundamental, médio e superior.	1° FNM/ Museus de História	O Demu vem se articulando com as seguintes instituições universitárias para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em museologia: - Universidade Federal da Bahia – UFBA; - Universidade Federal do Recôncavo Baiano – UFRB; - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio; - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; - Universidade Federal de Santa Maria – UFSM; - Universidade Federal de Sergipe – UFS. - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. - Universidade Federal de Outro Preto – Ufop. - Universidade de Brasília – UnB. - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT, Portugal.	Demu
Envolvimento das Ifes com as instituições museológicas			
Intensificação do apoio dos fóruns representativos de museus universitários às universidades públicas e privadas no sentido de incentivar a participação das reitorias, pró-reitorias, diretorias em encontros e discussões, para que reconheçam a importância da atuação desses museus. Obs.: esse movimento, de acordo com o coordenador do GT, já vem ocorrendo em algumas universidades e/ou regiões brasileiras, sendo estimulado por diferentes fatores, inclusive com apoio do Iphan.	2° FNM/ Museus Universitários e de Ciências		GT Museus Universitários e de Ciências
Solicitação às universidades para indicação de representantes para atuarem junto às coordenadorias regionais do Fórum Permanente de Museus Universitários – FPMU, ampliando, assim, as redes de comunicação. Obs.: os movimentos museológicos, de acordo com o coordenador do GT, continuam ocorrendo entre os pares e outras ainda estão muito distantes dessa realidade.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		GT Museus Universitários e de Ciências
Proposição para inclusão dos museus no estatuto e regimento interno das universidades, ampliando sua autonomia político-administrativa.	1° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Participação do Demu em reunião do CRUB, visando a valorização do setor museológico nas universidades	Demu
Proposição para criação de uma política universitária de reconhecimento, valorização e preservação do patrimônio, buscando, por exemplo, destacar as atividades dos museus universitários nos processos de avaliação de produtividade acadêmica.	1° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Participação do Demu em reunião do CRUB, visando a valorização do setor museológico nas universidades.	Demu

Gestão junto ao MEC para que o FPMU indique o representante dos museus universitários no Observatório de Museus.	2° FNM/] Museus Universitário e de Ciências		OMCC
Articulação com o MCT			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Envolvimento do Departamento de Difusão e Popularização da Ciência do MCT no processo de participar a ABCMC na Semana Nacional de Museus e, ao mesmo tempo, envidar esforços conjuntos, Demu, ABCMC e MCT, para que os demais museus venham a participar da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Obs.: a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia está agendada para o período de 1° a 7 de outubro de 2007.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		
Estímulo e capacitação dos profissionais de museus a preencherem o sistema Lattes de currículos do CNPq*, de forma a serem considerados no sistema de C&T. *A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de currículos e de instituições da área de ciência e tecnologia em um único sistema de informações. Pelo referido sistema, é possível fazer a avaliação curricular do pesquisador, bem como permitir a criação de uma base de dados que possibilita a seleção de consultores e especialistas e a geração de estatísticas sobre a distribuição da pesquisa científica no Brasil.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		
Revisão da política de preservação da memória da C&T*, buscando desenvolver propostas e políticas de proteção do patrimônio da ciência, da técnica e da indústria. Nesse caso, é imprescindível incluir os objetos e edificações que não foram ainda contemplados e também seria interessante criar um livro de tombo para esse tipo de acervo, numa ação conjunta entre MCT e MinC. * A Comissão Especial de Preservação da Memória de C&T é composta por: Carlos Alberto da Silva Lima, Ministério da Ciência e Tecnologia (coordenador); Manuel Domingos Neto, CNPq (coordenador); Nancy Campos Muniz, CNPq (secretária-executiva); Francisco Romeu Landi, Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – Fapesp; Jaime Antunes da Silva, Arquivo Nacional; José Maria Filardo Bassalo, Universidade Federal do Pará – UFPA; Marcio Augusto Freitas de Meira, Ministério da Cultura – MinC; Olival Freire Júnior, Universidade Federal da Bahia – UFBA.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Foram feitos, de acordo com o coordenador do GT, alguns contatos entre o diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast e o MCT, que não produziram efeito significativo	Mast
Articulação com a Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultura da Marinha – DPHCM e com o Departamento de Assuntos Culturais do Exército			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Verificação da possibilidade dos *Encontros de Museus Militares* passarem a ser bianuais a partir do ano de 2007, de forma intercalada com o *FNM.*	2° FNM/ Museus Militares	Até 2007 serão realizados dois *Encontros:* - *2º Encontro**, de 02 a 06 de outubro de 2006; - *3º Encontro* em 2007, com o patrocínio das Forças Armadas	GT Museus Militares

		A partir de 2007, os encontros serão bianuais: - *4º Encontro*, sob a denominação *Encontro dos Museus de Cultura Militar*, que passará a incluir os museus externos às Forças Armadas com coleções afins. O tema proposto é o público. O referido evento ocorrerá de forma intercalada com o *FNM*. Assim, o próximo encontro será no ano de 2009. * Foi organizado pelo DPHCM e pelos Departamentos de Assuntos Culturais do Exército e o Museu Aeroespacial e fez parte das programações alusivas ao Ano Nacional dos Museus, uma iniciativa do Ministério da Cultura, por meio do Demu/Iphan.	
Viabilização da criação de um Grupo de Trabalho composto por profissionais documentalistas durante a realização do *2º Encontro de Museus Militares* para fazer um estudo que resulte em sugestões para a formação do Thesaurus Militar. Obs.: o Thesaurus é um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida, destinados à indexação e à recuperação de documentos e informações num determinado campo do saber. Não é simplesmente um dicionário, mas um instrumento que garante aos documentalistas e aos pesquisadores o processamento e a busca dessas informações. Além da sua capacidade de organização, o Thesaurus tem um valor didático porque utiliza conceitos específicos da área do conhecimento que contempla e permite, por meio das relações entre os termos, a melhor compreensão da área. (Fonte: Inep)	2º FNM/ Museus Militares	Ficou estabelecido, no *2º Encontro de Museus Militares*, que o Thesaurus Militar resultará do trabalho já em andamento no Serviço de Documentação da Marinha, patrocinado pela Caixa Econômica Federal, a ser repassado para o Exército e a Força Aérea.	GT Museus Militares
Verificação da possibilidade de as instituições museológicas militares adotarem *links* em suas páginas, remetendo a outras páginas de instituições congêneres militares e civis que tenham acervos e exposições semelhantes.	2º FNM/ Museus Militares	Em exame	
Incentivo à ampliação do intercâmbio de exposições temporárias, buscando atingir outras instituições museológicas com áreas afins de suas exposições e acervo. Obs.: essa atividade, de acordo com o coordenador do GT, já vem ocorrendo em pequena escala e tem enorme vantagem de atingir diferentes públicos.	2º FNM/ Museus Militares	Continua acontecendo o intercâmbio de exposições temporárias, mas ainda há muito potencial a ser explorado.	GT Museus Militares
Articulação com outras áreas do Iphan e do MinC			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Definição de uma política sobre patrimônio arqueológico, pré-histórico e histórico e sua musealização. Obs.: No 1º FNM, os integrantes do GT chamaram a atenção para o caso dos patrimônios arqueológicos e etnográficos do Centro-oeste e da Amazônia, historicamente desassistidos pelas políticas públicas.	2º FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos	Planejamento para a realização de fórum específico para debater o assunto, em parceria com museus e universidades. O Demu está estimulando e articulando essa ação.	GT

Estabelecimento de orientação acerca da guarda definitiva de material arqueológico: pesquisa acadêmica e de contrato (empresarial), por meio da articulação entre o Demu e Departamento de Patrimônio Material do Iphan. Obs.: essa definição, em acordo com o GT, pode contribuir para a definição de uma política para o setor, considerando, neste caso, que a criação de coleções arqueológicas apresentam dinâmica própria de procedimentos museológicos No 1° FNM, os integrantes do GT chamaram a atenção para o caso da coleção arqueológica sob a guarda do Banco de Santos, que, para o GT, deveria passar por um processo de tombamento e ser encaminhada para uma instituição pública especializada.	2° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos	Planejamento para a realização de fórum específico para debater o assunto, em parceria com museus e universidades. O Demu está estimulando e articulando essa ação.	GT
Proposição de revisão, a ser feita pela área competente do Iphan, da normatização da arqueologia de salvamento, definindo como prioridade o compromisso permanente, por parte do empreendedor, com relação à sustentabilidade de um núcleo museológico, laboratório e reserva técnica, disponibilizando recursos humanos e de custeio para acondicionamento, conservação, documentação e comunicação do acervo arqueológico resgatado.	2° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos	O assunto está na alçada do Depam.	GT Museus Etnográficos e Arqueológicos
Realização de um diagnóstico das condições em que se encontram as coleções etnográficas e arqueológicas no país: situação de risco, degradação e desinformação. E, simultaneamente, um inventário primário, com o objetivo de quantificar os itens existentes nos acervos.	2° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos		GT Museus Etnográficos e Arqueológicos
Definição de uma política de documentação e informatização dos acervos, com o objetivo de racionalizar o uso de recursos.	2° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos		GT Museus Etnográficos e Arqueológicos
Desenvolvimento de projetos nacionais de educação patrimonial no bojo de um grande projeto de comunicação social sobre as diferentes dimensões do patrimônio, para sensibilizar a comunidade nacional e os governantes, visando captar parcerias e fomentar a ação civil.	1° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos		
Viabilização do acesso a programas do sistema MinC, como o Programa Monumenta, entre outros.	1° FNM/Museus de História		GT Museus de História

III) Relações institucionais com os movimentos do setor museológico			
Articulação com a Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários – ABREMC* * Presidente: Odalice Priosti.			
Articulação com associações ou movimentos do setor/Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Reconhecimento da ABREMC. Obs.: a criação da ABREMC foi assumida, em acordo com a coordenadora do GT, no III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários – EIEMC e no X Atelier Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia – Minom, em 15 de setembro de 2004.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus	No momento, a ABREMC tem assento no Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus.	Demu
Discussão de um projeto político para os museus, surgidos a partir de processos diferenciados (ABREMC, Demu e Iphan).	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus	O Demu está estruturando o Programa Pró-Memória com o objetivo de fomentar a criação de museus comunitários, por meio de uma experiência piloto que deverá contemplar 11 iniciativas de museus comunitários. Pela proposta do referido programa, o apoio terá como focos: - o mapeamento das iniciativas museológicas comunitárias; - a disponibilização de recursos para a criação de museus comunitários; - a disponibilização de bolsas para os agentes de memória; e - a capacitação dos agentes de memória.	Demu
Criação de um grupo multidisciplinar, intersetorial e transversal para consultoria e assessoramento às iniciativas museológicas.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus		
Integração da rede temática do GT Ecomuseus e Museus Comunitários à Rede de Educação em Museus (REM)*, visando a troca de experiências e o desenvolvimento de novas metodologias. * A Rede de Educadores em Museus e Centros Culturais – REM surgiu em 2004, com o propósito de proporcionar encontros sistemáticos entre educadores de museus da cidade do Rio de Janeiro e de todo Brasil que tivessem como desejo comum compartilhar idéias, conhecer mais de perto o trabalho dos colegas, refletir sobre a práxis profissional e, acima de tudo, formar um grupo de estudos na área da educação em museus, contribuindo para o desenvolvimento desse campo profissional.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus		GT Museus Comunitários e Ecomuseus
Articulação com a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência – ABCMC* * Presidente: Antônio Carlos Pavão.			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Dar conhecimento à ABCMC sobre as conclusões do GT Museus Universitários e de Ciências, endereçando-a à nova diretoria, cuja gestão vai de 2006 a 2008. A ABMC, por meio dos associados que estavam presentes no *2° FNM*, como o Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast*,	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Os resultados foram repassados, mas não houve qualquer retorno por parte da ABCMC.	GT Museus Universitário e de Ciências

o Museu Paraense Emilio Goeldi – MPEG*, o Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz e o Museu Louis Jacques Brunet (Recife), para agir pró-ativamente nas questões levantadas no referido *Fórum*. * Museus vinculados ao MCT, denominadas como unidades de pesquisa.			
Promoção, em conjunto com a ABCMC, para a participação do Demu na próxima reunião anual da SBPC, em Belém. Ao participar do evento, o Demu poderia dispor de um espaço específico e contíguo ao da ABCMC, buscando oferecer oficinas e minicursos, em especial para os profissionais das instituições da ABCMC, e ainda estimular a participação dos museus com os quais mantém algum tipo de interlocução. Pode-se aproveitar a oportunidade para que seja realizada uma reunião preparatória para o *FNM-2008* com a participação da ABCMC.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	O Demu participou da SBPC e apresentou minicurso.	Demu
Convite à ABCMC para participar da Semana Nacional de Museus.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	A participação na Semana de Museus é livre e independe de convite.	Demu
Convite à ABCMC para indicar um representante no Sistema Nacional de Museus.	2° FNM/Museus Universitário e de Ciências	O MCT tem assento no Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus.	Demu

Articulação com o Fórum Permanente de Museus Universitários – FPMU*

*Presidente: Maria das Graças Ribeiro (também coordenadora da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Tecnologia da UFMG)

Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Sensibilização com relação ao credenciamento dos coordenadores regionais para que possam agir em nome do *Fórum*. Obs.: há instrumentos jurídicos em estudo, de acordo com o coordenador do GT, para tal finalidade.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		FPMU
Verificação da possibilidade de se promoverem ações pró-ativas, que levem o *Fórum* a atingir o maior número possível de instituições. Neste caso, a formação de Grupos de Trabalho que dêem suporte para o estabelecimento e/ou maior capilarização da rede.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		FPMU

IV) Atuação do Demu			
Fomento			
Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Edital			
Aumento dos recursos alocados para editais com foco nos projetos de climatização e segurança dos espaços museológicos militares e para recuperação de bens imóveis que aloquem acervos museológicos militares.	1° FNM/ Museus Militares	O Demu vem ampliando sua participação no orçamento federal, por meio do seu programa Museu, Memória e Cidadania. Em 2007, os recursos mais que dobraram com relação a 2006. Pelo programa são apoiados projetos nas seguintes áreas: - fomento - modernização - programação anual - inventário; e, - capacitação. Além disso, o Demu vem buscando prospectar novos patrocinadores de projetos museológicos e ampliar o volume de recursos para projetos desse setor. Foram criados os seguintes programas: - Programa de Apoio a Projetos de Preservação de Acervos – BNDES; - Programa Caixa de Adoção de Entidades Culturais com vistas a preservar e promover o patrimônio cultural brasileiro – Caixa; - Programa Petrobras Cultural – Apoio a museus, arquivos e bibliotecas, com vistas a apoiar a preservação e a difusão de acervos de museus, arquivos e bibliotecas. Especificamente na área de educação e museus, além das iniciativas mencionadas, o Demu promoveu a realização do prêmio Darcy Ribeiro, contemplando o desenvolvimento de experiências notáveis.	Demu
Contemplação de fomentos, por meio de editais, para área de educação e ação cultural.	1° FNM/ Museus de Arte		
Adaptação dos espaços e equipamentos e atendimento adequado para a inclusão de portadores de necessidades especiais.	1° FNM/ Museus de História		
Ampliação das políticas e editais de apoio e incentivo à formação, preservação e difusão de acervos audiovisuais e virtuais, contemplando as diferentes instituições com acervos desse tipo.	1° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		
Incremento das linhas de financiamento destinados ao tratamento e à higienização dos acervos.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		
Desenvolvimento de alternativas para agilizar a destinação de recursos às instituições.	1° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	Em exame.	Demu
Proposição para incluir nos editais de financiamento de projetos de apoio a museus critérios a respeito do caráter interdisciplinar da sua equipe de profissionais, como forma de fomentar a contratação permanente de pessoal qualificado (museólogos, arqueólogos, conservadores etc.) pelas instituições msueológicas.	1° FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos	O Demu recomenda sistematicamente aos proponentes de projetos a contratação de profissionais qualificados e especializados.	Demu

Apoio à criação de espaços museológicos			
Abertura de linhas de financiamento e fomento específicas, levando a elas o apoio e a solidariedade esperados no início do processo.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus	O Demu está estruturando o Programa Pró-Memória com o objetivo de fomentar a criação de museus comunitários, por meio de uma experiência piloto, que deverá contemplar 11 iniciativas de museus comunitários. Pela proposta do referido programa, o apoio se refere a: - disponibilização de recursos para a criação de museus comunitários; - disponibilização de bolsas para os agentes de memória; e - capacitação dos agentes de memória.	Demu
Estímulo às iniciativas identificadas como potenciais experiências museais.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus		
Cooperação com outros entes da Federação			
Composição de recursos governamentais (federal, estadual e municipal) destinados a projetos de cooperação mútua para a guarda dos acervos.	2° FNM/Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	Em exame. Avanços foram realizados em alguns estados.	Demu
Capacitação profissional			
Propostas	**FNM**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Oficinas de capacitação			
Proposição de programa de capacitação nas diferentes áreas de interesse.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus	O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas: - Museus, memória e cidadania; - Plano Museológico: implantação, gestão e organização dos museus; - Treinamento de equipes administrativas e de apoio; - Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; - Ação educativa em museus; - Conservação de acervos; - Gestão e documentação de acervos; - Expografia; - Arquitetura em museus; - Segurança em museus; - Museus e turismo; e - Implantação de sistemas de museus.	Demu
Elaboração de cursos e seminários para formulação de projetos e fomento, com a finalidade de captação de recursos.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus		
Reforço da necessidade de aprimoramento da qualificação dos profissionais de museus no âmbito da Política Nacional de Museus (PNC), buscando integrar a atuação interdisciplinar para a preservação da cultura brasileira, tais como de museólogos, arqueólogos, arquitetos, conservadores, restauradores, comunicadores, antropólogos, educadores etc.	1° FNM/Museus Etnográficos e Arqueológicos		
Estabelecimento de políticas de capacitação, qualificação e atualização permanente nas áreas de preservação, conservação, restauração, educação, comunicação e pesquisa.	1° FNM/Museus de História		
Promoção de cursos de capacitação nas áreas de gestão museal, documentação, ação educativa e conservação.	1° FNM/Museus Militares	A parceria com os sistemas estaduais deverá ser ampliada.	GT Museus Militares
		Especialistas da área naval têm realizado cursos no Museu Histórico Nacional.	GT Museus Militares

Ampliação dos temas das oficinas de capacitação			
Ampliação da programação das oficinas do Demu com temas específicos dos museus de ciência, podendo contar, para isso, com a colaboração desses museus para ministrar oficinas nos demais museus.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Aguardando propostas para exame.	Demu
Inclusão do tema "museologia comunitária" no calendário de oficinas do Demu. Obs.: a ABREMC se coloca à disposição do Demu para que protagonistas e animadores de experiências dessa tipologia de museus possam dar a sua contribuição, levando a informação e a vivência a comunidades que desejarem conhecer mais sobre o tema.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus		
Promoção de capacitações na área de novas tecnologias e de outras áreas transversais para o melhor entendimento da realidade dos Museus de Imagem e Som – MIS.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	Foi criada uma oficina com o tema Museus e Novas Tecnologias.	Demu
Divulgação das oficinas de capacitação			
Divulgação efetiva das oficinas, por meio de canais competentes, de modo que os museus de ciências possam ser contemplados em oficinas específicas do Demu.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	O Demu divulga oficinas em seu *Boletim Semanal.*	Demu
Programas de intercâmbio			
Promoção de curso de capacitação e de programas intercâmbio dos profissionais especializados na área de conservação: químicos, restauradores de película etc.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	O Demu, por meio do Programa de Formação e Capacitação em Museologia, pretende atingir até 2007 em torno de 12 mil profissionais da área, com oficinas e seminários. A ementa das oficinas gira em torno dos seguintes temas: - Museus, memória e cidadania; - Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus; - Treinamento de equipes administrativas e de apoio; - Elaboração de projetos e fomento para a área museológica; - Ação educativa em museus; - Conservação de acervos; - Gestão e documentação de acervos; - Expografia; - Arquitetura em museus; - Segurança em museus; - Museus e turismo; - Implantação de sistemas de museus; e - Museus e novas tecnologias	Demu

Promoção de programas de intercâmbio dos profissionais especializados na área de conservação (químicos, restauradores de película etc.), envolvendo mais de uma instituição.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	Em exame. Proposta de convênio com UFMG avançou em alguns pontos.	Demu
Promoção de programa de intercâmbio para profissionais da área museológica com "regime de residência".	1° FNM/ Museus de Arte		
Melhorias ao Programa de Formação e Capacitação em Museologia			
Promoção de cursos de capacitação profissional conjugado com o desenvolvimento de guias técnicos, em especial para restauradores.	1° FNM/ Museus de Arte	O Demu desenvolve um amplo programa de capacitação e formação profissional.	Demu
Promoção do cadastramento de profissionais (e de empresas) da área museológica.	1° FNM/ Museus de Arte		
Ampliação da participação dos museus de ciências nas oficinas específicas do Demu, por meio de uma divulgação efetiva nos canais competentes. Por outro lado, as oficinas do Demu podem também ter a sua programação ampliada com temas específicos dos museus de ciência, podendo contar, para isso, com a colaboração desses museus para ministrar oficinas nos demais museus.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências	Aguardando propostas para exame.	Demu
Promoção do desenvolvimento de um programa nacional que leve o conhecimento especializado de museus às Secretarias de Estado para atendimento das demandas comunitárias de criação de espaços museais de diferentes representações étnicas e sociais.	1° FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos	O Demu realizou reunião com as Secretarias de Cultura de todos os estados.	Demu
Educação nos museus			
Propostas	**FNM**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Incentivo à criação de programas de educação para públicos "não-escolares" (idosos, famílias, portadores de necessidade especiais, grupos étnicos, entre outros).	1° FNM/ Museus de Arte	Todos os museus do Ministério da Cultura estão sendo estimulados a desenvolver programas de educação para públicos "não-escolares".	Demu
Pesquisa			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Mapeamento dos museus brasileiros			
Ampliação e redefinição do conceito de museu, de modo a contemplar os ecomuseus, museus comunitários, museus de territórios e processos similares.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus	O Demu está estruturando o Programa Pró-Memória com o objetivo de fomentar a criação de museus comunitários, por meio de uma experiência piloto que deverá contemplar 11 iniciativas de museus comunitários. Pela proposta do referido programa, o apoio, se dirige, entre outros aspectos, ao mapeamento das iniciativas museológicas comunitárias.	Demu

Mapeamento dos processos museológicos comunitários, por meio de parceria entre ABREMC e Demu.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus	O Demu tem buscado consolidar um setor de pesquisa com linhas específicas de investigação. Além disso, desenvolveu uma metodologia própria com vistas a realizar um censo museológico, o Cadastro Nacional de Museus – CNM.	Demu
Viabilização de um levantamento e de um diagnóstico dos museus de história, levando-se em conta seu desenvolvimento nas áreas de informatização, recursos humanos, entre outros, com o objetivo de definir a identidade e o conceito desse tipo de museu.	2° FNM/Museus de História		
Desenvolvimento de pesquisas aprofundadas sobre os acervos militares.	1° FNM/Museus Militares		
Incentivo à construção de um cadastro específico do setor, que leve em consideração as tipologias de mídia que estão nos acervos e as principais temáticas relacionadas a eles. Obs.: essas temáticas, de acordo com o GT, serão fundamentais para que, no futuro, sejam estabelecidas parcerias entre os MIS, já dentro da perspectiva do trabalho em rede.	2° FNM/Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		
Discussão e melhoria do instrumento utilizado para o diagnóstico dos museus universitários (questionário), a partir de discussões e troca de experiências, via internet, incluindo questões que também alcancem as coleções. Obs.: os avanços, em acordo com o coordenador do GT, no sentido de diagnosticar os museus universitários, são pouco significativos, em decorrência da falta de disponibilidade de muitas universidades, escassez de pessoal e de recursos para o avanço das pesquisas.	2° FNM/Museus Universitário e de Ciências		ABMC
Intensificação das pesquisas para ampliar o diagnóstico dos museus e coleções universitários, concluindo-o no prazo máximo de um ano, tempo hábil para propor e alcançar novas metas até o próximo *FNM*. Obs.: os avanços, de acordo com o coordenador do GT, no sentido de diagnosticar os museus universitários, são pouco significativos, em decorrência da falta de disponibilidade de muitas universidades e da escassez de pessoal e de recursos para o prosseguimento das pesquisas.	2° FNM/Museus Universitário e de Ciências		ABMC
Verificar com a Associação a possibilidade de incluir todos os associados da ABCMC no Cadastro Nacional de Museus – CNM.	2° FNM/Museus Universitário e de Ciências		ABMC
Pesquisa-perfil do público de instituições museológicas			
Desenvolvimento de pesquisa do perfil dos públicos de museus.	1° FNM/ Museus de Arte	O Demu tem buscado consolidar o Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC com vistas a traçar o perfil dos visitantes dos museus e mantê-lo atualizado. Em 2006, foi publicado o *1° Boletim do OMCC*, apresentando uma síntese dos resultados	Demu
Desenvolvimento de pesquisa do perfil dos públicos de museus.	1° FNM/ Museus Militares		

		da primeira pesquisa perfil-opinião, realizada com 11 museus do Rio de Janeiro. A previsão é que a pesquisa seja feita a cada dois anos. Logo, a próxima pesquisa deverá ocorrer em 2008. Obs.: Museus pesquisados: Museu da Vida, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Museu do Universo, Museu Aeroespacial, Museu Histórico Nacional, Museu Nacional, Museu Casa de Rui Barbosa, Museu do Índio, Museu do Primeiro Reinado, Museu Antônio Parreiras e Museu de Arte Contemporânea de Niterói.	
Implantação, no âmbito do Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC, de um sistema de avaliação qualitativa e de mensuração do impacto das experiências comunitárias.	2° FNM/Museus Comunitários e Ecomuseus		OMCC

Publicação

Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Promoção de uma política editorial para disponibilização de informações sobre conteúdos museológicos. Obs.: verificar a possibilidade de constituição de conselho de editorial para a criação de boletins.	1° FNM/ Museus de Arte	O Demu tem buscado consolidar seu setor de publicação com linhas específicas: *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, cujo objetivo é estimular intercâmbios e disseminar informações especializadas no setor; *Caderno de Diretrizes Museológicas* (ou *Cadernos Técnicos*), cujo objetivo é disseminar informações técnicas para os profissionais da área; Coleção Museu, Memória e Cidadania, cujo objetivo é publicar dissertações, teses, ensaios e pesquisas que tratem de questões museológicas e das relações entre museus e sociedade. Publicação de relatórios, com o objetivo de sistematizar informações, promover avaliações e criar novos projetos.	Demu
Proposição de política editorial para a publicação de bibliografias especializadas.	1° FNM/Museus de História		
Produção de livros, revistas e catálogos sobre acervos militares.	1° FNM/Museus Militares		

Acervo

Propostas	FNM/GT	Encaminhamentos	Responsável
Incentivo ao desenvolvimento da política de musealização dos acervos dos MIS.	1° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		GT Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias
Implantação de sistema documental informatizado e em rede, optando preferencialmente pelo sistema de *softwares* livres. Obs.: neste caso, o GT entende que se deve ponderar a respeito da utilização dos softwares livres nos museus, tendo em vista seu baixo custo de implantação e sua estabilidade. O problema, no entanto, é a falta de profissionais capacitados para operar com esse sistema.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		GT Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias

O GT apresenta, ainda, dois sistemas já em funcionamento: o Sistema Simba (Museu Nacional de Belas Artes) e o Sistema Matriz (Rede Portuguesa de Museus).			
Prioridade, na política de aquisição e enriquecimento de coleções, à questão dos direitos de uso e, neste caso, dando tratamento específico a cada item do acervo de acordo com a legislação vigente e os acordos internacionais.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		GT Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias
Criação de reservas técnicas regionais ou nacionais para armazenamento de materiais com suporte de nitrato e acetato, respeitando as regras de segurança de trabalho para os profissionais que atuam na área, por meio de: parceria com Cinemateca Brasileira; e, criação de espaços regionais. Obs.: as reservas técnicas, de acordo com o GT, são muito específicas e caras, e os materiais, muito sensíveis – risco de autocombustão etc. Por isso, busca-se o compartilhamento de responsabilidade entre governo federal, estadual e municipal.	1° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		GT Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias
Estímulo à criação de núcleos regionais (ou estabelecimento de parcerias com instituições especializadas) para diagnósticos, prestação de serviços técnicos de restauro e consultoria técnica.	1° FNM/ Museus de Arte		
Exposição			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Estímulo ao compartilhamento de programações plurianuais com foco nas exposições itinerantes.	1° FNM/ Museus de Arte		
Incentivo ao uso de metodologia que promova o intercâmbio e a troca de exposições de curta duração entre diferentes instituições museais. Obs.: isso não tem acontecido, de acordo com o coordenador do GT; os movimentos museológicos continuam ocorrendo entre os pares – as universidades ainda se envolvem pouco.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		FPMU
Segurança em museus			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Promoção de planos especiais de seguros coletivos para acervos (inclusive, em mostra itinerante), com revisão do IRB.	1° FNM/ Museus de Arte		
Promoção de política de segurança específica para museus (seguro contra roubo, incêndio, inundações, goteiras etc.).	1° FNM/ Museus de Arte	O Demu tem atuado nessa área, em parceria com a Polícia Federal.	Demu
Divulgação			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**

Boletim Eletrônico e programação da Semana de Museus			
Inclusão na programação de difusão e de comunicação do Demu de informações sobre os ecomuseus, museus comunitários e processos similares.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus	O Demu disponibiliza uma publicação anual, *Agendas das Semanas de Museus*, com o objetivo de divulgar os eventos cuja programação está contemplada na Semana dos Museus. Além disso, o Demu disponibiliza o *Boletim Eletrônico do Demu*, com periodicidade semanal, cujo objetivo é divulgar eventos, cursos, seminários, editais de apoio e projetos ligados ao setor museológico e áreas afins.	Demu
Viabilização de parcerias com instituições da área de comunicação (rádio, emissoras de TV, internet etc.), com vistas a facilitar a disseminação da informação dos acervos contemplados pelos MIS.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias		
Viabilização de ampla divulgação nos diversos meios de comunicação para dar maior visibilidade aos museus brasileiros.	1° FNM/ useus de História		
Promoção da divulgação das instituições com acervos militares.	1° FNM/ Museus Militares		
Verificação com a ABCMC sobre a possibilidade de elas estimularem seus associados a utilizar o *Boletim do Demu* e as revistas eletrônicas de museologia como canais de divulgação. Ao mesmo tempo, verificar internamente no Demu os instrumentos necessários para estimular os demais museus a utilizarem o *Jornal da Ciência on line*, da SBPC, como canal de divulgação de suas atividades.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		ABMC
Guias de museus			
Viabilização da produção de guia de museus militares.	1° FNM/ Museus Militares	O Demu, com base nas informações do Cadastro Nacional dos Museus – CNC, pretende elaborar os seguintes guias dos museus brasileiros: - guia geral; - guia por estado; - guia dos museus do Iphan.	Demu
Elaboração de material informativo sobre os ecomuseus, museus comunitários e processos similares.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus		
Elaboração e publicação de um catálogo dos museus universitários brasileiros, a partir de pesquisas e diagnóstico em andamento, com lançamento previsto para o próximo *FNM*.	2° FNM/ Museus Universitário e de Ciências		
Apoio aos encontros do setor			
Propostas	**FNM/GT**	**Encaminhamentos**	**Responsável**
Apoio à realização do *Encontro Nacional Bienal* pela ABREMC, no âmbito do Sistema Brasileiro de Museus – SBM, em parceria com o Demu.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus	Não houve proposta para análise. Além disso, o Demu apoiou a realização do *Congresso Nacional de Museus* com o tema "Museus, memórias e movimentos sociais", realizado em novembro de 2007.	Demu
Apoio à participação de representantes brasileiros no *Fórum Latino-Americano de Museus Comunitários/Ecomuseus*, por meio de parceria entre o MinC e os organizadores do *Fórum*.	2° FNM/ Museus Comunitários e Ecomuseus		GT Museus Comunitários e Ecomuseus

Apoio à promoção de seminários, fóruns de discussão e encontros, com a participação de órgãos oficiais (Iphan, Icom), universidades e profissionais da área, com vistas a legitimar os museus virtuais e seus acervos no universo museal, científico e acadêmico.	2° FNM/ Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias	Aguardando propostas.	GT Museus da Imagem e do Som e de Novas Tecnologias
Apoio para realização de fórum específico para discutir e definir normas e políticas de constituição e conservação de acervos etnográficos e arqueológicos.	2° FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos	O *Fórum* está em fase de planejamento e está incluído no Plano de Trabalho do Demu.	Demu
Apoio para realização de seminário para discutir a questão da criminalização de comercialização do artesanato pelos índios, com a participação de representantes indígenas e de suas organizações, Funai, Ibama, Polícia Federal, entidades da sociedade civil, instituições acadêmicas e científicas, entre outras.	2° FNM/ Museus Etnográficos e Arqueológicos		GT Museus Etnográficos e Arqueológicos
Apoio para a promoção de um encontro/fórum de museus de história. Obs.: o GT estabeleceu o mês de agosto de 2007 como meta para promover o primeiro encontro do grupo de museus de história.	2° FNM/ Museus de História	Aguardando propostas.	GT Museus de História
Apoio para a organização do *1° Fórum de Museus Militares.*	1° FNM/ Museus Militares	O *Fórum* foi apoiado pelo Demu no âmbito do apoio aos *Fóruns Regionais de Museus*: *1° Fórum de Museus Militares:* 23 a 25 de maio de 2005 (Porto Alegre/RS).	Demu

Ementas dos minicursos



Ação educativa em museus

Ministrante: Magaly Cabral (pedagoga, museóloga, mestre em educação, especialista em educação em museus, diretora do Museu da República)

Ementa

Conceito de cultura. Conceitos de museu e Museologia. Conceito de Educação. Teoria e prática da ação educativa em museus. Museus, educação e patrimônio: desafios contemporâneos. Antecedentes históricos da relação entre educação e museu. Ações educativas nos museus e correntes pedagógicas. Programas museus e escolas, museus e professores, museus e comunidades. Os museus e o ensino das artes, dos ofícios e das ciências. Museu, educação e cidadania: o compromisso social.



Objetivos

- Conceituar patrimônio cultural, museu, comunicação e educação em museus e contribuir para a reflexão dos participantes acerca das potencialidades do uso educacional do patrimônio cultural e museus.
- Oferecer aos participantes instrumental teórico-prático com vistas ao uso educacional do patrimônio cultural e museus, tendo como foco o compromisso social.

Conteúdo

- Cultura; patrimônio cultural
- Museu; fato museal
- Objeto museológico
- Política educacional do museu
- Educação; pedagogia crítica; construtivismo
- Papel e função da educação em museus
- Pedagogia crítica/Construtivismo na educação em museus
- Práticas educativas em museu
- Avaliação
- Públicos
- Parceria museu-escola

Metodologia

- Discussão de conceitos
- Exemplos de práticas educativas

Elaboração de projetos e fomento para a área museológica

Ministrantes: Átila Tolentino (Demu/Iphan) e Vinícius Barcelos (Demu/Iphan)

Ementa

Museu: dinâmica conceitual. Definição de museus adotada pela Política Nacional de Museus. Funções dos museus. Preservação, investigação e comunicação. Projeto e fomento: conceitos básicos. O passo a passo para a elaboração de projetos. A importância do planejamento e da metodologia. A política de editais: exemplos práticos. Fontes de financiamento e captação de recursos (Lei Rouanet, finalidades do Programa Nacional de Apoio à Cultura – Pronac, Mecanismos da Lei de Incentivo à Cultura, Fundo Nacional da Cultura, Mecenato). O papel das associações de amigos e de apoio aos museus.

Programa

I. Museu em debate (processos museais; identidade e pluralidade cultural)
II. Elaboração de projetos para captação de recursos
III. Financiamento (Lei Rouanet; Pronac; Lei de Incentivo à Cultura; Fundo Nacional da Cultura; Mecenato)





Museus e turismo

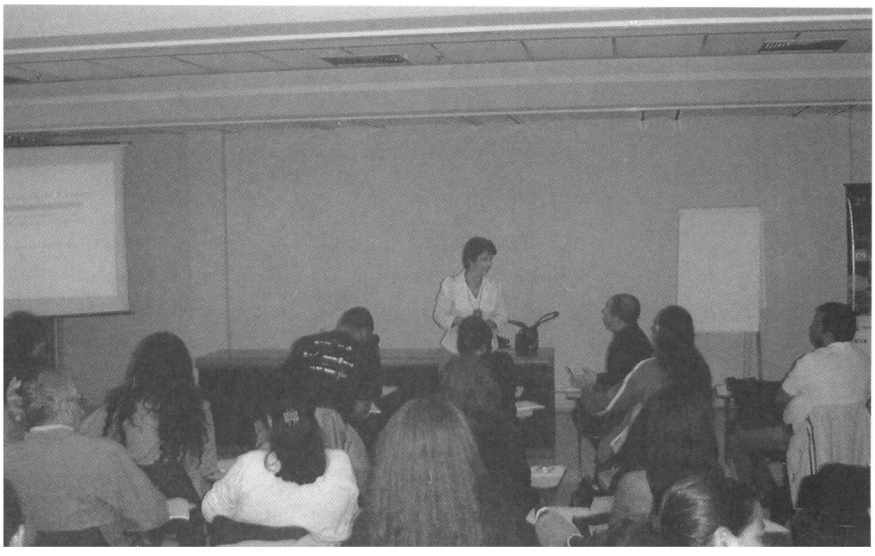
Ministrantes: Tânia Omena (Unirio) e Telma Lasmar (Unipli e UFF)

Ementa

Fenômeno turístico e atividade turística: relações. Análise de mercado e composição do produto turístico. Literatura de referência ("Normas de Quito", "Carta do Turismo Cultural", "Carta de Burra, "Carta de Sofia", "Encontro de Trujillo"). Pesquisa dos museus como atrativo turístico. Cidades, cidadãos, turismo e lazer. Lazer é prazer. Ministério do Turismo: ações em vários segmentos da vida das localidades.

Debates

I. Turismo e museus
II. Museus e turismo
III Políticas públicas de Cultura e Turismo



Documentação museológica

Ministrante: Rosana Nascimento (UFBA)

Ementa

Discussão sobre gestão de acervos museológicos e procedimentos para criação de sistemas de gestão de acervos. Apresentação dos sistemas Doc Musa Br, desenvolvido em parceria com a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, e Sistema Informatizado de Acervos – Siac, criado com apoio da Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social.

Programa

- Apresentação de procedimentos para implantação de museus (decreto de criação de museus; regimento interno)
- Gestão de acervos (processos de aquisição)
- Documentação permanente (sistema de numeração; marcação; inventário; fichas de identificação e localização)
- Acondicionamento virtual de processos documentais (Doc Musa Br; Sistema Informatizado de Acervos – Siac)

Segurança em museus

Ministrante: Kátia Rovaron
(mestre pela FAU/USP)

Ementa

Planejamento e elaboração de projeto relacionados com segurança contra incêndio, segurança patrimonial. Acessibilidade e elaboração de planos de emergência, a partir de uma visão global de cada item e da correlação entre os sistemas, com ênfase nas necessidades específicas das edificações que abrigam bens culturais.

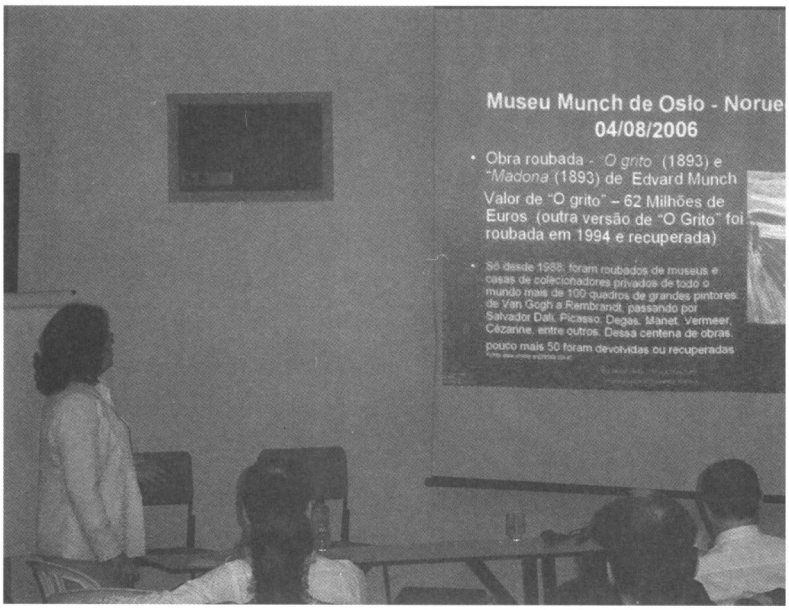
Programa

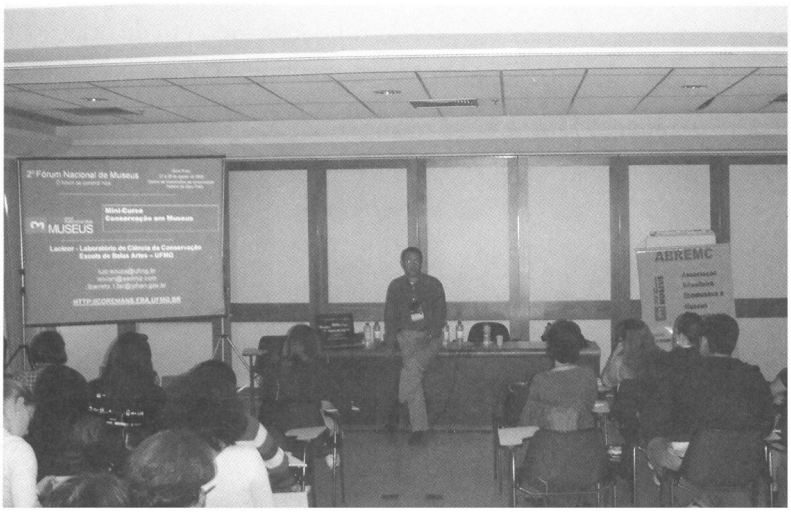
I. Segurança contra incêndio
II. Segurança patrimonial
III. Acessibilidade e planos de emergência

Exposição dos temas

– Apresentação de estudos de caso
– Noções básicas de normas e legislações vigentes
– Diretrizes para elaboração de planejamento e projetos
– Soluções elaboradas por meio do projeto arquitetônico e utilização adequada de materiais
– Estudo de rotas de fuga e conceitos de acessibilidade
– Tipos de equipamentos de combate incêndio e suas aplicações
– Equipamentos de segurança eletrônica e suas aplicações
– Conceitos de controles operacionais e planos de emergência







Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus

Ministrantes: Rose Miranda (Demu/Iphan) e Márcio Rangel (Demu/Iphan)

Ementa

Conceitos de museu e museologia. Conceitos de projeto, programa e plano museológico. Critérios para avaliação do plano museológico. O diálogo entre plano museológico e a Política Nacional de Museus.

Programa

I. O plano como trabalho coletivo: importância, vantagens e limites
II. Metodologia para a elaboração e implantação do plano museológico
III. Identificação da missão institucional: finalidades, valores, metas e funções.
IV. Identificação de públicos e parceiros
V. Legislação e documentos institucionais: ata de fundação, decreto de criação, estatuto e regimento interno
VI. Códigos de ética do Conselho Internacional de Museus e do Conselho Federal de Museologia

Conservação em museus

Ministrantes: Luís Cruz Souza (Cecor/EBA/UFMG), Wivian Diniz e Leonardo Barreto (13ª SR/Iphan)

Ementa

Os museus e suas funções. Conceitos de preservação, conservação e restauração. Breve histórico da preservação de bens culturais. Procedimentos e técnicas de conservação preventiva em museus.

Programa

I. Documentação e conservação preventiva: elaboração de diagnóstico e plano de conservação
II. Fatores de degradação: ação humana, condições ambientais, ataques biológicos e reações químicas
III. Procedimentos técnicos e rotinas de acondicionamento, manuseio, embalagem e transporte
IV. Política de conservação de acervos

Comunicações coordenadas



Comunicações coordenadas – propostas aprovadas

Era uma vez... o museu

Ângela Maria Soares Mendes Taddei (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio/RJ)

O trabalho se propõe a discutir os vínculos entre narrativa, memória e museu, a partir dos pressupostos teóricos de Roland Barthes, Maurice Halbwachs e Pièrre Nora. Como se configura a narrativa em sentido lato? Que finalidades socialmente definidas ela ancora? Em que medida a narrativa é suporte da memória? Na dialética entre a lembrança e o esquecimento, a memória pressupõe sempre um processo seletivo – o que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido – e um processo sintático – um encadeamento lógico-causal que se desdobra no tempo. Situada no presente e voltada seja para o passado, seja para o futuro, a memória é uma reconstrução imperfeita do que já foi, uma antevisão incompleta do que virá a ser. Considerando-se o museu como "lugar de memória" (Nora), quais as peculiaridades da narrativa museológica?

Museu do Homem Sergipano – um ponto de cultura

Cleber de Oliveira Santana (Museu do Homem Sergipano/UFS –SE)

No ano de 2005, o Museu do Homem Sergipano foi selecionado, pelo Programa Cultura Viva, para se transformar em um Ponto de Cultura. O Projeto Conhecer/SE visa dinamizar e ampliar as atividades desenvolvidas no Museu por meio da ação educativa, com linhas voltadas para a reflexão sobre os laços entre o fazer cultural tradicional e as expressões da cultura contemporânea sergipana. Os agentes participantes desse Projeto serão alunos da rede pública de Aracaju e de outros municípios do estado de Sergipe, que irão realizar oficinas voltadas para a formação de uma identidade, de uma educação para o patrimônio, bem como o desenvolvimento de pontencialidades culturais.

A política de conservação preventiva do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – Universidade Federal de Santa Catarina

Cristina Castellano (Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC – SC)

Desde a década de 1990, o Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral passou a priorizar ações que visavam sua reestruturação, destacando-se a qualificação da equipe e a adequação dos espaços. Concomitantes a essas ações, foram se delineando preocupações relacionadas à conservação do patrimônio cultural sob a guarda da instituição, resultando em projetos que viessem garantir a sobrevida desse acervo. Projetos foram encaminhados no sentido de controlar e diminuir a deterioração a que os objetos são submetidos. Destacaremos na comunicação os projetos executados com o auxílio da VITAE – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social dentro do Programa de Apoio a Museus, do Iphan, por meio de seu edital de Modernização de Museus, e da Caixa Econômica Federal, com o Programa de Adoção de Entidades Culturais.

Projeto de gerenciamento dos acervos da Divisão de Iconografia e Museus

Cristina Coelho Rocha Monteiro Dias (Secretaria Municipal de Cultura – Departamento do Patrimônio Histórico/SP)

A Divisão de Iconografia e Museus coleta, estuda, guarda, conserva e divulga referências museológicas da cidade de São Paulo, com o objetivo de estabelecer processos preservacionistas e contribuir com a educação patrimonial. Tem sob sua responsabilidade acervos móveis tridimensionais (históricos e etnográficos) bidimensionais (imagens fotográficas e documentos gráficos), bens imóveis (casas históricas) e registros de memória oral.

Em 2004, foi aprovada uma verba da Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social para o desenvolvimento do Projeto de Gerenciamento dos Acervos da Divisão de Iconografia e Museus. O objetivo é desenvolver e implantar um programa sistêmico para o gerenciamento da informação patrimonial dos acervos de diferentes tipologias, completamente distintos, visando a articulação entre as diferentes metodologias de trabalho e o controle dos

procedimentos de salvaguarda das coleções. É um sistema que permite, ao mesmo tempo, a consulta de forma integrada e o cadastramento, além de disponibilizar imagens, sons e informações dos acervos.

Revitalização do Museu de São Carlos

Denize Quinsler e Joana D'Arc de Oliveira (Museu de São Carlos – SP)

O Museu Municipal de São Carlos, criado em 1951, passou por diversas fases e foi alocado em vários espaços, mas somente em 2001, com a mudança da administração municipal, iniciou-se um projeto de revitalização, objetivando uma política de equilíbrio entre a salvaguarda e a comunicação. As ações de salvaguarda iniciaram-se com uma pesquisa histórica da instituição e um primeiro diagnóstico para maior conhecimento do acervo. Em seguida deu-se início ao processo de conservação, documentação e reestruturação da reserva técnica. O acervo foi organizado em quatro coleções: histórica, artes visuais, etnográfica e fotográfica, nas quais cada objeto recebeu um novo número de registro, de acordo com a coleção ao qual foi incorporado. Atualmente, o processo de documentação consiste na alimentação da Base de Dados, desenvolvida para otimizar o gerenciamento das coleções. Dentre as ações de comunicação que objetivam a democratização do acesso ao patrimônio da cidade, o espaço físico e o espaço expositivo do museu estão em fase de reestruturação, com a reformulação e o aumento da exposição histórica de longa duração e novas instalações para as artes visuais. Há, paralelamente, o desenvolvimento do projeto Memória Virtual de São Carlos, que visa desenvolver um sistema web para a gestão integrada dos acervos patrimoniais e a implementação da ação educativa, pois se acredita que o museu seja um lugar de comunicação da cultura.

O Núcleo de Estudos Museológicos – Nemu/UFSC

Francisco do Vale Pereira (Núcleo de Estudos Museológicos – Museu Universitário/UFSC – SC)

A comunicação objetiva apresentar os trabalhos desenvolvidos para a capacitação de profissionais de museus por meio do Nemu, órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, criado em 03/12/1997. Esse Núcleo, que está instalado no Museu Universitário da UFCS, vem atuando em conjunto com outras instituições

museológicas públicas e privadas. A sua ação de capacitação é uma experiência única no estado, com a realização de encontros trimestrais em algumas regiões de Santa Catarina, que oferecem oficinas sobre variados temas relacionados a museologia, patrimônio e conservação, orientando especialmente os profissionais e interessados sobre os procedimentos museológicos básicos para os trabalhos nos museus.

Contribuições do *Fórum de Museus de Ouro Preto* à Política Nacional de Museus

Gilson Nunes (*Fórum de Museus de Ouro Preto* – Museu de Ciência e Técnica – Universidade Federal de Ouro Preto – Ufop/MG)

O *Fórum de Museus de Ouro Preto* é a instância de articulação e representação dos museus da cidade. Equivale ao Sistema Municipal de Museus e deve evoluir brevemente para sua institucionalização como tal. Entretanto, o modelo adotado, inclusive no atual projeto de lei que oficializará o sistema, traz uma nova contribuição à política de museus, já que a articulação é promovida e coordenada diretamente por representantes oriundos dos museus da cidade desde o final de 2004. Nesse modelo, o poder público municipal é mais um parceiro, e não o indutor da articulação. Integram o *Fórum de Museus* instituições federais (Museu Casa dos Contos, Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Ufop e Museu da Inconfidência), um museu estadual (Casa Guignard) e museus privados (Museu do Oratório, Museu das Reduções), incluindo os eclesiásticos (Museu de Arte Sacra e Museu do Aleijadinho), além dos projetos Museu Aberto, Cidade Viva e Ecomuseu do Morro da Queimada. Essa ação permite que os museus realizem atividades em conjunto, como as Semanas de Museus de 2005 e 2006, a capacitação de funcionários, em parceria com o Demu, e ações de divulgação, com a criação de folders e informativos.

Museu de Artes e Ofícios – a revitalização de um espaço

Maíra Freire (Museu de Artes e Ofícios/ICFG – MG)

O trabalho pretende descrever, sucintamente, o processo de recuperação e restauração realizado nos edifícios tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – Iepha da Estação Ferroviária Central do Brasil e Estação Ferroviária Oeste



de Minas, em função da instalação do Museu de Artes e Ofícios – MAO, que foi aberto ao público em janeiro deste ano.

Embora o MAO apresente diversos aspectos interessantes para serem apresentados, foi escolhida aqui a recuperação do espaço físico, por seu impacto, observado não só pelos freqüentadores do Museu, como por toda a população da cidade. Desta forma, além de alguns aspectos técnicos, a apresentação contará com imagens produzidas durante os dois anos de trabalho e depoimentos dos visitantes.

Rede de Educadores em Museus – REM

Marcelle Pereira (Museu da Vida/Fiocruz – RJ)

A comunicação tem o intuito de apresentar a Rede de Educadores em Museus – REM, que proporciona encontros sistemáticos entre educadores de museus da cidade do Rio de Janeiro. Os integrantes apresentam o desejo de compartilhar idéias, conhecer mais de perto o trabalho dos colegas, refletir sobre a práxis profissional e, acima de tudo, formar um grupo de estudos na área da educação em museus, contribuindo para o desenvolvimento e o fortalecimento desse campo profissional.

Hoje, a REM conta com cerca de 20 integrantes, que fazem parte de 15 instituições do Rio de Janeiro, representantes de diferentes tipologias de museus. Essa diversidade traz uma riqueza significativa para as discussões e reflexões do grupo.

Temos o intuito de resgatar iniciativas preciosas desenvolvidas no âmbito dos museus e que se perderam no caminho por vários motivos. Por meio da REM, os educadores podem avaliar suas experiências, focando os aspectos que consideram mais relevantes ou aqueles que se constituem como desafios, abrindo a possibilidade de ouvir e colocar questões aos colegas. Buscamos também mapear as ações educativas em andamento, favorecer ações integradas entre as instituições, como a elaboração de estratégias visando o público visitante e/ou avaliações em conjunto, além de incentivar outras formas de parceria. Esperamos poder incentivar a realização de REMs em outros estados brasileiros, formando, assim, uma verdadeira rede de educadores de museus no país.

O Museu Casa de Cora Coralina como guardião da memória da poetisa e a monumentalização de Cora Coralina como guardiã de sua cidade

Marlene Vellasco (Casa de Cora Coralina/UEG – GO)

Pretende-se apresentar nesta comunicação o Museu Casa de Cora Coralina, instituição cultural sem fins lucrativos, criada após a morte da poetisa. Uma entidade cujos significados são indissociáveis da vida e da obra da escritora. Será demonstrado como a função biográfica justifica e determina a organização museológica do Museu, como a exposição permanente é montada de forma a reproduzir os espaços domésticos como objetos do cotidiano, cujo valor simbólico está configurado pelo pertencimento à poeta. E também de que modo a visita ao Museu permite uma aproximação com a memória de Cora Coralina, que está enlaçada à geografia poética da cidade de Goiás, por meio de seus escritos. Entrelaçado ao passado, esse discurso institui Cora como artesã e guardiã da memória e tem como conseqüência sua monumentalização como mulher-memória, como narradora das histórias e tradições da sua terra natal.

Caracterização do Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos

Regina Maria Lopes (Museu Histórico de Jataí – GO)

O Museu Histórico de Jataí foi criado por meio da Lei nº. 1.542, de 10 março de 1993, e instalado no sobrado que pertenceu à família de Francisco Honório de Campos, uma residência histórica do século XIX, aberta ao público em 14 de maio de 1994. Tem como objetivo preservar o casarão como patrimônio histórico, pesquisar e divulgar os objetos e documentos relacionados com a história e a cultura do município de Jataí e dessa região. Seu acervo é composto de documentos, fotografias, arqueologia, imagem e som e outros.
Além das exposições e serviços, o Museu tem participação ativa na área de educação e em diversos eventos sociais realizados anualmente, tais como: ação educativa; sarau; palestras e cursos em comemoração à Semana Nacional de Museus; *Boletim do Museu*; mutirão de fiandeiras e tecedeiras; e o mês da criança. Para a realização dos eventos, o Museu tem recebido apoio da Secretaria da Cultura/Prefeitura Municipal de Jataí, do Iphan e de empresas privadas.

O Forte São Marcelo como patrimônio único: projeto expositivo

Rita de Cássia Maia da Silva (Universidade Católica de Salvador/UCSal – BA)

O projeto expositivo do Espaço Cultural do Forte São Marcelo/BA tomou como principal diretriz a busca de uma perfeita integração entre todos os elementos do patrimônio no seu entorno – o seu meio ambiente natural e cultural, relacionado ao seu passado histórico. Associado a isto, instituímos práticas adequadas à idéia de museu total, nas quais a produção do conhecimento é vista como uma experiência integral, envolvendo o corpo e de todos os sentidos. Estabelecemos uma narrativa expositiva que abordou três eixos temáticos: Memórias do Mar, Memórias do Forte, Memórias da Cidade, sendo o conceito geral da exposição "O Forte São Marcelo como patrimônio único" justificado por sua situação geográfica, seu traçado arquitetônico, sua função associada ao seu passado histórico – convites a uma experiência de patrimônio natural e arquitetônico.

A imagem dos museus: um levantamento com estudantes de 5ª a 8ª série do ensino fundamental

Rita Gama (Departamento de Museus e Centros Culturais – Demu/Iphan – RJ)

A pesquisa pretende levantar e analisar desenhos e textos produzidos por estudantes, a partir da pergunta "Como você vê o museu?". A pesquisa vem sendo executada pela Coordenadoria Técnica do Demu desde março de 2006 e está em andamento.

Esta comunicação pretende informar à comunidade museológica a existência e os rumos da pesquisa, fazendo uma breve exposição dos resultados obtidos e da metodologia utilizada.

A pesquisa colabora com uma reflexão ainda não explorada no campo da museologia ao investigar as imagens que os museus assumem no imaginário de um público potencial específico. O projeto é ainda importante para levantar informações sobre museus e o público jovem no âmbito da proposta temática do Icom para 2006 e também para sugerir, num segundo momento, linhas de atuação.

Organização de Museu Diocesano a partir de diretrizes do Vaticano

Roseli Santaella Stella (Associação Cultural Beato José de Anchieta – Museu Diocesano Dom Fernando Legal/SP)

O patrimônio histórico e artístico da Igreja que está em desuso pode encontrar em um museu diocesano, além de tutela, local para conveniente utilização. Para tanto, o museu deve ser organizado de modo a comunicar o sagrado e o belo, sendo parte integrante da expressão cultural e da ação pastoral da Igreja.

Nesse sentido, a Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja, instalada no Vaticano, em 2002, divulgou a carta circular intitulada "A função pastoral dos museus eclesiásticos", documento básico que norteia a concepção e a organização do Museu Diocesano Dom Fernando Legal, em São Paulo, o qual será apresentado buscando sugestões para funcionar em consonância com os ordenamentos museológicos nacionais e internacionais.

II Encontro Nacional dos Estudantes de Museologia



Resultados do II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia

O *II Encontro Nacional de Museologia*, que aconteceu nos dias 22, 23 e 25 de agosto de 2006, procurou refletir a relação entre a museologia e a juventude, acreditando que o Ano dos Museus e o tema da semana de museus proposto pelo Icom remetem a uma reflexão sobre nossa afinidade como jovens e futuros museólogos.

Realizamos uma conferência de abertura com o tema "Museologia e Juventude", com a participação de Daniel Perini, membro do Conselho Nacional de Juventude; Drª Luciana Sepúlveda, do Observatório de Museus e Prof. Ms. Fernando Romero, da Fundação Educacional Barriga Verde – Febave.

A mesa apontou as dificuldades da juventude em adotar o museu como referência. Além disso, apontou a importância da valorização e do respeito à diversidade de olhares para esse espaço, assim como de uma atuação responsável, já que, conforme recorte produzido na pesquisa piloto do Observatório, os jovens são 36% dos freqüentadores dessas instituições.

A mesa "Construindo uma jovem museologia no mercado de trabalho" trouxe as perspectivas para o necessário equilíbrio entre as necessidades do mercado e a construção da nossa área de conhecimento na universidade. Participaram as professoras Drª Joseania Miranda Freitas e Suely Cerávolo, da Universidade Federal da Bahia –UFBA, o Prof. Ms. Maurício Selau, da Unibave, e o museólogo Diogo Maia, da Fundação Eva Klabin e recém-formado pela Unirio.

Onze estudantes socializaram seus trabalhos durante o encontro, com temas variados, que apresentaram a produção de pesquisa e conhecimento produzido por eles. Esse momento foi de vital importância para o intercâmbio das informações entre os cursos.

Sobre a Rede Nacional de Estudantes de Museologia, dez candidatos se inscreveram para a Coordenação, e foram eleitos, pela UFBA, Sílvia Regina Silva e Rafaela Almeida; pela Unibave, Marco Antônio e João Paulo Correa; e pela Unirio, Maíra Dias e Morgana Eneile. A Unibave foi indicada para a Comissão de Organização do *III Enemu*.

Cada curso de graduação produziu um

documento apontando as questões regionais e suas posições em relação à Conjuntura do Campo e à situação da graduação e das nossas necessidades.

Após três dias de intenso debate, os estudantes de museologia presentes no *2º Fórum Nacional de Museus* e participantes do *II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia* apresentam as resoluções da plenária final:



Conjuntura – Museu como interlocutor e mediador de relações

– Apoio à criação do Instituto Brasileiro de Museus e à aprovação do Estatuto dos Museus;
– Pelo fortalecimento do Sistema Brasileiro de Museus e do Cadastro Nacional de Museus, reconhecendo a sua importância no mapeamento do campo de trabalho museológico;
– Maior articulação entre as instituições de representação do segmento, otimizando ações entre conselhos, associações, universidades, redes e governos.

Graduação – Novos ares: expansão

– Pela continuidade de aprovação de novos cursos de graduação, na compreensão de que a expansão da formação também é a ampliação e renovação do segmento;
– Revisão dos currículos buscando sempre o equilíbrio entre teoria e prática, entre as necessidades da academia e do mercado;
– Fiscalização dos estágios, compreendendo esse momento como fundamental para o processo de formação do graduando;
– Compreensão de que os museus são laboratórios naturais para o processo de formação, sendo, portanto, necessário o acesso aos espaços, inclusive às reservas técnicas e


II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia
II ENE
MU
26 de agosto
uro Preto

laboratórios para visitas, bem como parcerias com as instituições;
- Incentivo à publicação de trabalhos pelos estudantes, como estímulo à produção de conhecimento do setor desde a universidade;
- Pela aprovação da licenciatura em museologia, com a certeza de que o segmento da educação patrimonial está em plena expansão e com capacidade de absorção desses profissionais, bem como nos cursos técnicos que se iniciam na área de museologia e o crescimento da área de turismo;
- Realização de seminários que reflitam sobre a licenciatura na área de museologia, incluindo a participação de técnicos, docentes e discentes. Tal seminário será organizado em conjunto com os Diretórios Acadêmicos dos cursos e, a partir dos resultados, será produzido um documento da Rede Nacional de Estudantes de Museologia sobre o tema;
- Dignidade nas relações de trabalho para os estagiários, com bolsas justas, que tenham como referência o salário mínimo, e previsão nos contratos de recessos remunerados, em caso de renovação.

Organização – Pra frente, Renemu!

- Fortalecimento da Rede Nacional de Estudantes de Museologia, pelo caráter articulador, mobilizador e agregador dos estudantes e das causas do setor;
- Criação do Estatuto da Renemu;
- Ampliação do *site* da Rede, possibilitando o acesso a artigos e documentos produzidos pelos estudantes na *web*;
- Intercâmbio da Renemu com outras redes e instituições em âmbito nacional e internacional, como a Rede de Educação e o Observatório de Museus;
- Ampliação da atuação da Rede aos estudantes da pós-graduação em museologia, após contato com tais instituições.

Moção de repúdio

Às instituições museais e afins que, pela insensibilidade das suas direções, não autorizaram ou ainda coagiram a participação dos estudantes de museologia a elas vinculados como estagiários ou bolsistas no *2º Fórum Nacional de Museus*.

O *II Enemu* entende que encontros, seminários e congressos do segmento são instrumentos importantes na formação dos estudantes e que tais atitudes não colaboram para o desenvolvimento da classe.

Resumos dos trabalhos apresentados

Organização: Priscila Maria de Jesus e Rosangela Karine Esteves (Universidade Federal da Bahia – UFBA)
Mirella Honorato (Fundação Educacional Barriga Verde – Febave)
Morgana Eneile e Rafael Muniz de Moura (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio)
Comissão Científica: Ana Carolina – Unirio, Cleber Aquino – UFBA, Felipe Pereira – Unirio, Mariana Lamas – Unirio, Mirella Honorato – Febave, Rosangela Karine Esteves – UFBA

Conhecer para ser reconhecido: as pesquisas de público em instituições museológicas

Autora: Viviane Wermelinger Guimarães (estudante de museologia da Unirio)

Orientador: Cícero Antônio Fonseca de Almeida (Escola de Museologia – Unirio)
Co-orientadora: Marcelle Pereira (Museu da Vida – Fundação Oswaldo Cruz)

Resumo

Na trajetória dos museus, observamos modificações nos propósitos de suas prioridades como instituição. A princípio, os museus possuem um caráter de colecionismo, recebem apenas visitas de um público restrito e "especializado".

Atualmente, os museus possuem um compromisso com a sociedade, trabalham com a disseminação da cultura, do conhecimento e da educação, com projetos, exposições e eventos de acordo com as demandas sociais. Os museus começam a se preocupar com o público, ampliam o horário de funcionamento, criam programas educativos para diversos grupos, inclusive escolares, e modificam seus serviços visando um melhor atendimento.

Para que esse compromisso aconteça de uma forma mais eficiente e com melhores resultados, os museus estão preocupados em conhecer o seu público. Para isso, realizam pesquisas com objetivos e metodologias específicas e estabelecem uma auto-avaliação institucional dos compromissos e dos serviços prestados, procurando diminuir a distância das instituições com a sociedade. Este trabalho tem como objetivo analisar as pesquisas de público realizadas nos museus e instituições culturais no Brasil e em outros países, com ênfase nos objetivos, nas metodologias e nas avaliações.

Com o passar do tempo, as pesquisas vêm atraindo um interesse maior nos museus e já são utilizadas como ferramentas importantes para criação de novos projetos e planejamentos institucionais. A partir do crescimento qualitativo e quantitativo dos estudos realizados sobre público e, observando os caminhos percorridos por diversas instituições e profissionais, percebemos que esse crescimento acarretou a criação de "observatórios permanentes" de públicos em alguns países, inclusive no Brasil. Esses observatórios têm como objetivos, além de um estudo permanente e sistemático, trabalhar com diversas instituições para troca de dados, visando traçar um perfil do público geral; ser um espaço de recepção e discussão de informações entre profissionais e o público; e perceber que tipo de serviço o público espera das instituições museológicas e como essas instituições são reconhecidas pela sociedade.

Nosso estudo de caso será o Observatório de Museus e Centros Culturais, desenvolvido no Museu da Vida (Casa de Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz), na cidade do Rio de Janeiro, que hoje conta com a parceria do Iphan/Ministério da Cultura. No ano de 2003, implantou o projeto piloto com a parceria de museus de diversas áreas situados no Estado do Rio de Janeiro e a metodologia utilizada para conhecer o perfil dos visitantes foi a aplicação de questionários padronizados, compostos de perguntas abertas e fechadas para todas as instituições participantes. Todos os dados recolhidos serão incluídos em banco de dados que ficará armazenado no *site* do Observatório de Museus e Centros Culturais para ser compartilhado pelos membros e consultado por pesquisadores e público em geral.

O Observatório tem a finalidade de contribuir para pesquisas na área da estatística cultural e constituir uma comunicação dinâmica entre as instituições participantes.

Palavras-chave: Museu – Pesquisa de público.

Patrimônio fossilífero: registro histórico da vida na Terra

Autoras: Aline Rocha de Souza (bolsista de iniciação científica/Faperj), Ana Carolina Gelmini de Faria (bolsista de iniciação científica/Unirio) e Ana Carolina Maciel Vieira (Unirio)

Orientadora: Deusana Maria da Costa Machado (Unirio)

Resumo

Os fósseis, objeto de estudo da paleontologia, são uma fonte de informação fundamental

para a compreensão acerca da história da vida na Terra. Por meio deles, consegue-se traçar fenômenos e eventos biológicos/geológicos que ocorreram no decorrer de vários períodos de tempo, observando os processos de surgimento, adaptação, extinção e evolução dos organismos.

Esses organismos petrificados são considerados patrimônio pertencente à nação por todas as constituições, em especial a de 1988, que enfatiza a proteção aos sítios paleontológicos e também por vários decretos-lei, portarias e leis, com destaque para o DL 4.146 de 1942, assinado por Vargas, que regulamenta a extração preservando a integridade fossilífera. Assim sendo, objetiva-se expor várias etapas de trabalho que podem ser feitas a partir da interface museologia/paleontologia, já realizadas no Laboratório de Estudos de Comunidades Paleozóicas – LECP.



O patrimônio fossilífero pode ser preservado de duas maneiras: *in situ* e *ex situ*. No primeiro caso, a preservação é realizada no próprio sítio ou local onde os fósseis foram encontrados. No segundo caso, a preservação é feita em outros locais, como museus e coleções científicas.

No trabalho de campo, observam-se todos os dados que compõem o afloramento para posteriormente interpretar o ambiente onde os organismos foram depositados. Cada detalhe é essencial. Por isso, os fósseis oriundos de extrações ilegais, mesmo depois apreendidos, perdem muito do seu valor científico. Após a coleta cuidadosa utilizando martelo de geólogo e talhadeira, os fósseis são embalados e acondicionados em caixotes para o transporte até o laboratório, onde se iniciam os estudos sobre esse material e o preenchimento das fichas catalográficas. As amostras são numeradas e podem ser preparadas química ou manualmente para uma melhor visualização

do organismo e de suas características. Para a organização e preservação dos fósseis coletados, estes são acondicionados em armários de metal, em ordem numérica e de acordo com a bacia sedimentar, medida importante para um melhor manuseio e eficiência nas pesquisas.

Todo o trabalho realizado na coleção do LECP – documentação, acondicionamento/conservação, pesquisa – corresponde às atividades competentes ao museólogo. As coleções, sejam de quais áreas forem, são um possível campo de expansão, assim como a preservação de qualquer patrimônio pode ser reivindicada pelo museólogo. No caso da preservação do sítio fossilífero, que sofre com a coleta e o comércio ilegais e com a depredação dos sítios devido ao crescimento demográfico e à ignorância da população local, também pode ser trabalhada por esse tipo de profissional, tanto para reivindicar sua preservação e seu tombamento como para organizar projetos educacionais nas comunidades.

O grande desafio da paleontologia neste século, assim como em diversas outras áreas, está em proteger e preservar o seu patrimônio e o museólogo é um profissional importante neste processo.

Palavras-chave: Paleontologia – Patrimônio fossilífero – Preservação.

Sambódromo, Escola de Samba Mirim, Cieps e museu: uma experiência estilhaçada de educação patrimonial?

Autor: Maximiliano de Souza (bolsista de iniciação científica/Unirio)

Orientador: Sul Brasil Pinto Rodrigues (Escola de Museologia/Unirio)

Resumo

O projeto de pesquisa que será apresentado nesta comunicação é sobre um trabalho que busca compreender, pelo processo histórico de idealização e implantação das quatro escolas de horário integral (Cieps) situadas no complexo da Passarela do Samba (Sambódromo), a função educativa dos museus com base no desenvolvimento dos processos museológicos contemporâneos.

Baseados no estudo do projeto político pedagógico dos Cieps do Complexo Educacional Avenida dos Desfiles – Cemade, localizados entre as arquibancadas da Passarela do Samba, observamos o processo de desenvolvimento das atividades educativas, científicas, culturais e artísticas dentro da proposta de educação integral com horário integral, idealizada pelo antropólogo e educador professor Darcy Ribeiro. Das atividades artísticas e culturais, nasceu o projeto da Grêmio Recreativo Cultural Escola

de Samba Mirim Corações Unidos do Ciep, que foi fundado em 15 de outubro de 1984, sete meses após a inauguração da então Avenida dos Desfiles, a Marquês de Sapucaí.

A principal proposta desta pesquisa é o estudo da concepção do projeto Escola de Bambas, da Secretaria Municipal de Educação e do G.R.C. Escola de Samba Mirim Corações Unidos do Ciep, que a ele se relaciona e é aplicado aos alunos do ensino fundamental das escolas municipais públicas do Rio de Janeiro como objeto educativo baseado na experiência da educação patrimonial do Iphan.

Considera-se que a educação patrimonial é um campo que utiliza processos museológicos com proposta de desenvolvimento de uma "alfabetização cultural", a partir de um processo educacional permanente, centrado na experiência e no objeto patrimonial como forma de conhecimento, apropriação e valorização da herança cultural na busca da preservação da identidade cultural e cidadania, com comunidades, grupos escolares etc. Todavia, as escolas de samba do Rio de Janeiro se constituem como um dos principais patrimônios culturais da cidade; em seu núcleo, desenvolvem-se projetos de inclusão social por meio das atividades educativas, culturais, profissionalizantes e econômicas que geram renda para os jovens de suas respectivas comunidades.

O ponto de partida de desenvolvimento deste projeto está situado na Passarela do Samba, que integra em seu espaço escolas de educação integral (Cieps), o Museu do Carnaval e o desfile das escolas de samba, com o traço modernista de Niemeyer.

Palavras-chave: Escola de Samba Mirim – Educação patrimonial – Educação experimental.

Considerações sobre gestão museológica: um estudo de caso sobre o período Lina Bo Bardi no MAM-BA (1959-1964)

Autora: Juliana Monteiro (graduanda em museologia/UFBA; bolsista de iniciação científica do Pibic/CNPq)

Orientadora: Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa (Departamento de Museologia/UFBA; membro do Icom)

Resumo

O presente trabalho traz os principais resultados obtidos ao longo de um ano da pesquisa do Pibic/CNPq intitulada "Gestão museológica: um estudo de caso sobre o período Lina Bo Bardi no MAM-BA (1959-1964)", vinculada ao projeto São Lázaro, Patrimônio Vivo.

Durante o desenvolvimento do trabalho, que adotou a metodologia histórica e documental junto às técnicas da história oral, foi possível identificar e analisar as bases sobre as quais se fundamentou a gestão de Lina Bo Bardi no MAM-BA. Levou-se em consideração a importância do contexto sócio-histórico do período e a existência de uma rede de solidariedade que auxiliou o MAM a funcionar plenamente, com um forte sentido social, assim como planejara a arquiteta.

Após uma análise, alguns elementos estratégicos utilizados por ela, como a preocupação com o ser humano e com o desenvolvimento de atividades culturais que ultrapassassem as paredes do museu, foram compreendidos como bastante atuais, tendo em vista os paradigmas contemporâneos de museu e museologia. Logo, a gestão de museus – tema cada vez mais discutido entre os profissionais da área – tem a possibilidade de revisitar experiências como a protagonizada por Lina Bo, a fim de trazer novas questões para discussão e novas aprendizagens para o campo da prática e da teoria museológicas.

Palavras-chave: Gestão – Museu – Criatividade.





Gênero biográfico e história da museologia: o caso Regina Monteiro Real

Autor: Henrique de Vasconcelos Cruz
(bacharel em museologia/Unirio)

Orientadora: Tereza Cristina Scheiner
(Escola de Museologia/Unirio)

Resumo

Nos últimos anos, o gênero biográfico tornou-se uma importante fonte para pesquisas históricas. Nosso trabalho abordará o estudo de biografias de profissionais de museus para a escrita da história da museologia. Trataremos de nossa experiência na pesquisa biográfica de Regina Monteiro Real (1901-1969) para a elaboração de trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de bacharel em museologia pela Unirio.

Regina nasceu em Petrópolis/RJ. Formou-se pelo Curso de Museus do Museu Histórico Nacional em 1937. Começou a trabalhar no Museu Nacional de Belas Artes no mesmo ano. Em 1955, transferiu-se para a Casa de Rui Barbosa. Participou da implantação do International Council of Museums – Icom no Brasil, em 1946. Foi uma das fundadoras e primeira presidente (1963-1969) da Associação Brasileira de Museologistas (atual Associação Brasileira de Museologia). Escreveu artigos e livros sobre museologia entre as décadas de 1940 e 1960. Faleceu em Salvador, durante a implantação do Museu Carlos Costa Pinto, onde prestava consultoria.

Encerraremos abordando a importância da pesquisa das diferentes práticas museológicas ao longo dos tempos para a escrita da história da museologia.

Palavras-chave: Regina Monteiro Real – Biografia – História da museologia.

Pesos para medir ouro em pó: investigações acerca da fertilidade e do bronze na produção imagética nigeriana

Autora: Priscila Maria de Jesus (graduanda em museologia/UFBA e estagiária do Museu Afro-Brasileiro)

Orientadora: Joseania Miranda Freitas (Departamento de Museologia e Programa de Pós-Graduação em Educação/UFBA; pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro)

Resumo

O presente trabalho sintetiza um estudo sobre cultura material africana realizado no Museu Afro-Brasileiro (UFBA). Sua finalidade é compreender o universo simbólico das produções imagéticas nigerianas, sobretudo no que se refere às representações do ato sexual, tendo como objeto de estudo um par de pesos para medir ouro em pó, peça integrante do acervo do referido museu.

O trabalho de pesquisa buscou compreender o papel da metalurgia e analisar o universo simbólico africano relacionado aos ritos de fertilidade da mulher, fecundidade da terra e à concepção da origem da vida nessas sociedades. Representar o ato sexual na produção escultórica africana significa compreender a própria concepção de mundo dessas sociedades, desvinculando-a das primeiras impressões dos grupos sociais não-africanos, que as associam à simples erotização das formas.

Palavras-chave: Cultura material – Fertilidade – Simbolismo.

Silvio Santos vem aí. E o povo foi ao museu...

Autores: Rafael Gutterres (museólogo/Unirio) e Anaildo Baraçal (Escola de Museologia/Unirio)

Resumo

Com base em monografia de final de curso, aprovada em maio de 2006 pela Escola de Museologia da Unirio, o trabalho trata de uma experiência vivida pelo autor. Nele, procura fazer considerações e estabelecer futuras reflexões sobre exposições com temáticas populares, desenvolvidas no âmbito de museus tradicionais. Faz um estudo de caso específico com a exposição *Silvio Santos – imagem e som do comunicador do século*, realizada em 2001, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro – MIS/RJ. A referida exposição registrou um público recorde para o museu, proporcionando aos museólogos, monitores e estagiários uma experiência extraordinária, a relação entre o

museu, o objeto exposto e o público. O público que visitou a exposição foi diferente daquele que o MIS estava acostumado a receber.

Sem qualquer comprovação oficial, mas tomando como base os dados recolhidos durante a pesquisa da monografia, o relato de estagiários e de museólogos que acompanharam a realização da exposição, o encaminhamento da pesquisa nos levou a concluir que esse público, em sua maioria, não estava habituado a ir ou freqüentar museus tradicionais. Muitos indivíduos nos relatavam que era a primeira vez deles nesses locais. Nesse sentido, a partir dessa experiência, pudemos constatar que o museu é um mediador, entre público e objeto, de cultura, arte, história, ciência, tecnologia etc. Para aqueles que pouco freqüentam ou que não freqüentam museus, é significativa a experiência de ter acesso a essas instituições por meio de exposições com temáticas que sejam de seu gosto particular ou que façam parte de seu cotidiano.

A busca por documentos, entrevistas e outros materiais necessários para a pesquisa foi longa pelas dificuldades encontradas devido à ausência de documentação avaliativa da exposição. O projeto da exposição, uma fita de vídeo com mensagens dos visitantes para Silvio Santos, livros de assinaturas com o total de visitantes registrados e fotos dos visitantes, de suas interações com a exposição e o acervo foram os documentos-base para nossa pesquisa, nossa reflexão e nossas considerações. A partir desses e de outros documentos, foram elaborados gráficos e tabelas para análises comparativas.

A utilização de gráficos comparativos do período da exposição referida com outras exposições em museus selecionados é reveladora e tem a intenção de comprovar que exposições com temáticas populares atraem um público que não está habituado a freqüentar museus.

Outra questão levantada em nosso trabalho foi a não-participação direta dos museólogos do MIS/RJ na elaboração e execução do projeto, as quais foram efetuadas por uma equipe de arquitetura contratada na época pelo museu. Nos anexos encontrados em nossa monografia, estão expressas as mais diversificadas mensagens. Muitas com inocência, sonhos, retratos da realidade social. Essas mensagens refletem uma grande parcela de público que freqüentou a exposição e que, às vezes, não sabia sequer onde estava.

Palavras-chave: Museu – Exposição – Temática popular.

A patrimonialização do cinema: memórias do contemporâneo

Autores: André Januário da Silva e Wagner Miquéias Félix Damasceno (bolsistas de iniciação científica/Unirio)

Orientadoras: Leila Beatriz Ribeiro (Unirio), Valéria Cristina Lopes Wilke (Unirio) e Carmen Irene Correia de Oliveira (Unirio)

Resumo

Os fenômenos da patrimonialização e da musealização surgem como fortes tendências de um tempo marcado pela aceleração imposta pelos avanços tecnológicos e por novas formas de acumulação flexível. A transformação de bens culturais em mercadorias na pós-modernidade – tendência surgida na modernidade – está atrelada a um crescente medo do esquecimento, dinamizado pelo fenômeno da globalização. A condição pós-moderna, nesse sentido, designa este momento histórico, no qual a globalização e o capitalismo tardio aparecem como caminhos e diretrizes para a dialética do unir e dividir, formar e reformular identidades. Desse modo, o que podemos apreender de autores como Huyssen, Jeudy, Gonçalves, Chagas, Lapera e outros é que os fenômenos da musealização e da patrimonialização apresentam-se como formas de resistência à obsolescência e ao esquecimento.

Trazemos para este estudo algumas considerações acerca do texto fílmico desenvolvidas no âmbito de nossa pesquisa institucional "Texto fílmico, informação e memória", tendo em vista seu estatuto de documento e de repositório de memórias a partir das narrativas e sua legitimação pelos fenômenos da musealização e da patrimonialização.

Na contemporaneidade, o cinema adquire *status* de representação patrimonializável de uma realidade, e o texto fílmico funcionaria como o imaginário representativo de uma sociedade por meio das imagens, ao incorporar personagens ou temáticas a uma metanarrativa, pela preservação de filmes em cinematecas, museus etc., ou ao elaborar narrativas fílmicas de realidades passíveis de se converterem em patrimônio. Dessa forma, os filmes funcionariam como espaços onde a preservação dos objetos e do imaginário social refletidos na película se constituiriam como elementos que abarcariam mecanismos para a construção de uma memória cujo principal objetivo seria construir e fortalecer identidades. Sendo assim, temos o texto fílmico como um produto do cinema, oriundo de uma indústria cultural e do fenômeno da industrialização – alienante, como viam os frankfurtianos Adorno e Horkheimer –, ou como um produto cuja dimensão pedagógica auxiliava os indivíduos a se relacionarem com o entorno, ao treinar os

sentidos e a consciência conforme o ritmo frenético dos hiperestímulos da metrópole. Por meio desta perspectiva, Benjamin defendia o potencial do cinema em promover o aprendizado na vida moderna em seu todo.

Frente à iminência do esquecimento perpassado pelo sentimento de angústia que se dá pela fugacidade das coisas, da imaterialidade das relações e comunicação e da busca de uma identidade cultural de nações periféricas latino-americanas, que se encontram bombardeadas pela ameaça da alienação cultural – a homogeneização pelos meios de comunicação de massa – é que o cinema pode ser problematizado como um projeto de patrimonialização.

Esse discurso e essa prática instituem-se a partir da musealização da realidade contemporânea, contribuindo, assim, para a construção de uma identidade cultural como espaço de uma memória e de representação social.

Palavras-chave: Patrimonialização – Musealização – Texto fílmico.

Termos e conceitos da museologia: musa, mito, museu

Autor: Felipe Pereira Roque Farias
(bolsista de iniciação científica/Unirio)

Orientadora: Tereza Cristina Scheiner
(Escola de Museologia/Unirio)

Resumo

O presente subprojeto trata da investigação de termos e conceitos relacionados à gênese do fenômeno *museu*, por meio da leitura de textos específicos da *filosofia* e da *museologia*, e da subseqüente indexação de verbetes (1) relativos aos temas já relacionados, utilizando a relação de palavras-chave acima citadas e outras na etapa 2 (objetivos).

Objetivos

A pesquisa busca contribuir para a discussão da terminologia aplicada pelo campo museológico, analisando os pontos de tangência entre as diferentes significações de alguns termos básicos constitutivos da linguagem museológica. Concentra-se em termos e conceitos como *musa*, *musaion*, *mito*, *mouseion*, *mousia* – comuns aos campos da filosofia e da museologia. Fornece subsídios para a análise dos pontos de convergência e divergência entre os universos simbólicos (e mitológicos) de diferentes sociedades e culturas

relacionados à criação do fenômeno museu.



Metodologia

1. Análise comparativa de termos e conceitos relativos ao tema citado presentes na literatura especializada, tomando como base as narrações míticas. Inclui a pesquisa de termos e conceitos presentes em textos filosóficos, glossários, dicionários técnicos e textos publicados pela Unesco e também a identificação de termos e conceitos utilizados pelo próprio campo da museologia presentes nos textos especializados produzidos pelo Comitê Internacional de Museologia do Icom – Icofom.

2. Indexação dos artigos e textos selecionados.

3. Indexação de termos e conceitos presentes nos artigos e textos analisados.

4. Organização de um glossário de termos.

Conclusões

A pesquisa de textos relativos aos mitos da mitologia grega, nórdica, chinesa, americana, céltica e outras leva-nos a perceber que estas "histórias" foram de fundamental importância para esses grupos se reconhecerem como um povo e se unificarem por meio de um passado mítico comum, que justificaria suas ações no presente – indicando uma ordem divina que deveria ser mantida. Reconhecer essa importância dos mitos em todas as sociedades permite-nos indexar padrões, repetições e traços de pensamento presentes em todas as mitologias estudadas que podem estar relacionados à gênese e ao desenvolvimento do conceito de museu.

Palavras-chave: Musa – Mitologia – Museu.

Museus – caminhos da cidadania: uma experiência de extensão universitária

Autores: Hozana de Barros Castro (graduanda em museologia/UFBA), Iraci Oliveira dos Santos (graduanda em museologia/UFBA; voluntária de iniciação científica do Pibic/UFBA), Priscila Maria de Jesus (graduanda em museologia/UFBA e estagiária do Museu Afro-Brasileiro)

Orientador: Angelo S.P. Serpa (Instituto de Geociências/UFBA)

Resumo

O presente trabalho é fruto da experiência adquirida na Atividade Curricular em Comunidade (ACC GEO458 – "O bairro em imagens vai à escola"), atividade de extensão universitária desenvolvida no primeiro semestre de 2005, que teve como objetivo precípuo trabalhar a percepção da identidade do bairro do Curuzu, em Salvador, sobretudo a identidade dos alunos da Escola Pierre Verger, localizada no referido bairro.

Discutir questões como o que é ser negro ou não, raça, racismo, etnia e cultura na sociedade soteropolitana na contemporaneidade, bem como desconstruir mitos e idéias preconceituosas, mostrando uma outra versão da história e da realidade social da capital baiana foi uma tarefa realizada numa parceria entre quatro agentes: o museu, um videodocumentário, a escola e a universidade. O museu é aqui entendido como uma instituição que vai além da sua função precípua de coleta e conservação de bens históricos e artísticos e funciona como espaço de comunicação entre as culturas de diversos segmentos sociais.

O videodocumentário, ponto de partida para o desenvolvimento das atividades, foi dividido em blocos temáticos e traz depoimentos de moradores do Curuzu sobre questões diversas, como comércio, lazer, serviços, atividades culturais, entre outras. A escola, espaço de aprendizagem por excelência, atuou como mediadora entre os alunos, o vídeo e o museu. E, por meio da universidade, *locus* privilegiado do conhecimento, foi possível, no âmbito da ACC GEO458 – "O bairro em imagens vai à escola", desenvolver essa atividade com a participação ativa da sociedade extra-acadêmica. No desenvolvimento do trabalho, obteve-se a possibilidade de trabalhar o museu como agente colaborador na formação de cidadãos.

Palavras-chave: Bairro – Identidade étnica – Museu/escola.

Exposições de paleontologia: uma reflexão museológica

Autores: Diogo Jorge de Melo (Unirio) e Aline Rocha de Souza (bolsista de iniciação científica/Faperj; Unirio)

Orientadora: Deusana Maria da Costa Machado (Unirio)

Resumo

A ligação entre paleontologia e exposição vem de uma relação direta com os famosos gabinetes de curiosidades dos séculos XV e XVI. Esses gabinetes possuíam uma filosofia de armazenar e, conseqüentemente, expor uma diversidade de coisas exóticas encontradas no mundo, como os fósseis. Esses lugares, ligados diretamente ao *status* social, como as bibliotecas, permitiam acesso restrito a uma parcela ínfima da população, mas, com o desenvolvimento das ciências, os gabinetes de curiosidade, transformaram-se nas coleções cientificas, tentando representar o mundo em um espaço confinado, ganhando uma função social/educativa e, assim, surge o espaço das exposições.

Podemos entender como função das exposições vinculadas a esse tipo de acervo a divulgação do conhecimento e da produção científica. Dessa forma, buscou-se refletir um pouco sobre as exposições paleontológicas do Brasil, fazendo um breve panorama das mesmas, a fim de avaliá-las com relação às perspectivas museológicas.

Apesar da aparente simplicidade, fazer exposições é algo extremamente complexo, já que elas devem possuir um compromisso social com a população. Ao analisar as exposições brasileiras de paleontologia, observa-se claramente a ausência de museólogos participando dos projetos museográficos, e, muitas vezes, essas exposições não possuem um objetivo claro. Por exemplo: o que ela pretende passar e a quem se destina. Essas exposições parecem esquecer que são um instrumento de comunicação poderoso, capaz de realizar a ponte entre o conhecimento acadêmico e o público leigo. Observam-se comumente exposições que são apenas vitrines de fósseis ou, então, exposições grandiosas e fantásticas, mas que se perdem em seu objetivo, ou até mesmo não possuem um. Além disso, em uma exposição de um grande museu de história natural, por exemplo, deve-se objetivar, por exemplo, ensinar paleontologia em um contexto geral para um público extremamente amplo, diferentemente de um museu menor e local, que pode mostrar a paleontologia daquela determinada região, educando, preservando e divulgando a importância do patrimônio fossilífero local.

Finalizando, devemos estar atentos para não expor apenas o fantástico, voltando à ideologia

dos gabinetes de curiosidades e da mentalidade de séculos atrás de só atrair o público, restringindo os resultados e o potencial da exposição. Os atrativos podem e devem ser utilizados, mas como um tipo de isca, de modo a envolver o público com o restante do conteúdo trabalhado, convidando a uma maior imersão no âmago da história da Terra.

Palavras-chave: Paleontologia – Museus de ciências – Patrimônio fossilífero.


2006 ano nacional
Depoimentos
Seu evento va
entrar para a hist
Parque M
Centro d
Convenção
Ouro
www.fotografia
Fotoarquivo de
Museu de Arte
de Ouro Preto
Fórum Nacional
de Museus
O futuro se constrói hoje
Ouro Preto
22 a 26 de agosto
mapeando a

SIMONE FLORES

Sistema Estadual de Museus do RS – SEM/RS

Acredito que o *2º Fórum Nacional de Museus* tenha um grande significado neste momento no país não só para quem trabalha na área da museologia, mas para a população. Ele está sendo a afirmação da Política Nacional de Museus, implementada pelo Iphan por meio do Demu, e é o reflexo de todo um trabalho realizado pelos técnicos tanto do MinC, do Sistema Brasileiro de Museus e de todos que trabalham na área da museologia; é o reflexo de que o setor está se fortalecendo e de que, com mais incentivos e parceiros, vamos realmente contribuir para uma educação por meio dos museus.

TELMA LASMAR

Conselho Federal de Museologia – Cofem

Acho que este *Fórum* está dando uma amplitude à visão que as pessoas, instituições e poder público têm dos museus. O *1º Fórum Nacional de Museus* foi uma semente que deu frutos muito importantes; o *2º Fórum* é um resultado ampliado do primeiro, tanto que, até sexta-feira, ele teve 1.100 pessoas inscritas. Há mobilização das cidades, das pessoas, tem gente do Brasil inteiro aqui. As pessoas estão efetivamente querendo se inteirar, aprender, ensinar, discutir, trocar informações acerca dos museus. Então, este é um espaço democrático, um espaço importante para colocar os museus em evidência.

MARILIZA BERTOLIN

Jornalista – Rede Mundial de Televisão/SP

Eu acredito que o *Fórum Nacional de Museus* levará para as pessoas que estão participando dele a valorização que hoje o governo do Brasil quer dar aos museus e uma visão da importância que eles têm para o passado, para o presente e para o futuro. Eu queria destacar um fato que eu acho muito importante: cada um vai ter um aspecto diferente, uma coisa que vai chamar mais a atenção, mas acho que a coisa mais importante neste momento é a ação educativa, porque, se você tem o olhar da criança educado para a importância do museu, para o que é uma visita no museu, a gente muda o futuro do Brasil em relação aos museus. Eu passei por um minicurso de museus comunitários e ecomuseus, e você vê que ali é a população. Não

estamos falando do governo, nem de grandes empresas nem de grandes órgãos; é a população falando da importância da manifestação dos museus comunitários. Isso é muito importante.

ECYLA BRANDÃO

Museóloga

Foi muito maior e melhor este *Fórum Nacional de Museus* do que eu esperava. Eu, que sou museóloga tão antiga e que fui convidada para falar sobre o *1º Congresso de Museus*, 50 anos atrás –, por aí vocês podem calcular a minha experiência em museologia... Realmente é extraordinário este *Fórum*. Nunca vi uma coisa com tanta gente, mas não só isso: da importância de todos os grupos de todos os cursos. Lamento somente não poder assistir a todos. [...] Parabéns ao Demu, parabéns a todos aí, a vocês, todos os jovens, que esse movimento de jovens para mim foi uma coisa extraordinária. Muito obrigada!

GILSON ANTÔNIO NUNES

Professor do Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto e coordenador do Sistema Municipal de Museus de Ouro Preto

A perspectiva, o relato, quero fazer em nome desse museu [de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Ufop], da alegria com que recebemos o *Fórum Nacional de Museus* aqui em Ouro Preto. Desde a primeira hora e na medida do possível, procuramos nos engajar para apoiar a realização deste evento aqui [...]. Tentamos articular os museus, engajá-los na organização do evento e aproveitamos a realização deste evento aqui para detonar uma série de ações [...]. Isso contribuiu no processo de discussão da legislação que está instituindo o Sistema Municipal de Museus de Ouro Preto. Acho que é uma grande contribuição que nossa equipe de museus está dando à política brasileira, não só porque vai instituir o primeiro sistema municipal de fato, como também pelo modelo que estamos adotando, no qual quem manda no sistema, quem gerencia o sistema são os museus, e não o executivo municipal.

HOUVE UMA ARTICULAÇÃO DOS MUSEUS EM FUNÇÃO DO EVENTO?

Exatamente. Agradeço ao Demu, que abriu algum espaço. É verdade que alguns museus se ressentem de um espaço maior e que tais e tais demandas pudessem ser contempladas,

mas estamos todos aprendendo. Houve essa abertura do museu e os museus solicitaram essa abertura. Então, foi um feliz casamento que resultou numa série de ações [...].

Com relação à Política Nacional de Museus, foi uma revolução na área de museus. Eu trabalho na área de museus de ciências já há muito tempo. Então, percebo a mudança clara, uma orientação, uma política pública de museus no país, um investimento expressivo para as condições brasileiras na área de museus, capacitação de pessoas, abertura de editais, muito importante essa ação do governo federal [...]. Claro que existem questões a serem corrigidas e a evoluir, mas é uma ação fantástica no campo museal, que nos enche de esperança.

RAUL LODY

Museólogo e antropólogo

A organização deste *Fórum Nacional de Museus,* considero excelente, pela forma com que estão sendo conduzidos os trabalhos, o espaço... O acolhimento do espaço é muito bom aqui no centro de convenções de Ouro Preto. A programação, eu diria que é muito atual porque toca em temas diversos, desde de os temas mais tradicionais da museologia, como museus históricos, museus artísticos, museus militares, a temas mais contemporâneos, mostrando realmente um campo cada vez mais dinâmico, interagindo com a sociedade e com o momento em que vivemos, em que buscamos cada vez mais as representações das comunidades, dos segmentos sociais, das diferenças étnicas, quer dizer, todos buscam as suas representações, e justamente o museu é um dos melhores espaços para isso. É tradicional, sim, mas é um dos melhores espaços de representação e de palco para que as pessoas possam ver os segmentos, a questão do pertencimento a uma cultura, a uma sociedade, a um povo, a uma tendência, a um momento. Eu também acho que o museu é episódico, eu também não olho o museu como uma instituição paleolítica, arqueológica – é uma metáfora, pelo amor de Deus, os arqueólogos que não me entendam mal! O museu é dinâmico, eu acredito muito em museu-campanha, museu no shopping, museu na rodoviária, museu de um dia, museu-botão, museu sei lá, o museu virtual. Eu acho que o museu tem que trabalhar nessas mídias, nessas multimídias, e eu estou aqui justamente com o painel da diversidade... Eu me sinto muito feliz em poder coordenar esse painel. Ele toca nesse campo tão contemporâneo que é a representação dos diferentes segmentos sociais no museu e na diversidade. Eu acho que

estamos cada vez mais numa sociedade diversa, sempre foi diversa, mas estamos olhando mais a diversidade, e eu acho que o museu é um dos lugares privilegiados onde esse olhar pode se dar de uma forma mais organizada, mais interativa e mais democrática.

LUÍS MOTT

Antropólogo e professor da UFBA/Museu Erótico da Bahia

É a primeira vez que eu participo de um encontro de museologia. E o meu contato com a museologia – além de ser um grande freqüentador de museus, de ter uma casa que é um museu e de ter sido professor de diversos estudantes de museologia, hoje ocupando posições importantes no cenário museal brasileiro –, fui convidado para esse encontro para participar de uma mesa sobre diversidade museal para falar sobre o museu erótico da Bahia, que foi fundado em 1998, na sede do Grupo Gay da Bahia e que, até agora, é o único existente sobre esse tema no Brasil. Certamente o impacto da minha fala será no sentido de chamar a atenção para uma área anda praticamente virgem na museologia brasileira, já que o nosso museu particular é o único até hoje em funcionamento no Brasil, e de despertar o interesse dos operadores museológicos para que se interessem por essa área da cultura humana, já que a sexualidade humana não é um mero instinto, mas é fruto de um sistema, como diz a antropologia, de padrões culturais que variam de sociedade para sociedade ao longo do tempo. De modo que eu espero que, a partir desta minha fala, apresentarei 70 *slides* mostrando um panorama dos museus eróticos no mundo, quais são os objetivos do museu erótico da Bahia, o seu histórico, o seu acervo e a sua agenda de exposições já realizadas e no futuro. Espero, portanto, que esta nova área se abra para a museologia no sentido de colaborar... Que o Curso de Museologia da UFBA colabore mais com o Museu Erótico da Bahia e que em outros estados, em outras capitais, se abram esses museus, e que eles sejam uma das matérias ou disciplinas dos cursos de museologia do resto do Brasil.

QUAIS OS IMPACTOS PODE GERAR UM EVENTO COMO ESTE?

O impacto de um congresso de museologia e, sobretudo, da grandeza deste realizado aqui, em Ouro Preto, é, em primeiro lugar, para sociedade em geral, que fica tomando conhecimento de que museu não é apenas uma exposição estática de objetos do passado, mas tem uma perspectiva dinâmica de diálogo com a comunidade, de valorização de áreas até pouco não muito

consideradas tradicionalmente nessa coleta, como cultura popular, como, inclusive, o museu do uso da sexualidade ou do erotismo. Eu acho que o impacto é também dentro da própria comunidade de especialistas em museu, que entrarão em contato com novas áreas, novos temas, novas técnicas, novas formas de financiamento e de inserção do museu na comunidade.

ELIANE COSTA

Petrobras

É superimportante o *Fórum Nacional de Museus*, já na segunda edição. Acho que constrói pontes de relacionamentos, de discussão, de intercâmbio de possibilidade de acesso entre poder público, museus... Não só museus públicos, mas também museus da área particular, privada – mas que são de interesse público –, patrocinadores, como a Petrobras, que estava aqui hoje junto com a Caixa Econômica Federal, com o BNDES. Acho que essas oportunidades são muito ricas, constroem-se pontes, constroem-se trabalhos. O próprio *Fórum* é resultado de um trabalho que já vem de algum tempo. Acho que este é um momento muito especial para a questão dos museus. Eu percebo uma diferença grande na visibilidade que está tendo toda a ação da política pública para área de memória não só dos museus, mas das instituições culturais todas, particularmente a dos museus.

E é um tema caro para a Petrobras no sentido de que a empresa tem um foco muito importante na sua ação de patrocínio cultural, que é a ação voltada para memória. Uma das grandes linhas do programa do Petrobras Cultural se chama "Preservação e memória". A gente tem seleções públicas para registro do patrimônio imaterial brasileiro, para projetos de memória das artes, que são o apoio a acervos que ainda não se encontram ainda sob tutela de instituições, e temos uma linha específica de ações voltadas para museus, arquivos e bibliotecas. No ano passado, a gente teve R$ 4 milhões voltados para essa área; no ano retrasado, tivemos R$ 5 milhões voltados para essa área. A gente recebe projetos não voltados para o restauro da edificação, mas para ações voltadas para acessibilidade dos acervos, montagem de exposições, capacitação profissional da equipe, democratização do acesso a esses acervos, pequenas obras voltadas para acessibilidade, para deficientes, por exemplo, ações voltadas para prevenção contra roubo e contra fogo. Então, é uma área em que a

gente recebe projetos muito específicos do público que está hoje aqui no *Fórum*.

Além disso, a gente tem uma ação grande na área de restauro de edificações. Hoje tem uma série de museus públicos e privados que sofreram intervenções com o patrocínio, tendo como um dos patrocinadores a Petrobras. A gente tem aí o Museu Nacional, o Museu Nacional de Belas Artes, a implantação do Museu Afro, o Museu de Artes e Ofícios e outras instituições que não são museus também: o Palácio dos Bispos, Igreja de Pirenópolis, em Goiás, o Museu do Homem do Pantanal, em Mato Grosso, uma série de ações voltadas para restauro... Então, um conjunto de ações voltadas para memória que eu acho que são muito importantes. E aqui, este *Fórum* de reflexão dessas ações, sobre o rumo dessas ações, as prioridades... Esta possibilidade de a gente conhecer com mais detalhes a política pública para esse segmento e, ao mesmo tempo, estar aqui diante de pessoas trabalhando no sentido de avaliar esses resultados, de compor com novas propostas... Acho muito importante a realização de um evento como este.

JOSÉ TEIXEIRA COELHO

Professor da USP

É uma situação difícil [a dos museus na atualidade] e, freqüentemente, mascarada. Não se fala muito dos problemas e, sobretudo, fala-se pouco das soluções que podem ser dadas. Eu acho que, se, de uma certa forma, nós nunca vivemos momentos tão intensos em relação às instituições de museu, por outro lado, os problemas são realmente enormes e estaria na hora de rever um pouquinho todos os critérios que definem a idéia de colecionismo no Brasil. Não vai ser agora, aqui, numa entrevista, que a gente vai poder se aprofundar neste assunto, mas eu acho que a gente tem que pensar em relação ao Brasil. Deve existir uma idéia própria para um país como o Brasil, que é um país subdesenvolvido ainda. Que é uma idéia própria de como tratar com as questões dos museus, e nós estamos tratando as questões dos museus no Brasil com princípios de fora. Acho que esta é uma questão muito importante.

COMO O SR. VÊ A ATUAÇÃO DO MINC E DOS ÓRGÃOS PÚBLICOS NA ATUAL POLÍTICA PÚBLICA PARA MUSEUS?

Eu não acompanho o dia-a-dia dessa Política, mas numa cidade como São Paulo, por

exemplo, onde os principais museus ou são do estado ou são públicos, a ação de uma política federal é pouco sentida ainda. Eu tive uma experiência no MAC durante quatro anos, e a presença do Sistema Federal de Museus para o MAC foi praticamente zero. Não estou fazendo aqui nenhuma crítica, estou apenas constatando. O Museu depende da USP, que é uma instituição estadual. Da mesma maneira, em São Paulo, a Pinacoteca é uma instituição estadual e, pelo que a gente sabe, vive muito dos recursos que o próprio estado dá e que a iniciativa privada concede. De outro lado, alguns museus chamados privados, que não são privados nesse sentido específico, são do terceiro setor, que é o caso do MAM e do Masp, que também têm pouca participação direta do sistema do poder público federal, também vivem muito mais da iniciativa privada. Então, no caso de São Paulo, é uma presença, se fosse possível ser mais intensa, nós agradeceríamos muito.

LUIZ PHILLIPE TORELLY

Caixa Econômica Federal

O 2º Fórum Nacional de Museus é uma oportunidade ímpar para, em primeiro lugar, se divulgar o importante papel que os museus desempenham não só na preservação da memória nacional, mas principalmente na difusão da cultura, dos valores, da identidade do país. E os debates têm sido extremamente interessantes e têm demonstrado que o papel dos museus no país tem crescido nos últimos anos de uma forma bastante alentadora. Tem crescido o apoio tanto das empresas governamentais quanto da iniciativa privada; diversos museus de renome e de abrangência nacional têm sido revitalizados; os museus privados, isto é, de interesse público, também têm desenvolvido um papel muito importante. De maneira que eu acho que o Fórum vem dar publicidade, vem dar visibilidade a este trabalho que o Brasil todo precisa conhecer, reconhecer, para que ele possa crescer ainda mais.

ÂNGELA GUTIERREZ

Conselho Consultivo do Iphan e diretora
do Museu de Artes e Ofícios

Como uma pessoa comprometida totalmente com essa área, com a longa vivência também na área cultural, gestora de dois museus aqui em Minas Gerais e membro do Conselho

Consultivo do Iphan, posso assegurar que nós temos uma marca: antes e depois deste *Fórum Nacional de Museus*. Acho que o trabalho do Demu foi muito bem feito, foi um trabalho objetivo, um trabalho de base. Começaram, inclusive, com um trabalho simpático e importante na própria cidade de Ouro Preto, que está toda mobilizada em torno deste *Fórum Nacional de Museus*. As mesas foram muito bem decididas; os assuntos, muito bem definidos. Eu acho que este entrosamento entre nós, que somos gestores de museus, o Demu e o MinC, de modo geral, as estatais, isto tudo, este embate, esta interface foram muito positivos, e eu acho que é um acontecimento único. Estão de parabéns o Demu e todo o MinC. E, para coroar tudo isso, esta intenção tão boa, tão acertada, tão madura, tão consciente de se criar o Ibram [Instituto Brasileiro de Museus]. Acho que este *Fórum Nacional de Museus* foi acima das expectativas de nós todos.

SUELY CERÁVOLO

Professora do Departamento de Museologia da UFBA

Tem sido um prazer participar deste *Fórum*, nesta cidade tão bonita que é Ouro Preto, tão cheia de vestígios, tão cheia de marcas importantes para nossa história brasileira... Participar do *Fórum* tem sido uma surpresa. O *1º Fórum Nacional de Museus* foi lá em Salvador, e agora se tem um fórum muito maior. Faço um destaque: a mesa de diversidade que acabei de assistir. Foi uma das manifestações mais diferentes de museologia que eu vi até agora, e eu sou da área, da profissão, desde 1989. Foi uma mesa muito linda... Foi dirigida pelo Raul Lody. Trataram do tema do Museu da Maré, de sexualidade em Salvador, com o professor Mott, de Pernambuco, com as questões da afro-brasilidade e indígena... Foi interessante observar como esse processo de preservação vem de dentro. É muito forte porque são movimentos que partiram de dentro, não é uma coisa que vem da estrutura teórica para a prática, foi da prática para uma coisa que ainda não tem teoria. [...] Foram depoimentos muito fortes, muito ilustrativos, e eu penso que, para os estudantes – no nosso caso, vieram mais de 30 estudantes de Salvador, mas tem estudantes do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro –, ele mostra e demonstra possibilidades de ação em frentes antes inimagináveis, nas quais o museólogo se insere e pode se engrenar dentro de um projeto que já está correndo, que são projetos espontâneos. Pelo menos até agora foi a mesa que mais me marcou.

GEORGE YUDICE

Diretor dos Estudos Latino-americanos
e Caribenhos da Universidade de Nova York

Em primeiro lugar, estou impressionado com o número de pessoas que estão reunidas aqui em cursos e nas palestras. Fiquei muito impressionado com os eventos para profissionalização dos museólogos. Acho que é uma das coisas mais importantes esta capacitação sobre todos esses temas: segurança, gestão, documentação, planificação, tudo isto é muito bom. [...] Não tenho muito conhecimento sobre a museologia daqui, sou visitante de museus quando estou no Brasil e, em geral, tenho uma boa impressão dos museus. Mais que nada, sou o visitante de museus de história ou de arte. Para mim, o grande momento na história e na arte foram os 500 anos. Estive em São Paulo para ver aquele evento e foi incrível, uma coisa enorme, que eu nunca vi antes, uma coisa desse tamanho, dessa qualidade. Certamente, as pessoas que trabalharam nisso eram pessoas da primeira qualidade no mundo. Parte dessa exposição foi levada para Nova York e acho que circulou pelo mundo.

Qual é o tema da sua palestra sobre políticas
públicas de cultura no século XXI

É um pouco complexo, mas basicamente o tema é que coisas mudaram, que novos requerimentos existem com o impacto da globalização, novas tecnologias e como isso mudou o conceito de cultura e como essa mudança tem que ser considerada na museologia porque, até recentemente, a museologia ainda trabalhava com conceitos tradicionais de patrimônio, de arte, de identidade nacional e tudo isso. Muitas dessas coisas estão mudando com a globalização e as novas tecnologias. Então, na palestra, eu vou falar sobre como deveriam ser as políticas para confrontar esse novo cenário. É basicamente isso. Eu acho que a diversidade museal, a diversidade tem que ser considerada nos museus. Não só se trata de um museólogo tentar fazer coisas para públicos diversos; também tem que ter a colaboração da comunidade na gestão do museu, na administração, coisas desse tipo que são não tradicionais nos museus. E outras coisas: tem muita atividade fora do museu, inclusive atividade que trabalha com patrimônio intangível que já existe em comunidades. Os museus deveriam interagir mais com isso e estabelecer uma parceria com essas associações das comunidades. Eu acho que diversidade não é diversidade se só um museólogo profissionalizado fizer tudo. Essa colaboração é importante para um conceito que é importante neste novo cenário, que é a sustentabilidade dos

museus, não só econômica, mas sustentabilidade em relação às suas comunidades.

O QUE MAIS O IMPRESSIONA NOS MUSEUS BRASILEIROS?
Depende de que tipo de museu... De tipos de museu como os de história são os artefatos. Eu só visitei os museus aqui o ano passado, mas não vejo muito o aparato de explicação histórica aqui. As pessoas chegam e vêem coisas, sabem que são históricas, mas não têm uma contextualização, ou várias possíveis contextualizações. [...] Então, as pessoas dependem de um guia bem capacitado para se confrontar com objetos históricos...[...] Há várias maneiras de confrontar esse desafio de como dar informação ao visitante, eu acho que muitas boas maneiras, como usar os recursos multimídia. [...] Acho que a tecnologia ajuda muito esse tipo de experiência no museu.

MARIA CÉLIA TEIXEIRA MOURA SANTOS

Professora da UFBA

Acho que o *Fórum* tem sido um momento importante para a reflexão da própria Política Nacional de Museus. Ele possibilita que as pessoas se reúnam, discutam temas de interesse da classe, dos museus, enfim, do que está sendo feito no Brasil, no momento em que se construiu uma política pública para área da museologia. E isso é sempre salutar. Então, há um espaço em que as pessoas podem trocar experiências, apresentar seus trabalhos e, a partir desses contatos, novas redes são criadas.

Do ponto de vista de estrutura, da metodologia de trabalho, eu acho que é interessante registrar alguns aspectos como avaliação do trabalho. Eu participei do *1º Fórum Nacional de Museus*, em Salvador, e agora do *2º Fórum Nacional de Museus* e tenho observado que é preciso repensar os Grupos de Trabalho. Eu acho que os GTs não estão cumprindo o objetivo para que foram pensados. Por exemplo, eu percebo que as pessoas ficam meio soltas. O coordenador é que tem que articular tudo e elaborar um documento para entregar e a proposta de discussão a partir de tipologias de museu. Acho difícil que venha a se concretizar uma rede específica para troca, primeiro pela tradição de acomodação das pessoas. Já se tentou várias vezes criar uma rede comunicação para produção de textos, troca etc. e uma, duas ou três pessoas participam e termina morrendo. Não consigo ver

que os GTs facilitem esse processo. Então, acho que é preciso repensar os GTs, talvez criando espaço para que as pessoas apresentem suas experiências e, a partir dali, discutam essas experiências. Assim, acho que as pessoas se sentirão mais motivadas e vão procurar pontos em comum, encontrar uma forma de ter uma atuação mais integrada. [...]

Outro ponto que eu percebi já como *feedback* das pessoas que estão trabalhando ou participando principalmente neste *Fórum Nacional de Museus* é que elas estão se sentindo um pouco dispersas e o espaço para as plenárias é pouco. No momento em que acontece a plenária, já é final do dia, as pessoas já estão cansadas, não estão mais a fim de trocar e o espaço para debate termina se esvaziando. [...]

Em relação aos minicursos, acho que, pela carência de informação que as pessoas têm no nosso campo de atuação, eles são válidos, informam e abrem possibilidades de trabalho. Mas eu acho que o tempo também é muito reduzido, os professores têm que correr e, ao mesmo tempo, querem enfocar todos os temas de uma documentação, ou de uma conservação, ou de uma montagem de exposição, acabam atropelando um pouco o conteúdo, e as pessoas também saem insatisfeitas. Não sei até se seria válido reduzir o espaço dos GTs e aumentar o horário dos cursos... Isso também poderia ser repensado. Outro problema é que em cursos que são essencialmente técnicos, como conservação e documentação, é impossível tratar de toda uma documentação museológica em 20 horas, num minicurso que acontece durante dois dias. Talvez se eles tivessem continuidade, talvez se pudesse tirar dentro desse tema maior, documentação, um aspecto específico e aprofundar isso com as pessoas. Acho que eles precisam também ser repensados, porque há uma demanda, as pessoas solicitam.

Acho que vale a pena a continuidade dos *Fóruns*. É um espaço para o próprio Demu prestar contas do seu trabalho de uma forma mais presencial, com as pessoas aqui, e para que as pessoas sintam como esse trabalho está sendo articulado, como está sendo construído. A classe estava carente de um momento como este, de integração, para discutir. Se a gente pudesse contemplar mais os espaços de comunicação, porque vivemos num país de continental e é impossível a gente saber tudo o que está ocorrendo nos museus nas diversas regiões, talvez até no espaço dos GTs incluir comunicações, aumentando a possibilidade de as pessoas apresentarem suas comunicações... [...]

Isso é só no sentido de contribuir para que a gente continue. Acho que, se chegamos a poder avaliar e pensar em formatações mais ricas, é porque estamos crescendo. A realização do *Fórum* é um sucesso. Acho que, pela primeira vez, se reúnem tantos profissionais da área como agora foram reunidos aqui em Ouro Preto. Isso é muito salutar para classe, além de ser um espaço onde há uma divulgação de conhecimento, de produção de conhecimento, de troca de bibliografia e todos os pontos positivos já mencionados.

MARIA BOTELHO LIMA

Representante da Fundação Cultural de João Pessoa – Funjope/PB

Moro numa cidade que tem 421 anos de história, e a gente tem uma herança cultural estrutural muito pequena e muito rica em atividades. Não temos nenhum museu, nenhuma biblioteca, nada municipal, nenhum teatro, nada disso, e agora a gente está começando a pensar nesse tipo de equipamento. Seria uma herança para as próximas gerações... Por não termos profissionais ligados a essa área museológica muito definida – temos poucos profissionais –, este encontro é uma oportunidade de aprendizado muito grande, de troca. Sou arquiteta, trabalho com expografia, mas essas questões museológicas maiores, mais globais, para mim, estão sendo uma introdução. Toda essa diversidade museal, para mim, é uma novidade, muito boa e muito emocionante. É muito bom ver essa paixão por tudo e saber que tudo pode ser musealizado.

Que impressões que está tendo do evento?

Em primeiro lugar, a cidade, Ouro Preto, é uma maravilha, um local, um museu aberto, um local escolhido a dedo. Foi muito bom conhecer a cidade, que eu não conhecia, e achei tudo muito organizado. Os ministrantes das oficinas e dos GTs são pessoas muito supercompetentes e que já trabalham na área há muito tempo. Mais uma vez, uma oportunidade de troca. Senti um pouco de falta de mais material de pesquisa, de livros que pudessem estar aqui no local, que fosse um local de concentração dessas publicações referentes a todo processo museológico. Mas achei muito bacana, muito bem estruturado, gostei demais.

GINA MACHADO

Ex-gerente de Projetos da Área Cultural da Vitae –
Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Estou tendo um grande prazer de participar do *Fórum Nacional de Museus* e de acompanhar todos os debates e preocupações do MinC em ajudar a integrar o trabalho dos museus. Todo o trabalho focalizado na formação profissional, integrando os cursos de museologia, integrando os museus de todas as esferas, municipais, estaduais e federais, e os museus privados e universitários. As discussões têm sido muito ricas, todas as necessidades estão sendo colocadas em todas as esferas e estão buscando soluções e caminhos para encontrar alternativas de sustentabilidade dos museus, e o fortalecimento de toda a reflexão para questão da museologia. Então, os museus brasileiros estão sendo muito valorizados. É um trabalho muito importante, uma visibilidade enorme para esse segmento, um foco também para os novos museus, uma preocupação muito grande em relação ao público, em abrir as instituições culturais para o público, porque nós não podemos ter museus fechados só para seu corpo técnico ou para um número muito pequeno e seleto de visitantes.

Os museus têm um papel importantíssimo cultural e social de agregação no país e essa missão está sendo discutida, as alternativas estão sendo encontradas, novos museus estão sendo pensados e implementados em áreas de população que não tinham equipamentos culturais, e todos sabemos que, quando os equipamentos culturais são implantados ou quando as comunidades têm acesso aos equipamentos culturais, a importância disso para formação da infância e da juventude é enorme. Sabemos que onde existem equipamentos culturais as estatísticas de violência são muito baixas porque os jovens têm alternativas de agregação, têm alternativas, por meio da cultura, de se refletir, de compreender melhor o mundo e se posicionar com relação ao futuro próprio, dos seus familiares, da sua comunidade, da sociedade como um todo. Eu vejo todo este movimento como uma atividade, uma programação muito auspiciosa. Vim aqui por conta própria, não tenho nesse momento qualquer vínculo institucional e estou tendo o maior prazer de estar aqui e de compartilhar esta experiência.

ERICK KRULIKOWSKI

Museu da Pessoa

A área da museologia tem crescido muito nos últimos anos porque o principal mérito desta gestão Demu é incentivar uma política de musealização consistente e coerente, englobando vários segmentos da sociedade. Incluir os museus virtuais, os museus comunitários dentro desta perspectiva é uma ação fundamental para que a gente consiga compreender qual a função social do museu na sociedade atual e para a sociedade brasileira, que é multiétnica e que necessita desses espaços para que consiga afirmar sua identidade. Este *Fórum Nacional de Museus* representa muito das instituições que estão aqui. A gente percebe que são instituições diversas, que estão em diversos níveis, o quanto primeiramente o Brasil necessita desses espaços e o quanto precisa desse espaço de articulação de informação para que o desnivelamento entre as instituições seja cada vez menor, que cada vez mais elas possam atuar em conjunto, em sinergia, sempre em prol da área da museologia, da área da identidade, área da consolidação da afirmação da identidade brasileira. Então, é um fórum que é diverso, é um fórum rico e é um fórum que tem que crescer, tende a crescer e só pode resultar em muito crescimento para o segmento cultural do Brasil.

ROSANA NASCIMENTO

Professora do Departamento de Museologia da UFBA

Com relação a esse *Fórum Nacional de Museus*, participo como ministrante do Minicurso de Documentação pela segunda vez e o que, neste segundo encontro, eu percebi foi que houve uma demanda maior, há participação de mais pessoas e também um trabalho que o MinC e o Demu vêm fazendo nestes quatro anos e que deu este resultado das pessoas de comparecerem, de estarem participando e de terem o interesse na sua capacitação... Acredito que isso irá contribuir para a questão dos cursos de graduação em museologia, porque a preocupação da capacitação do MinC leva as pessoas a terem noções do que não fazer de errado, em virtude até da própria carga horária, mas também leva a uma reflexão da necessidade hoje de se criar cursos de formação para que as pessoas atuem sabendo que a museologia não é apenas montar exposições e desenvolvê-las sem ações com segurança, com conteúdo, produzindo conhecimento. A gente deve isso a esse trabalho que foi feito, que o José Nascimento já vinha fazendo quando diretor do SEM/RS e que levou para âmbito nacional.

Espero que continue porque é importante para museologia, para os museus brasileiros e para afirmação dessa categoria profissional com a criação de novos cursos, que é a minha expectativa. Que isso realmente leve a gente a ter uma formação de qualidade.

MÔNICA XEXÉO

Diretora do Museu Nacional de Belas Artes

Está sendo um prazer fazer parte deste movimento do 2º *Fórum Nacional de Museus*, organizado pelo Demu/Iphan. Trabalho há 26 anos na área da cultura, especialmente no MNBA, e é a primeira vez que eu vejo um fórum, um encontro das dimensões que foram propostas com a variedade de riqueza de temas sendo abordados. Não é só um encontro de profissionais de museus, do museólogo, do historiador, com estudantes da museologia. A riqueza e a pluralidade das ações e dos assuntos abordados enriquece muito todos nós, profissionais de museus. A organização foi muito bem feita, muito bem organizada. Está de parabéns o Demu/Iphan pela iniciativa e pela organização do evento. Além disso, a qualidade dos cursos, minicursos, encontros, seminários, palestras, que foram vários dos formatos das apresentações e discussões, refletindo todo o universo dos museus, o que é muito rico, nós vemos que é extremamente plural, diversificada, e esta é uma grande riqueza do nosso país. [...] isso ajuda muito a pensarmos os museus. O que é um museu no século XXI? O que pretendemos atingir? Que classes? Quais os nossos objetivos? Quais os profissionais? Nunca vi em todos estes anos essa discussão tão rica, trazendo a iniciativa privada, as estatais, os gestores, a Secom. Os estudantes tendo uma oportunidade de apresentar seu pensamento, suas dúvidas e inquietações... Jornalistas, que são fundamentais como formadores de opiniões, nunca participaram de um encontro como este... Então, todo o MinC e o Demu estão de parabéns por esta diversidade de assuntos e ações que nos fazem pensar muito melhor, cuidar das nossas instituições para termos um país mais rico, mais justo.

MARCOS GRANATO

Museu de Astronomia e Ciências Afins

A participação no 2º *Fórum Nacional de Museus* é uma experiência extremamente interessante, que me permitiu vivenciar momentos muito importantes, em que eu aprendi bastante e pude

contribuir para uma série de reflexões e discussões sobre a área de museus de ciência.

A coordenação do GT foi muito produtiva, os resultados foram muito interessantes, as sugestões, eu espero que possam contribuir para o aprofundamento da questão e um aprimoramento da Política Nacional de Museus. Isso tudo resume, é um reflexo, na verdade, dessa atividade que o Demu teve desde a sua criação em uma gestão democrática, participativa e de um novo movimento na área de museus brasileiros. A realização do *Fórum Nacional de Museus* é um momento de encontro entre os profissionais de museus no Brasil. Talvez seja o maior fórum de discussão e o maior fórum de encontro desses profissionais e a melhor oportunidade de encontrar e discutir aspectos que tenham relação com as nossas instituições, o que não acontecia anteriormente. Então, é uma iniciativa muito louvável, que nós esperamos que perdure, que tenhamos o *3º Fórum Nacional de Museus* em 2008 e que ele seja aprimorado. As reuniões do GT permitiram uma série de sugestões que esperamos que sejam levadas em consideração e que eu acho que vão contribuir muito para uma melhor realização do *Fórum*, mas este *Fórum* em si já é uma grande realização; ele permite uma série de interações, de transversalidades, que são muito estimulantes e muito produtivas.

NELSON LACERDA

Procurador do Iphan

É importante ressaltar como primeiro item que está muito bem organizado o seminário. Enfim, a secretaria funciona, as coisas todas estão ao tempo e à hora, está tudo andando dentro dos horários, a organização é muito boa, e isto é fundamental para que os trabalhos possam acontecer de uma forma boa. [...]

Fico contente de que uma área da cultura esteja tendo uma direção e um investimento. Acho que a direção e que o vetor que o grupo do Demu conseguiu dar para resgatar os museus têm sido muito importantes. E é claro que uma coisa atrai outra, ou seja, com um trabalho competente você atrai recursos e com recursos, você tem possibilidades de desdobrar um trabalho que é competente, e assim por diante. Acho que é fundamental ver que, ao menos uma área, dentro das diversas áreas que o MinC tem que dar conta,

tem competência e tem que dar uma resposta à sociedade, esteja sendo competentemente dirigida, as coisas estejam acontecendo etc. Eu gostaria de ver os frutos que a gente está vendo na questão dos museus em outras áreas...

JULIANA MONTEIRO

Estudante de museologia da UFBA

Em relação ao *II Enemu* [*Encontro Nacional de Estudantes de Museologia*], acho que está muito bom, principalmente se a gente comparar com algumas coisas que eu percebi que evoluíram bastante com relação ao *I Enemu*. As coisas estão mais organizadas. Gostei muito do nível das apresentações [...]. Achei superinteressante a troca de idéias, pude conhecer as pessoas do Rio que estão fazendo pesquisas, os colegas do Sul... Acho que isso é bastante interessante para a gente ver o que está acontecendo, saber que as pessoas estão estudando, até mesmo conhecer o perfil de cada curso.

Gostei muito deste Fórum. [...] Gostei muito da palestra do George Yudice. Percebi que uma coisa que surgiu em todos os eventos de que participei, tanto no minicurso como no próprio *Enemu* e nas palestras aqui do auditório principal, foi essa questão da sustentabilidade dos museus, da gestão de museus. Eu acho que nos próximos fóruns ela deveria ser mais enfocada, mais trabalhada, trazendo profissionais até mesmo da área de administração para falar da visão deles. Acho interessante também o enfoque que está sendo dado às leis de incentivo à cultura, de que os museus estão participando cada vez mais [...]. Enfim, para mim, o saldo deste *Fórum* foi superpositivo.

CLÁUDIA ROSE

Museu da Maré

É a primeira vez que participo do *Fórum*, não participei do *Fórum* em Salvador e estou achando uma experiência muito rica. Muitíssimo diversificadas as experiências aqui, os tipos de museus, as trocas que eu consegui fazer. Então, eu acho que enriqueceram tudo isso, enriqueceu muito a minha pouca experiência, que eu tenho pouquíssima experiência na área de museus.

Estamos começando com o Museu da Maré, um projeto que a gente vem pensando desde o ano 2000. [...] Agora, em maio de 2006, a gente inaugurou o Museu, com muita dificuldade porque ele é um projeto dentro de uma ONG, e a gente mandou o projeto para o Programa Cultura Viva, do MinC, e essa questão de repasse de verba é sempre muito complicada... Estamos com uma parcela que deveríamos ter recebido em março e até agora a gente não recebeu. Então, realmente é muito confuso.

Por outro lado, o Demu tem dado todo o apoio, principalmente a equipe do Rio, que acompanha mais de perto o trabalho. Então, o apoio técnico, a consultoria do Mário Chagas, para a gente está sendo uma experiência muito rica. Sem contar que a gente não esperava – a gente desejava, mas não sabia, na verdade, o impacto que isso ia causar na comunidade – o quanto as pessoas estão respondendo positivamente, além do que a gente imaginava, a essa experiência de museu. Então, trazer isso para cá e trocar com outros museus que já têm muito mais experiência e muito mais anos de estrada e ver que a gente tem muitas dificuldades parecidas, em comum, que a gente tem muitos ganhos e vitórias já, apesar do pouco tempo do Museu da Maré, que a gente pode partilhar esse universo com museus grandes, museus pequenos e museus que já têm uma história longa neste campo.

Em relação específica aos debates, eu acho que o *Fórum* está sendo muito bom, e esta plenária de apresentação dos vários Grupos de Trabalho, para mim, está sendo enriquecedora porque estou vendo a especificidade, a diversidade e a multiplicidade do mundo dos museus e como os museus de fato têm a ver com a realidade total do país, da sociedade e como têm um papel importante para mudar isso. Eu acho que o *Fórum* de 2008 é um desafio para o Demu porque, do jeito que está este aqui, para o próximo, o pessoal vai estar com uma expectativa muito maior.

NÓRIS LEAL

Museu Militar do Comando Militar do Sul

O *Fórum* vem ao encontro dos anseios das pessoas que trabalham nesta área, que procuravam sempre se reunir e tinham muita dificuldade em relação a isto nacionalmente. Todas estas pessoas aqui, neste momento, discutindo mostram que isto é frutífero, e, já

da experiência do *1º Fórum*, a gente vê que coisas são aplicadas a partir destas discussões. Muita coisa a gente conseguiu avançar de 2004 para agora e, desta vez, parece que as pessoas estão bem mais maduras neste tipo de discussão, neste tipo de encontro do que anteriormente. Então, na verdade, esta discussão num encontro era tudo o que a gente precisava; não só a questão de ter os palestrantes, o que é maravilhoso, mas que as pessoas que trabalham na área pudessem refletir sobre o que fazem.

MAGALY CABRAL

museóloga, pedagoga e ministrante do minicurso "Ação educativa em museus"

Acho que o curso foi muito bem. Quer dizer, eu sou suspeita porque, afinal de contas, fui a ministrante. Mas, pela reação dos alunos a gente avalia, e eu só tenho ouvido da parte dos alunos que valeu, percebem que o tempo era pequeno e eles eram muitos. Não pude dar tanto espaço na sala como eu gosto de dar aos participantes das minhas oficinas e cursos, mas eles, ainda assim, tiveram essa participação e a avaliação tem sido muito boa. [...] De qualquer modo, mesmo sendo um grande número de participantes e com poucas horas no total, sete horas e meia, eu percebo que é um movimento que tem que ser feito, desperta nas pessoas alguns pontos por onde elas vão andar, percorrer, fazer novas leituras. Então, considero extremamente válido este minicurso.

Com relação ao *Fórum* como um todo, acho que, mais uma vez, o Demu cumpriu uma das suas linhas de trabalho com eficiência, com um grande número de participantes... Foi excelente a gente encontrar colegas do Pará, de Roraima, do Maranhão, enfim, do Sul do Brasil, do Centro-oeste, uma riqueza de participação de colegas do país inteiro. Estudantes querendo discutir, conversar... Dar esse espaço para os estudantes terem voz junto aos profissionais já formados. Eu acho que o Demu [...] cumpriu, mais uma vez, a sua proposta, a sua etapa. Estamos todos aguardando o *3º Fórum Nacional de Museus*, que, com certeza, vai congregar ainda muito mais gente ainda porque o boca-a-boca vai funcionando, todo mundo vai dizendo como foi importante.

Textos das observadoras



Saudações a todos

Marília Xavier Cury
Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Fui convidada a atuar como observadora no 2° *Fórum Nacional de Museus*, ocorrido em Ouro Preto, entre 22 e 26 de agosto de 2006.

Confesso que, de início, não entendi bem o que caberia a mim nessa função e, ainda, quais seriam as expectativas dos organizadores com relação à minha contribuição observando o evento. O certo era que a observação deveria resultar em um texto sobre o *Fórum* – à semelhança da edição anterior –, como um registro particularizado de um profissional.

Em Ouro Preto, procurei mais informações, indo além das idéias trocadas por telefone e *e-mail* com o colega Mário Chagas, do Demu. Como referência, li os textos produzidos por colegas que ocuparam essa mesma posição durante o *1° Fórum*, em Salvador, dois anos antes. Então, procurei escutar novamente Mário Chagas, esperando dele alguma direção (ou melhor, uma inspiração). Falei com os outros dois observadores do *2° Fórum*, Regina Abreu e Manuel Ferreira Lima Filho. Ambos, como antropólogos, iriam fazer a etnografia do evento.

Bem, entendi que não havia idéias conclusivas e fechadas quanto ao papel do observador e nisto estava a sua qualidade: dar espaço para olhares particularizados, talvez como contraponto às proposições da organização, ampliando as possibilidades de interpretações subjetivas.

Com o programa do *Fórum* em mãos, passei a imaginar como a narrativa proposta pela organização poderia ser recortada. O recorte era inevitável, pois a programação apresentava possibilidades simultâneas, seja nas salas onde ocorreriam as sessões, seja no pátio onde uma mostra de materiais e publicações estava em exibição permanente. A questão seria "o que" e "por que" escolher.

Decidi, então, lançar-me sobre a programação do *Fórum* para observá-lo a partir de uma narrativa subjetiva, a minha mesma. A observação seria orientada para a seleção de pontos da programação e a seqüência construiria a minha apreciação como subjetividade. Diga-se: optei por aquelas sessões que me tocavam de forma especial, os meus temas de predileção profissional, ou que

se apresentassem como novas situações de aprendizagem.

Mas, apesar da opção pelo subjetivo, assumi a tarefa de observadora, posição que me agrada muito, pois me aproxima das pessoas, dos realizadores – entendendo as suas intenções e/ou do público, verificando as formas de apropriação das ações propostas pelos realizadores. Para que essa aproximação seja possível – de modo a apreender pontos de vistas distintos como expressão da diversidade presente na recepção –, é preciso acionar a objetividade, de modo que o ato de observar possa permitir um distanciamento analítico sobre o "objeto" observado, ou seja, a interação entre os indivíduos atuando como sujeitos. Por opção, resolvi não coletar depoimentos de participantes e/ou convidados, e sim interagir com as pessoas como outra participante ativa. Optei, também, por não checar o cumprimento de objetivos, até porque a proposta do *Fórum*, nesse sentido, foi bastante coerente e honesta ao substituir objetivos por "resultados esperados", que eram a "Continuidade das ações da Política Nacional de Museus" e o "Embasamento para os trabalhos do Sistema Brasileiro de Museus". Mais ainda, optei por não buscar na observação que faria os problemas de concepção ou organização, pois a concepção (entenda-se o programa) é uma retórica de um grupo que o observador – a posição que avoquei para mim, aceitando esse desafio – deveria respeitar. Por outro lado, essa atitude evitaria para a observação o caráter de busca de problemas de organização, entendendo o evento como um processo em construção. Ademais, considerei que a posição de observador me conferia (algumas) vantagens sobre os organizadores do *Fórum*, que, negligenciadas, poderiam reverter em atitude abusiva da minha parte.

Isto posto, passei a observar o 2° *Fórum*, procurando por aquilo que me surpreendesse ou me ensinasse, considerando que participo de eventos dessa natureza há anos (20 ao menos).

O *Fórum* me surpreendeu. E me ensinou.

A escolha de Ouro Preto para sediá-lo foi excelente, pois a disposição dos hotéis e restaurantes favoreceu o encontro e a interação entre os participantes, além do convívio no ambiente histórico e artístico da cidade. As pessoas se encontravam nas ruas, restaurantes e museus. Isso foi muito positivo.

A dimensão do evento foi grande, pelo espaço, pelo número de participantes e pela programação.

O Centro de Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto, enorme, foi apropriado, com seus dois pisos, diversas salas e

auditórios, além das amplas entrada e áreas de circulação e interação. A dimensão foi suficiente para abrigar os, creio, mil inscritos e permitir a realização da programação diversificada. Aliás, as pessoas circularam muito (positivamente falando) pela cidade e pelo espaço do Centro de Convenções. E se encontraram muito mais, conhecendo novos colegas, trocando informações e contatos, revendo amigos queridos, desfazendo mal entendidos, esquecendo mágoas, respeitando as diferenças, convivendo, tocando-se, abraçando-se etc. Oportunidades não faltaram. Afinal, se estamos construindo uma rede, caminhar para se movimentar é um pressuposto, não?

Distribuído ao longo de quatro dias (de terça a sexta), o programa compreendeu Grupos de Trabalho, minicursos, mesas-redondas, painéis, comunicações, palestra, além do 2° *Encontro Nacional de Estudantes de Museologia*, do *Encontro dos Professores Universitários do Campo da Museologia* e da *1ª Reunião Ordinária da Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários*. No quinto dia, aconteceu a Plenária Final.

A organização – recepção, credenciamento e atendimento dos participantes – foi excelente. Havia uma equipe presente com muitos dos colaboradores do Demu e pessoal contratado, todos atentos, disponíveis e solícitos para atender os participantes e convidados. O mérito da equipe revelava-se em todos os momentos, durante todos os dias de trabalho, de forma uniforme e equilibrada, algo possível graças ao preparo e comprometimento dos profissionais ali presentes. Nada estava descoberto, inclusive, e principalmente, a disposição e a simpatia. Algo que chamou a atenção foi a eqüidade entre as pessoas da equipe, ou seja, todos trabalhavam intensamente, sem que, necessariamente, uma hierarquia se manifestasse. A liderança estava presente de forma descentralizada, e o trabalho acontecia cooperativamente. Qualidade em equipe era a bandeira. Qualidade do evento com qualidade de processo. Qualidade com qualidade.

Quanto às minhas escolhas para a observação das sessões da programação, foram feitas passo a passo, diariamente. Não foi fácil escolher para onde iria, considerando a riqueza de possibilidades de temas e de profissionais que se apresentariam. Como mencionado, deixei-me levar pelos temas de interesse ou por novas possibilidades.

Quanto às escolhas por interesse, participei (parcialmente) de dois Grupos de Trabalho: Museus Universitários e de Ciências e Museus Etnográficos e Arqueológicos. Nos dois, as coordenações foram competentes (Marcus Granato e Maria das Graças Ribeiro

e José Carlos Levinho e José Alexandre Diniz, respectivamente). É sempre uma enorme satisfação ver colegas do campo dos museus exporem os seus méritos na matéria, o que significa que a área está avançando. Ademais das competências desveladas, o que não foi surpresa, e sim um prazer, os dois grupos tiveram dificuldades em tratar as questões específicas, considerando que os museus universitários não necessariamente são científicos (há os artísticos) e que a problemática etnográfica é deveras diferente da arqueológica. Apesar das dificuldades de partida sentidas pelos coordenadores e membros do grupo, as discussões foram calorosas e profícuas e com grande e assídua participação. Os Grupos de Trabalho, apesar das dificuldades e do pouco tempo, permitiram que os participantes do *Fórum* se colocassem, trocassem, argumentassem, discordassem, acordassem, denunciassem, anunciassem etc. Ou melhor, os Grupos constituíram-se em espaços democráticos para a reunião de pessoas e a discussão de temas, com enfoques e estratégias escolhidos por seus membros.

Dos minicursos oferecidos, assisti (parcialmente) às aulas de "Elaboração de projetos e fomento para a área museológica", com os professores Átila Tolentino e Vinícius Barcelos, e "Plano museológico: implantação, gestão e organização dos museus", com os professores Rose Miranda e Márcio Rangel. Não quero ser repetitiva, não será possível evitar, mas os quatro professores demonstraram competência e domínio das temáticas dos cursos dos quais eram responsáveis. E ainda domínio da situação em aula e empatia com os alunos (e pensar que eles também estavam trabalhando na organização do *Fórum*...). Sem dúvida, outro momento de grande satisfação profissional. Talvez nessas duas situações a satisfação fosse diferente (com relação aos colegas dos Grupos de Trabalho), pois não havia visto antes os mesmos profissionais desempenhando o papel de professor. Por outro lado, como "oficineira" que sou, como eles, senti-me parceira e cúmplice, ao mesmo tempo em que os vi como exemplos de bons professores. Foi muito bonito vê-los atuando em duetos: Átila e Vinícius e Rose e Márcio. Que sintonia! Sei o quanto é difícil dividir um curso com outro professor. Mais difícil é dividir uma aula, e eles sabem fazer isso, com coerência e respeito entre si e com os alunos. Eles compartilharam a responsabilidade de capacitação profissional com criatividade, serenidade e seriedade.

Com referência aos painéis, as surpresas foram nas sessões do "Observatório de Museus" e da "Diversidade museal". A equipe do Observatório apresentou e debateu os resultados da primeira etapa da pesquisa

desenvolvida na cidade do Rio de Janeiro e as perspectivas de aplicação no estado de Minas Gerais. Ao final, recebemos o primeiro relatório publicado do Observatório com os dados do Rio de Janeiro. Esse painel foi um marco, pois o Observatório de Museus é um dos principais projetos de alcance nacional que temos – parceria entre o Demu, a Fiocruz e o Mast – e o único que se propõe a deflagrar uma realidade de visitação dos museus no Brasil. Projeto audacioso coordenado pela competente Luciana Sepúlveda.

O painel de "Diversidade museal" foi um dos pontos altos do *Fórum*, na minha opinião. A diversidade existe a partir de diversas perspectivas, sabemos. A importância do painel esteve na constatação de que museus são lugares de memória e identidade e que a diversidade se revela nas múltiplas e fragmentárias memórias e identidades construídas por grupos e segmentações sociais, muito além do que sugere o velho e ultrapassado modelo do museu nacional como homogeneizador. Também o painel mostrou a importância do respeito pela diferença, que a diferença deve ser tratada como um valor cultural e jamais como forma de discriminação. Ainda, o painel evidencia que os objetivos educacionais dos museus devem intervir no sentido do exercício da tolerância, sem o qual não é possível o respeito às memórias e identidades alheias, assim como não é possível a conscientização do que seja patrimônio, uma vez que este é um conceito universal, de domínio de todos, entendendo que todos temos direito ao nosso próprio patrimônio e compromisso de defesa do patrimônio de outros.

E por falar em diversidade e respeito à diferença, um aspecto que me surpreendeu satisfatoriamente foi a presença de inúmeras entidades ligadas a museus e museologia, como a Associação Brasileira de Museologia – ABM, a Associação Brasileira de Antropologia – ABA, o Conselho Federal de Museologia – Cofem, a Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, a Superintendência de Museus de Minas Gerais – SUM/MG, a Unirio, o Icom e muitas outras, representadas pelos convidados e participantes inscritos. Essa reunião de entidades deu uma cara especial ao *Fórum*, uma cara interinstitucional que agregou a ele legitimidade e valor. Óbvio que isso é decorrente de uma estratégia de ação dos organizadores, uma vez que muitos daqueles mencionados estão citados nos créditos como apoiadores ou realizadores e outros constam do programa das sessões. O importante, a meu ver, é perceber a intenção dessa estratégia de (re)união. O Demu apostou certo quando reuniu essas instituições. Acertou igualmente quando, como parte do plano maior, (re)uniu muitos profissionais, criando um grupo que dificilmente se

encontraria em uma mesma situação, a exemplo de outros grandes congressos dos quais já participamos e onde essa totalidade não se formou. Mas a qualidade maior ou o que agregou especial valor e legitimidade ao *Fórum* foi a inserção das pessoas em torno de idéias, ideais e memórias. Desde o dia anterior ao início do *Fórum* (segunda-feira, dia 21 de agosto), quando fomos recepcionados pelo Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte, já se notava uma das qualidades do 2° *Fórum*: a capacidade de reunião de distintas gerações de profissionais, a grande representatividade nacional e a grande reunião de profissionais das várias áreas que compõem um museu. Essa característica foi se acentuando no decorrer da semana de trabalho, quando mais e mais profissionais iam chegando para se unir ao evento. Foi surpreendente poder conviver com todos e, acredito, uma oportunidade para os jovens que estão se iniciando no campo dos museus e para os "antigos" que desejam renovação. Poderia citar alguns dos muitos nomes presentes, mas não farei isso porque o exemplo esvaziaria a intenção de sublimar esse fato como algo de muita relevância. Acho mesmo que estamos amadurecendo, superando obstáculos de linguagem, estruturando terminologias, diversificando posições, socializando conhecimentos e experiências, exercitando ideologias, preservando e comunicando, contribuindo com a interdisciplinaridade, avançando, enfim, sem abrir mão das trajetórias construídas e daquelas em construção, agora com a contribuição renovada e audaciosa dos jovens – estudantes, museólogos e outros trabalhadores de museus.

Para finalizar, arriscaria uma síntese do que foi o 2° *Fórum Nacional de Museus*. Talvez algumas palavras ajudassem na síntese, como (re) união, rede, troca, circulação, movimentação, encontro, discussão, diversidade e diferença, identidade e alteridade, memória e trajetória, competência, compromisso, comunicação.

O 2° *Fórum Nacional de Museus* deixou muitas marcas positivas, das quais me lembrarei sempre, pois pode ser considerado um marco para a museologia em que acreditamos e para a qual investimos muito esforço e dedicação: unida pela diversidade, respeitosa na diferença, solidária nas dificuldades e desafios, profissionalizada e ética.

Saudações a todos.

De dentro do Fórum: etnografia de um encontro no campo dos museus por uma observadora "quase" nativa

Regina Abreu
Antropóloga, professora adjunta de antropologia da Escola de Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio

21 de agosto de 2006. Partimos à meia-noite, saindo do estacionamento à Avenida Pasteur 458, bem ao lado do Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, Unirio. Estudantes, funcionários, professores. Dois ônibus lotados e uma van. Muita alegria e entusiasmo. Muitos sonhos, projetos, conversas. Ônibus e vans não são meros transportes neste momento, são muito mais: são espaços de sociabilidade. Amizades que se fazem ou se consolidam. Idéias que nascem. Trocas, promessas de novas parcerias, paqueras, olhares que se cruzam; é difícil que alguém durma. A sensação que eu tenho é que o *Fórum* já começou. Habitando o espaço provisório dos transportes que nos conduzem rumo a Ouro Preto, desfrutamos já, plenos de expectativas e esperanças, desta nova experiência. Queremos muito, passageiros que somos desses instrumentos de ações e imaginações que são os museus. Aqui, agora, os espaços móveis dos coletivos que nos transportam são também espaços museais, a mesma tônica de trocas, congraçamentos, possibilidades, sociabilidades que nos inspiram e nos convocam a entrar e sair dos museus. Aqui, neste trânsito, exercitamos nossas inserções diversificadas: estudantes, professores, trabalhadores de espaços-tempos das memórias sociais. Acreditando que é no encontro do múltiplo, do diverso, do plural que construímos um caminho. Uma estrada. Uma via. Uma alternativa. Para mim, portanto, o *2° Fórum Nacional de Museus* começa assim. Na estrada. Na via. Na alternativa. E eu, uma antropóloga já há muito convertida aos encantamentos dos museus, sigo com meus alunos e colegas da Escola de Museologia da Unirio para Ouro Preto. Cidade-memória, cidade-museu. Onde se deixaram preservar, pela ação visionária dos modernistas, os mais felizes sonhos de um Brasil colonial. Cidade-musa, para quem o poeta Manoel Bandeira dedicou algumas de suas mais belas páginas, clamando pela valorização daquela que foi "lavrada como renda pela mão descomunal do Aleijadinho". Cidade de cujo incomparável encanto em breve iremos desfrutar. Cidade-legado, graças à ação

pioneira do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Aqui um parêntesis: souberam os modernistas, gente como Mario de Andrade, Manoel Bandeira, Rodrigo Melo Franco de Andrade, tirar partido do fenômeno que ali ocorreu. Criada em 1711, com o nome de Vila Rica de Albuquerque, a cidade congregou características que impulsionaram artistas e artesãos a construir verdadeiras jóias do barroco brasileiro durante o período da mineração. Tudo isso estaria perdido não fossem as condições ingratas da situação topográfica, que, no entender de Manoel Bandeira, salvaram-na do "progresso desnudador". Passada a época ardente da mineração, Ouro Preto conservou-se tal e qual em virtude da pobreza que ali se instalou e que fez com que, por volta de 1809, trocassem-lhe o nome para Vila Pobre, por puro escárnio. E, assim, Ouro Preto chegou a meados do século XX quase intacta, conservando as relíquias e as ruínas de um glorioso passado colonial. Mas foi uma intervenção contundente e enérgica da primeira geração de intelectuais do Patrimônio que forjou as condições para que a pequena cidade fosse preservada. Como não lembrar agora, neste trajeto noturno de quase seis horas de percurso entre o Rio de Janeiro e Ouro Preto, daqueles que nos antecederam, guardiões da memória, nossos colegas e parceiros, separados apenas pelo tempo – uma geração ou duas –, mas interlocutores e companheiros de uma mesma jornada de patrimônio e memória? Como não fazer ecoar para os mais jovens que viajam a meu lado as lembranças sobre a vontade de memória dos modernistas – poetas, escritores, músicos, pintores –, que fizeram da pequena cidade mineira um lugar de encontro, que ocuparam com alegria a cidade em noites boêmias, batizando com um novo olhar esquinas, ruas, becos e vielas de seixos escuros e redondos? Puxo o assunto com a moça que está a meu lado. Ela se forma no próximo ano. É a primeira vez que vai a Ouro Preto. Não conhece a história de lutas e a vontade de memória que tornou possível a preservação da cidade. Encanta-se. O rapaz do banco da frente entra na conversa. Querem conhecer a cidade, os museus da cidade, a musa-cidade que sediará o *2° Fórum Nacional de Museus*!

Chegamos muito cedo. Faz frio. Muito frio. A forte neblina, no entanto, não nos impede de divisar algumas das mais belas expressões do barroco mineiro. Ali estão as igrejas de São Francisco, a Matriz do Pilar, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Ali estão vestígios de um outro tempo, quase intacto, despertando nossa imaginação: a Ponte, a Casa e o Chafariz dos Contos, os sobradinhos de sacada corrida, oratórios votivos evocando a religiosidade de outros tempos, o Largo e a Igreja do Rosário, velhas casas com fachadas de estuque ou de madeira a exibir seus beirais, sobrados onde

talvez outrora tenham residido inconfidentes – sonhadores de um Brasil independente da coroa portuguesa. Chegamos, enfim, à Praça Tiradentes – praça principal da cidade, com os dois palácios que se defrontam: Museu da Inconfidência, antigo Paço Municipal, e a Escola de Minas, antigo Palácio dos Governadores. No centro, a estátua de Tiradentes.

O *Fórum*, realizado bianualmente, mantém a mesma estrutura do ano anterior: Grupos de Trabalhos, minicursos, palestras, encontros de estudantes. Como observadora, não poderei freqüentar todas as atividades. Terei que escolher. Por isso, também desde o início opto pela metodologia etnográfica. O *Fórum* é, sobretudo, uma vivência, uma experiência para aqueles que dele participam. Experiência que tem início com a divisão dos participantes nos hotéis da cidade. Fico, juntamente com outros professores, num hotel um pouco distante do burburinho da cidade. Ao sair para o café, sento-me ao lado de Dona Ecyla Castanheira Brandão. Ela me conta que será homenageada no *Fórum*, que participou do *1º Congresso Nacional de Museus*, que ocorreu também em Ouro Preto, em julho de 1956. Nossa! No ano em que nasci! Importante esta iniciativa de trabalhar com a memória dos próprios eventos. O *Fórum*, portanto, ganha para mim essa outra dimensão. Ele é herdeiro de uma longa tradição; estou ali desfrutando da companhia de uma senhora com uma carreira de 50 anos dedicada ao trabalho com a memória e os museus. Antes mesmo de participar da solenidade que homenageará Dona Ecyla, já me regozijo com ela de sua persistência e dedicação ao projeto de construção de uma rede de museus no país. Dona Ecyla me conta que, na ocasião, havia um grupo de jovens estudantes da Escola de Minas de Ouro Preto que morava nas repúblicas e integrava um movimento para o "progresso" da cidade. Os estudantes queriam que os participantes do *Congresso Nacional de Museus* fizessem uma moção de apoio e assinassem um manifesto que permitisse a construção de prédios em Ouro Preto. Ora, vejam só! Dona Ecyla e outros colegas se indignaram profundamente, e o tiro saiu pela culatra! Não só não conseguiram o apoio para a proposta descabida como propiciaram que o Congresso se manifestasse, lançando uma moção de repúdio ao movimento pretendido pelos tais "estudantes progressistas". A moção teve ampla repercussão no Icom e sufocou de uma vez por todas quaisquer pretensões de "modernizar" Ouro Preto! Saio com Dona Ecyla pela cidade. Faltam ainda alguns minutos para o início das atividades. É o tempo necessário para percorremos algumas igrejas que estão abrindo suas portas e onde Dona Ecyla se delicia com suas recordações. Agradeço aos organizadores do *Fórum* por me propiciarem esse momento. Trabalhei com Dona Ecyla no Museu Histórico Nacional,

onde ela foi diretora e eu atuei durante quase dez anos no Departamento de Pesquisa, mas nunca havia antes compartilhado com ela suas lembranças e pequenas histórias como militante no campo dos museus. São histórias saborosas. Histórias que aproximam tempos e solidificam laços. Histórias que, como diria Walter Benjamim, constroem elos entre o passado e o presente na direção do futuro. Assim como no espaço-tempo dos ônibus que nos conduziam ao *Fórum*, no espaço-tempo das ruas de Ouro Preto que nos conduziam – a mim e a Dona Ecyla – ao local sede do *Fórum* propriamente dito, podíamos viver um "outro *Fórum*", um *Fórum* de lembranças e de laços de sociabilidade. Como nós, certamente todos os outros participantes viviam novas experiências, retirados do dia-a-dia de suas vidas e experimentando novos contatos, novas trocas, novas amizades. Parafraseando Roberto DaMatta, o *Fórum* podia ser lido como um espaço de inversão do mundo cotidiano. Distantes de nossos locais de trabalho, de nossas famílias, de nosso cotidiano, podemos experimentar novas trocas, conviver com pessoas com as quais em outras circunstâncias jamais teríamos a oportunidade de compartilhar nossas lembranças, nossos pontos de vista, nossas reflexões.

E com o espírito aberto para as novidades dos encontros e das construções do pensamento, adentramos o Centro de Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto, sede do *2° Fórum Nacional de Museus*. Decido escolher um GT para acompanhar os debates e um minicurso que me permita um acompanhamento com alguma sistemática. Como minicurso, escolho aquele coordenado por Magaly Cabral, "Ação educativa em museus". Como GT, escolho o relativo a Museus Comunitários e Ecomuseus, coordenado por Antonio Carlos Pinto Vieira (Museu da Maré) e Odalice Miranda Priosti (ABREMC). Nas demais atividades, palestras, mesas-redondas e também nos outros GTs e minicursos, circulo de forma mais descompromissada ou mais à vontade, como imagino que seja a maneira possível, dado o grande número de atividades. Decido também observar de forma privilegiada o *II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia – Enemu,* que, no *Fórum*, adquire especial relevância como espaço de expressão dos estudantes. Escolho também participar não apenas como observadora, mas como participante efetiva, do *Encontro dos Professores Universitários do Campo da Museologia*, uma vez que sou professora desse campo de estudos. Dos painéis me chamaram especialmente a atenção, o Painel 1, sobre "Financiamento e fomento" (coordenado por Marco Acco [MinC], com a participação de Eneida Rocha [Demu/Iphan], Roberto Nascimento [Secom], Sérgio Sá Leitão [BNDES], Luiz Fellipe Torelli [Caixa] e Eliane Costa [Petrobrás]), e o Painel

6: "Museu Privado: o desafio da sustentabilidade" (coordenado por Danilo Miranda [Sesc/SP], com a participação de Ângela Gutierrez [ICFG], Ronaldo Bianchi [MAM/SP], Fernando Schüler [Museu Iberê Camargo] e Ângela Mascelani [Museu Casa do Pontal]).

Imagino que, com minhas escolhas, sigo o caminho de todos. Participar de um *Fórum* implica mesmo escolhas pontuais. Com relação às reflexões, comecemos com os minicursos. Como a programação já sinalizava, os minicursos visam trazer contribuições para os profissionais ou futuros profissionais do campo dos museus, preenchendo lacunas na formação técnica. O minicurso coordenado pela professora Magaly Cabral é muito concorrido, com a sala repleta todos os dias. A professora elaborou de forma extremamente didática suas aulas, apresentando tópicos importantes do tema e referências para aqueles que desejassem um aprofundamento. As aulas são expositivas, e as metas colocadas logo no primeiro dia do minicurso são cumpridas à risca. Sinto falta de uma troca maior entre os alunos, da abertura de um espaço de conhecimento entre os participantes. Fica a sugestão para um próximo *Fórum*. O aspecto da troca e da interação entre participantes de uma determinada atividade é muito bem-vindo. Entretanto, como o objetivo principal era o da formação, este é, sem dúvida, um minicurso que atinge as metas pretendidas.

O GT que escolhi para observação parece polêmico. Ocorre um forte debate entre os participantes, do que consigo depreender que estão em pauta as próprias categorias de "museus comunitários" e "ecomuseus". Parece haver pouca clareza com relação a estas categorias, e o GT funciona ora como uma mesa-redonda, onde os coordenadores centralizam a palavra, ora como uma reunião ampliada, onde os participantes se manifestam desordenadamente. Sinto falta de trabalhos apresentados previamente, como ocorre geralmente em congressos e simpósios, onde há uma preparação de trabalhos a serem apresentados nos GTs. Talvez possa ser mais rentável se o GT funcionar como coroamento de um trabalho anterior. Talvez haja necessidade de uma preparação anterior mais cuidada, com chamadas prévias de apresentações de trabalho possibilitando a emergência de formulações mais consistentes e densas (e menos catarses coletivas). Fico pensando em sugerir que os próprios temas dos GTs venham a ser propostos a partir de uma chamada geral no campo dos museus, no da memória social e no de outros afins. De qualquer modo, enriqueço-me muito participando deste GT. Questões muito instigantes relativas às relações entre museu e sociedade são explicitadas. Tanto aqueles que usam a categoria "museus comunitários" quanto os que usam a categoria "ecomuseus" expressam a inquietação com museus como instrumentos

e espaços-tempos para serem ocupados e articulados com a sociedade, especialmente com segmentos sociais pouco favorecidos. Este tema me parece muito pertinente e, nesse sentido, gostaria de voltar à sugestão de Myrian Sepúlveda dos Santos, quando observadora do *1° Fórum Nacional de Museus*. Myrian chamava a atenção para a necessidade de se abrir espaço para a apresentação de experiências bem sucedidas de museus similares em países como Índia, México e África do Sul. Entendo que neste ponto residiria a importância de uma chamada prévia para apresentação de trabalhos. Há experiências recentes de museus discutindo a apropriação desse instrumental espaço-temporal que é o museu, dentro de uma revisão do colonialismo também na Europa (por exemplo, em Portugal), que poderiam enriquecer o debate. Em suma, as apresentações de trabalhos previamente elaborados com um caderno de resumos e até mesmo uma publicação dos textos completos podem ser uma meta a ser considerada. É claro que a polêmica também se deve à novidade e à coragem daqueles que propõem museus de dentro das comunidades, procurando usar o museu como linguagem criativa. Esses museus defrontam-se com toda a sorte de dificuldades numa área tradicionalmente marcada pela construção a partir da esfera dos organismos estatais, sejam eles nacionais, estaduais ou municipais. São expressões de segmentos pouco favorecidos da sociedade civil e estão a sugerir novas formas de organização.

Nesta mesma direção, sigo adiante. Observo dois painéis (o 1 e o 6) muito sugestivos, nos quais os debates focalizam o tema do financiamento e do fomento e as formas de sustentabilidade nos museus. Na verdade, os dois painéis parecem se complementar. O primeiro traz propostas práticas e fornece informações e subsídios para aqueles que se encontram à frente da elaboração de projetos para financiamento e fomento das atividades dos museus. O segundo apresenta algumas experiências bem sucedidas ao lado de alguns impasses que passam hoje os museus "privados", museus cujas formas jurídicas são organizações não governamentais, fundações ou associações civis de interesse público. Há questões importantes, no que tange a obstáculos a serem transpostos para a gestão dessas instituições, que são apontadas, como a dificuldade em captar recursos para a própria gestão, a gerência, o pagamento de funcionários e as despesas fixas. Essas questões são sinalizadas como desafios importantes. É muito positivo ouvir a experiência daqueles que estão à frente de instituições bem sucedidas criadas e gerenciadas por organizações da sociedade civil, como Ângela Gutierrez, do Museu de Artes e Ofícios, e Ângela Mascelani, do Museu Casa do Pontal. Essa possibilidade que o *Fórum* traz de fazer circular narrativas em torno de experiências

importantes no campo talvez seja uma das maiores contribuições de um evento desse gênero.

Um dos pontos altos do evento me parece ser a participação dos estudantes. Sempre muito alegres, eles demonstram muita seriedade na organização do seu *II Encontro Nacional de Estudantes de Museologia*. Evidencia-se um espaço muito rico de trocas de experiências, apresentação de trabalhos, sistematização de informações sobre os diferentes currículos no campo de estudos em questão. Sinto uma harmonia grande entre os estudantes e os professores, que, convidados por eles a relatar suas experiências, são ouvidos atentamente. Muita vontade de aprender, de participar, de trabalhar. Uma força jovem que merece ser potencializada nos próximos fóruns.

Por fim, participo do *Encontro dos Professores Universitários do Campo da Museologia,* coordenado pelo professor Cícero de Almeida, da Unirio. O *Encontro* atrai professores de museologia do Rio de Janeiro e de Salvador que apontam a necessidade de trocas mais efetivas com relação a temas de pesquisa, currículo e experiências bem sucedidas do ensino e da pesquisa no campo de estudos dos museus. O professor Cícero encarrega-se de anotar as demandas e os temas levantados pelos professores presentes e de fazer uma articulação posterior para desdobramentos futuros.

26 de agosto de 2006. Parto do *2° Fórum Nacional de Museus* com a sensação agradável de ter participado de uma experiência rica, consistente, que certamente trará grandes contribuições ao panorama dos museus dentro de um processo de construção de caminhos democráticos. Assim como Myrian Sepúlveda dos Santos, observadora do *1° Fórum Nacional de Museus,* parabenizo os organizadores pela concepção e realização de um evento fundamental para a democratização e a ampliação dos trabalhos no campo dos museus, buscando uma alternativa que responda aos novos anseios de uma sociedade que se complexifica e de um Estado que vem se reformulando e se modernizando. No acirrado debate sobre a relação Estado e sociedade, o *2° Fórum Nacional de Museus* demonstrou estar alinhado a uma terceira via, na qual a diversidade cultural e social são reconhecidas e estimuladas, sem que, com isso, abra-se mão do importante papel do Estado num país atravessado por desigualdades econômicas, sociais e culturais. Incentivando que os segmentos sociais abram museus ou se apropriem dos já existentes, fomentando o debate, a troca de experiências e possibilitando diferentes formas de sociabilidade entre cidadãos relacionados com o campo dos museus, do patrimônio e da memória social, o Estado cumpre seu papel e nos estimula a prosseguir.

Entrevista



Entrevista com o professor Mário Barata

Por Mário Chagas e Cícero Antônio F. de Almeida[1]

Um projeto antigo em boa hora foi colocado em movimento. Há tempos alimentávamos o sonho de entrevistar alguns praticantes e pensadores da museologia brasileira que se destacaram profissionalmente no período compreendido entre 1932 e 1972. A primeira baliza refere-se a um divisor de águas no campo museal brasileiro: a institucionalização da museologia por intermédio da criação do Curso de Museus, vinculado ao Museu Histórico Nacional; a segunda refere-se a um marco internacional: a realização da *Mesa Redonda de Santiago do Chile*, que produziu novos desafios para os museus na América Latina, especialmente no que se refere à encarnação de determinados compromissos e responsabilidades sociais. O nosso objetivo era (e continua sendo) conhecer um pouco mais a atuação profissional e a produção intelectual de homens e mulheres que se dedicaram a exercitar uma vocação pouco comum durante todo o século XX.

A entrevista com Lígia Martins Costa realizada em 2005 e publicada na *Revista do Patrimônio* número 31 ("Museus: antropofagia da memória e do patrimônio") faz parte desse mesmo projeto.

A entrevista que ora publicamos foi realizada no dia 16 de outubro de 2007, na sala 701, no Palácio Gustavo Capanema. Participaram como entrevistadores os professores Cícero Antônio Fonseca de Almeida e Mário Chagas, ambos vinculados ao Departamento de Museus e Centros Culturais (Demu/Iphan) e à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), além do jovem pesquisador Paulo Nascimento, bolsista do Programa de Especialização em Patrimônio (PEP). Nosso entrevistado, o

1. Mário Chagas é coordenador técnico do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan e professor do Programa de Pós Graduação em Memória Social (PPGMS) e do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMP) da Unirio.

Cícero Antônio Fonseca de Almeida é diretor do Centro Cultural da Justiça e professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos (DEPM) da Unirio.

professor Mário Barata, fez questão de que a entrevista não fosse realizada em sua casa, e sim na "repartição", no gabinete de trabalho da Coordenação Técnica do Demu.

É importante registrar que, por decisão do entrevistado, a conversa foi interrompida no momento em que examinávamos os primeiros anos subseqüentes à Segunda Guerra Mundial. Sem qualquer indicação aparente de cansaço, Mário Barata interrompeu a entrevista e nos indicou que, dali a 15 dias, poderíamos nos reencontrar e dar continuidade ao projeto. Nossa pequena equipe tentou por várias vezes agendar uma próxima data para o desenvolvimento da entrevista, mas não obteve êxito. O entrevistado estava arredio e gradualmente ficou claro que ele não queria dar continuidade à entrevista.

Conclusão: o material aqui apresentado deve ser compreendido como uma entrevista inacabada. Muitas questões, muitos aspectos ficaram por resolver. Ainda assim, não podemos negar: estamos diante de um material inspirador e, por isso mesmo, decidimos publicá-lo neste *Relatório*, que faz uma justa homenagem *in memoriam* ao museólogo, crítico de arte, pesquisador e querido professor Mário Barata.



Cícero Almeida – Professor, o Senhor pode nos contar um pouco sobre os primeiros anos da sua vida, onde nasceu, sua infância, família e que influências esse período da sua vida teve? Que marcas esse tempo deixou na sua vida futura?

Mário Barata – Eu tenho a impressão de que essa pergunta é paralela à realização da própria entrevista, que é opinativa. E sobre meu início, não tenho muitas opiniões, tenho muitas realidades... [Risos.] Minha família paterna era do Pará. Meu pai nasceu em Manaus e foi cedo para o Pará, onde terminou os estudos no Colégio Paes de Carvalho. Foi um dos alunos brilhantes do Colégio, sobre o qual há um estudo feito pelo Cláudio Moura, que morreu há dois meses. Já eu nasci no Rio de Janeiro. Fui um dos primeiros Barata da nossa etapa genealógica e familiar a ter nascido no Rio de Janeiro. Quando chegou ao Rio, meu pai já era um homem. Era o filho mais velho de meu avô, o pai dele, que tinha nascido no Pará, Belém ou Ilha de Marajó, não me lembro no momento. Então, há essa posição inicial que o meu pai, como os da geração dele, tiveram que mudar. Eles tiveram que deixar o lugar da borracha por falta de empregos e de salários no Pará. [...] No Rio de Janeiro, ele teve dificuldade de saúde, como também tiveram dificuldade de saúde um tio meu e a minha avó. Em suma, foi um pouco trágico esse início do ponto de vista de saúde. Mas ele conseguiu sobreviver e andava com uma bengala permanente, teve uma perna que foi diminuída com uma operação, uma cirurgia que cortou um pedaço da perna. Então, essa dificuldade era grande e pesava sobre ele, mas isso foi no Rio de Janeiro, em 1920. No tocante à minha família, há naturalmente um dado que se repete muito, que é o do interesse pela história. Meu pai tinha um interesse grande pela literatura, mas meu tio Frederico já tinha um interesse grande, além de jornalístico, um interesse pelas obras de arte. Ele escreveu um livro que é famoso na bibliografia brasileira, que é *Eliseu Visconti e seu tempo*. Meu tio Frederico Barata escreveu, e foi editado pelo Ministério da Educação, um trabalho sobre a cerâmica artística de Santarém – um dos trabalhos de pesquisa arqueológica que ele fez. Ele tinha uma bela coleção de coisas de arqueologia paraense.

Mário Chagas – Mas não tem um ramo da família Barata que acabou se dirigindo para a área da política?

MB – Teve. Houve uma posição importante da família Barata na política da Proclamação da República. O meu tio avô, Manuel Melo Freire Barata, formou-se em direito no Recife e voltou para Belém. Ele foi um dos fundadores do Clube Republicano, cujos manifestos republicanos foram alguns dos únicos ou primeiros feitos na época da Proclamação da

República. Ele era um republicano criativo, foi um governador interino, um governador intendente de Belém, também por um período curto. Depois, foi eleito senador em eleição pública; foi senador vários anos seguidos, uns três mandatos ou mais. Então, ele estava na política como republicano. Um sobrinho direto dele era oficial do Exército, o Joaquim Magalhães Barata, que veio a ser tenentista. Há um livro conhecido lá em Belém, muito conhecido, um livro tenentista conhecido como *Magalhães Barata*. O Joaquim Magalhães Barata admirava muito o tio e, como ele veio a ser tenentista, teve que fugir num certo momento, depois de uma tentativa revolucionária local; teve que fugir para Natal. Depois, em 1930, ele assumiu o governo interino. Não foi o primeiro governador levado pelos batalhões que chegaram a Belém, mas foi, logo depois, colocado como governador interino e posteriormente eleito. Eleito! Ele veio a ser eleito duas ou três vezes. Teve uma tradição na política muito forte, honesta e permanente. Até que morreu em 1959; era governador do Estado. Então, temos uma tradição política que é maior, quer dizer, é mais antiga. O Joaquim Nabuco colocou no memorial que escreveu sobre a Guiana Inglesa um texto escrito por esse meu parente, que tinha feito a viagem de barco pelo rio Amazonas, o Negro, o Branco; depois, atravessou um pedaço a pé e pegou o Suriname. Ele ia da Guiana Inglesa e saía nas Antilhas, e daí ia para o Suriname iniciar um Estado, a mando do governador da Amazônia. Na época, era um único governador de toda a Amazônia, depois é que se desdobrou em Amazonas, Rio Negro, Capitania do Rio Negro... Ele [Joaquim Nabuco] republica o texto desse meu bisavô nas atas.

MC – Desse memorial...

MB – Desse memorial. Quando ele [Nabuco] era o árbitro para tratar das questões territoriais com a Guiana. Ao final, uma parte virou Guiana Inglesa e outra parte, Brasil. Ele [Nabuco] publicou a íntegra da *Viagem ao Suriname*. Mas esse homem [da família Barata] veio a chefiar o governo do Pará em uma junta trina na revolução de 1820, que acompanhou a revolta da burguesia, bem orientada na época, portuguesa, que exigiu a volta de D. João e exigiu a Constituição, porque não havia Constituição. Aí foi feita a Constituição. E esse Barata veio a ser eleito mais tarde para um segundo mandato dos constituintes, mas ele antes já tinha assumido o poder em Belém. Ele é que entrou no Palácio do Governo e tomou conta do governo, numa coisa revolucionária, quer dizer, havia essa mistura toda com política.

MC – Então, já é uma tradição da família essa vinculação entre a política e a cultura, a política e a arte?

MB – Mas a questão é a seguinte: eu estou respondendo a uma pergunta sua. Eu não iria colocar uma coisa tão... grande e extensa sobre fatos que são conhecidos, não só o Pará conhece. O meu sobrinho foi co-autor num dos principais capítulos do *Dicionário da família brasileira*. Você conhece o Carlos Eduardo Barata?

MC – Conheço.
MB – Ele dá todos esses detalhes [no livro]. Dá o que cabe na geração dele, que é uma geração depois dessa.

CA – Podemos notar por essa genealogia que o seu pai é uma pessoa interessada pela história, assim como o seu tio é interessado pela arte...
MB – O pai pela literatura e pela política.

CA – Mas esse convívio, na infância, nos primeiros anos, deve ter sido marcante, não é?
MB – Exato. Não há dúvida.

CA – E deve ter levado em algum momento o Senhor a ter...
MB – Não, mas é que eu falei demais... [Risos.] Fui levado a explorar o fato.

CA – Na verdade, é importante entender como o Senhor descobriu o mundo dos museus e da museologia, como chegou ao Rio de Janeiro...

MB – Eu descobri um pouco com a posição do meu tio Frederico. Eu ia muito à casa dele aqui, no Rio, e ele anos depois voltou a morar em Belém. A idéia de arte na família é grande. E digo isso porque pode ser um fato que ajude cientificamente a compreensão desses problemas de importância da herança familiar. Não é que ela seja a única existente; há vocações individuais isoladas que também são enormes. Mas a vocação filtrada pelos parentes também pode, como você levantou, ter importância. Então, o Frederico teve realmente importância porque, quando ele fez o livro *Eliseu Visconti e seu tempo*, eu já era aluno do Museu, já era formado pelo Museu Histórico Nacional.

CA – O que o Senhor tem a falar sobre esse período, sobre essa formação, sobre os conteúdos, os professores do Curso de Museus do MHN?
MB – Bem, são duas coisas diferentes: os conteúdos e os professores. E esse desdobrar...

MC – Mas, antes disso, o Senhor veio de Belém para o Rio de Janeiro, isso nos anos 20, certo?
MB – Meu pai, em 1917. Eu nasci no Rio de Janeiro.

MC – É muito interessante observar que, na época em que o Senhor nasceu, as formações

clássicas e tradicionais eram nas áreas de medicina, engenharia e direito. As famílias orientavam seus filhos para a formação em uma dessas áreas consagradas e o Senhor foi para uma carreira que não se podia dizer à época que fosse consagrada, não é? Como é que foi isso? Antes de falar dos conteúdos, como é que o Senhor chegou ao Curso de Museus?

MB – Foi por questão de gosto. Eu realmente gostava de problemas de história social e sociologia e de problemas de história em geral. Eu achava que esses problemas possibilitam e facilitam o entendimento da sociedade. Realmente me entusiasmei, quando fiz 16, 15 anos, pela salvação do Brasil com a agronomia. A Escola de Agronomia foi criada e depois transportada para o prédio histórico e antigo da avenida Pasteur, prédio que depois passou para o Departamento de Mineralogia do Ministério da Agricultura; ali funcionou a Escola de Agronomia por muitos anos. Um prédio com dois leões enormes em frente e uma dupla escadaria. Ali o marido da Cecília Meireles era agrônomo, o segundo marido dela, e era diretor. Mas o verdadeiro propulsor da propaganda pela salvação do Brasil pela Agronomia era o Fernando Costa, ministro de Estado de Agricultura. Foi ele que arranjou a verba para fazer o que depois ficou sendo a Universidade Federal Rural, km 47. E eu entrei para o curso complementar de agronomia, que ele criou lá, ligado ao curso



complementar de engenharia. Eram três cursos complementares. Não sei se você se lembra disso?

MC – Não lembro bem...

MB – Havia só três cursos complementares: direito, medicina e engenharia. O de engenharia podia se chamar de agronomia quando era feito na Escola de Agronomia ou de Veterinária. E eu entrei para o curso complementar depois de terminar o curso dito ginasial,

quinto ano, no Instituto Lafaiete, na rua Haddock Lobo, em frente à igreja.

MC – Ainda existe esse Instituto?
CA – O prédio sim, mas o Instituto não.
MB – O prédio é do Bradesco.

CA – É o do Bradesco, hoje. É um prédio imponente...
MB – Era um colégio gratuito. E hoje não é imponente a fortuna do Bradesco? [Risos.] Já era imponente, ele comprou. Comprou o prédio feito. O prédio anteriormente existente ali, que eu ainda pesquisei, vi e pesquisei, era do Barão de Mesquita. Ali, eu me lembro dos vitrais que havia nas janelas em várias salas, escadarias, com as iniciais "MB" – no caso, "BM".

MC – Não era "Mário Barata", era? [Risos.]
MB – Não. [Risos.] Foi demolido esse prédio. A partir de 1933, 1934, foi demolido, e começaram a criar e instalar, no usado hoje pelo Bradesco, um colégio com a função ainda de ensino gratuito. E eu, então no curso complementar, fiz agronomia e terminei lá na Praia Vermelha.

Paulo Nascimento – Em que época mais ou menos era isso, Professor?
MB – Eu fiz em 1938 e 1939, mas em 1939 já era direito em alguns tipos de ensino e em algumas escolas fazer exame sem ter ainda o diploma do curso complementar do ensino secundário. O meu seria o complementar de agronomia, que era igualzinho ao de engenharia. E então foi aberta, nessa ocasião, pelo grande Anísio Teixeira, a UDF [Universidade do Distrito Federal]. Eu fui da última turma a fazer exame para lá, criada por Anísio Teixeira no governo do...

MC – Pedro Ernesto.
MB – Pedro Ernesto, e que era extremamente importante. Aí era muito direcionada para cursos de preparo geral universitário. Era mais uma escola de educação. Daí havia as matérias fundamentais dos cursos, que eram pra formar professores secundários. Havia então, evidentemente, matemática, física. Tinha o Leite Lopes, o Jaime Tiômono, o Celso Cunha...

MC – Celso Cunha era da área de literatura?
MB – Português e literatura... Depois a UDF veio a mudar o nome: a faculdade virou Faculdade Nacional de Filosofia, pela briga entre o Capanema e um representante do Anísio. Mas, na época do Anísio, esse tipo de faculdade era para formar professores. Havia também o curso de sociologia, e eu fui matriculado por concurso nesse curso, que depois se transformou em ciências sociais. Eu tinha direito a escolher matérias em um curso de história também, ganhando um "diplomazinho" de história, secundariamente fornecido, e eu fiz várias

cadeiras de história nessa mesma faculdade. Fiz, então, várias cadeiras do curso de ciências sociais, sociologia e economia.

MC – O Senhor chegou a ser aluno do Gilberto Freyre?
MB – Não, porque eu fui de 1939. É bom esclarecer que a UDF foi fechada e transformada. Os professores que aceitaram e os alunos foram passados para Faculdade Nacional de Filosofia, que era para formar professores. Então, essa cultura nova a que você está se referindo era uma necessidade do ensino superior. Um outro que eu ia destacar ao lado do Celso Cunha foi aquele professor que militou em educação por algum tempo, faleceu, ele era diplomata também e escreveu o *Dicionário Houaiss*.

CA – Ah, o Antônio Houaiss...
MB – O Antônio Houaiss foi de lá. Agora muitos desses homens estavam atuando em 1939, quando eu entrei por concurso vestibular. Naquela época não era necessário para esse curso de ensino superior ter o curso secundário já em sete anos. Então, muitos de nós aproveitamos para fazer um dos últimos vestibulares com cinco anos de ginásio, e não com sete, foi isso. E aí esse era o meu curso A, mas, ao mesmo tempo, em 1939, eu entrava para o curso de museologia, de museus.

CA – Prestava-se um exame pra entrada no Curso de Museus?
MB – Eu acho que não. Nessa época, eu acho que não. Não tenho idéia nenhuma de ter feito exame para lá.

MC – Mas como foi essa experiência de ser aluno da UDF e do Curso de Museus?
MB – Bem, aí realmente é uma coisa bastante mais interessante. Talvez eu fosse um pouco dispersivo com essa pluralidade de ambições, digamos. [Risos.] Mas, na verdade eu pude agüentar os dois cursos. [Risos.] Fui agüentando os dois cursos. Eram cursos novos. Agora, em relação ao Curso de Museus, eu defendo, e vocês dois estavam já cientes disso, que é importante mostrar a presença do Rodolfo Garcia na passagem pela administração do Museu Histórico Nacional para a inclusão, no seu ritmo de atividade, de um curso. Mais tarde, Gustavo Barroso assumiu o Curso e tentou ver se ficava com a proteção do patrimônio monumental e artístico do país. Não conseguiu. O Capanema e os seus conselheiros optaram pela criação do Sphan [Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional] separadamente, que primeiro era a Inspetoria de Monumentos Nacionais. Aí, já no tempo do Barroso, com alguns arquitetos trabalhando para ele. A posição do Barroso, que era um homem da Academia Brasileira de Letras, estava muito ligada à atividade literária da época. Agora, ele teve que se adaptar

com diversos saltos e mudanças que ia encontrando na própria existência. Ele não era um "faz tudo" ou um "resolve tudo". Ele era um homem do Nordeste e, como amigo do presidente Epitácio Pessoa, pôde trabalhar pela criação de um museu, que era o sonho dele, era um museu tipo militar. Mas isso tudo foi mudando e revolvendo e deixando de ser... Ele se adaptou às coisas que iam acontecendo. Agora, o Curso de Museus ficou para ele como uma pérola a mais dentro da atividade do Museu Histórico Nacional, uma pérola a mais que dava, inclusive, essa viagem anual a pontos do Brasil, sobretudo Minas Gerais, vários pontos. Ele tinha grande satisfação com as fotografias feitas com as turmas de excursão, porque na excursão era onde ele se liberava também um pouco da máscara...



MC – Como assim? Na excursão ele era um homem mais à vontade?
MB – Era um homem mais à vontade...

CA – O Senhor acompanhou várias excursões?
MB – Não, eu talvez só umas duas. Talvez uma só, a de 1945, a Ouro Preto, foi a que a Maria Augusta [Machado da Silva, museóloga] foi.

CA – Ela conta que essa teria sido a mais antiga excursão de alunos de museologia. Ou foi a primeira?
MB – Foi a primeira.

CA – Primeira excursão de alunos de museologia nos moldes como se estabeleceu depois, certo?
MB – É, exato. Foi a primeira. Então, essas coisas eram criadas pela rotina administrativa. O Barroso, se não foi o criador do Curso, também não foi o homem que deu a solução anual das excursões. As excursões, os alunos de outros cursos faziam às vezes por própria iniciativa. Eu, como aluno da Escola de Agronomia, fiz excursão, em 1938, ao Espírito Santo. Os alunos às vezes faziam campanhas para obter doações e para fazer isso. Depois, isso foi se tornando uma rotina da evolução do sistema educacional. Hoje, eu tenho a impressão

de que o Barroso recebeu coisas dadas, de presente: uma delas foi o Curso e a outra, tendo o Curso, as viagens. Ele ficou satisfeito. E também uma outra coisa que não foi ele quem pensou, quem revisou: a ampliação das matérias do Curso de Museus.

CA – Sem negar a importância de Gustavo Barroso, o Senhor destacou o papel fundamental de Rodolfo Garcia na criação do Curso de Museus. Mas que outras pessoas o Senhor acha que tiveram influência, que foram marcantes no Curso de Museus? Como era esse quadro de professores e colaboradores?
MB – Quando o Curso incluiu a seção de numismática, por exemplo, que era da Biblioteca Nacional, o chefe da seção de numismática veio para o Museu Histórico Nacional, foi transferido pelo governo. Era o Edgard Romero. Edgard de Araújo Romero. Era filho de um dos casamentos do Sylvio Romero. Era um homem extremamente bom, simpático e conhecedor. Havia também um paraense, João Angyone Costa, que escreveu o livro *Arqueologia brasileira*, que faz parte da Brasiliana e que era um bom professor de arqueologia, do ponto de vista da formação não científica ainda. A formação dele não era científica, mas era uma formação ligada à história. Essas coisas foram se fazendo. A questão do Curso, a ampliação das matérias foi entre 1944 e 1945.

CA – A grande reformulação que o Curso sofreu?
MB – É. Foi importante a reformulação. Mas também foi um pouco manobrada pela burocracia do Ministério, que queria fazer um Curso mais amplo.

CA – Parece que ele passou de dois para três anos, não é?
MB – É.

CA – Incluiu cadeiras de História do Brasil?
MB – Não. História do Brasil já existia. Incluiu a cadeira para a qual eu fui chamado no momento: Artes Menores. Incluía outras cadeiras também. Mas História do Brasil já vinha do tempo, digamos, da fase muito ligada à tradição da Biblioteca Nacional. Houve cadeiras novas, como a cadeira de Escultura e a de Arquitetura. Aí sim os professores eram escolhidos pelo Barroso.

MC – Nessa época, como era a relação do Museu Histórico Nacional e do Gustavo Barroso com os outros museus? De que modo se dava essa relação? O Senhor pôde observar isso? Isto é, a gente sabe que em 1939 o Museu Nacional de Belas Artes já tinha sido criado, não é isso?
MB – Não! Ele tinha sido criado antes, em 1937.

MC – Isso mesmo. Então, já tinha sido criado o Museu Nacional de Belas Artes, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista já funcionava ...
MB – Funcionava havia mais de cem anos.

MC – E como era a relação do Museu Histórico Nacional com esses outros museus? Era uma relação cordial?
MB – Era uma relação pouco abundante, mas não era sem cordialidades. Agora, não era o sonho, nem o preparo do Barroso. O Barroso, João do Norte (era o seu pseudônimo), folclorista, digamos, foi também deputado federal pelo Ceará; ele se preparou para as coisas de um folclore do Nordeste. Esse é que era o ideal dele, além do problema militar, da história militar. O ideal do Barroso era um museu militar, um museu que iria sair de um museu militar. O museu para o qual ele fez campanha está em seus arquivos, era um museu militar: o prédio seria aproveitado; o prédio aproveitado seria o da Casa do Trem; parte já tinha sido aproveitada para o Pavilhão das Indústrias, na *Exposição de 1922*, a do Centenário da Independência. Essa coisa aparentemente numérica é que foi grande fator de propulsão do Museu Histórico Nacional. Ele [o Gustavo Barroso] não tinha formação para isso, ele ganhou as coleções particulares que o governo recebeu e também ganhou o prédio. O projeto dele não era fazer um museu amplo.

MC – Ele falava também em um Museu de Ergologia, não é?
MB – Exato.

MC – Um museu ergológico...
MB – Tem um artigo dele sobre isso que saiu nos *Anais do Museu Histórico Nacional*, mas isso é bem posterior.

CA – Ele tinha relações muito próximas com o presidente Epitácio Pessoa. Essa aproximação não teria facilitado o trabalho de coleta das coleções?
MB – Ele foi secretário da comissão enviada à *Conferência da Paz*, em 1918 e 1919, em Versalhes, presidida pelo Epitácio Pessoa. Antes de ser candidato a presidente, o Epitácio foi escolhido para chefiar a delegação brasileira.

CA – Na assinatura do Tratado de Versalhes?
MB – No Tratado de Versalhes. [...] Na volta, apareceu o Centenário da Independência, e ele queria fazer um museu militar, o ideal dele era um museu militar com um pouco de, digamos, museu ergológico.

CA – Na verdade, o Museu tem uma grande coleção de armas e uma visão militarista. Mas a sua atividade se inicia no Museu Nacional de Belas Artes logo depois que o Senhor se formou no Curso de Museus, certo?
MB – É. Aí, foi por concurso. No ensino foi

diferente. O Barroso teve a gentileza de mostrar que não se preocupava muito com o fato de que meu pai era de extrema esquerda. O meu pai tinha escrito um artigo em um jornal que ele tinha, *O homem livre*, aqui no Rio – semanário, saía aos sábados. Ele tinha escrito, com fotografia enorme do Barroso, que ele pôs: "Integralismo, pantomima da moda". [Risos.]

CA – Isso em que ano?
MB – Em 1933. "Integralismo, pantomima da moda", e com a fotografia do...

CA – Gustavo Barroso?
MB – Gustavo Barroso. E Gustavo Barroso nunca se referiu a mim sobre isso, mas ele estava farto de saber. E nunca procurou fazer qualquer retaliação. Por isso é que eu acho que ele, como diretor de museu, era um pouco diferente dele como chefe do Integralismo. Se bem que ele levou para o Integralismo muitos funcionários...

MC – Isso é um dado importante. [Risos.] O Senhor se lembra de nomes, de pessoas que ele tenha convencido, seduzido? Porque ele era muito sedutor, não é?
MB – É. Seduziu, por exemplo, o próprio Luiz Marques Floriano, que foi funcionário de lá. Usou "camisa verde" [parte do uniforme integralista]. E usou camisa verde o próprio Edgard Romero, que não tinha vocação pra integralista, mas... Agora, de qualquer forma, o fato de ele não ter feito retaliação indica que ele não guardava uma mágoa permanente de qualquer coisa do gênero.

MC – Aí, cedo o Barroso chamou o Senhor para lecionar, para dar aulas...
MB – Ele chamou vários, para diversas atividades, e eu, sabendo disso, fui perguntar a ele – eu já era formado – se já tinha posto alguém no ensino de uma das cadeiras. Em Artes Menores, ele ainda não tinha posto ninguém. Então, concordamos, ele e eu, de eu ficar com essa cadeira por algum tempo.

CA – Esse convite foi em que ano?
MB – Foi em 1944.

CA e MC – Na reforma do Curso?
MB – Foi na reforma do Curso.

MC – Qual era o perfil dos estudantes do Curso de Museologia à sua época? De que origem social eles vinham?
MB – A origem social desses estudantes era de classe média e classe média alta. Era um curso de "cultura geral", digamos assim.

MC – Na sua geração, que outros colegas seus se destacaram no mundo da cultura, das artes? Como foi a sua geração de estudantes?

MB – Na minha geração de estudantes, eu tinha apreço, inicialmente, por duas ou três pessoas da turma anterior, sobretudo a Lygia Martins Costa, e também apreciava muito a Regina Real.

MC – A Elza Peixoto também era dessa época?
MB – A Elza Peixoto, eu também tinha grande respeito por ela.

CA – E como foi essa experiência de começo de trabalho no Museu Nacional de Belas Artes? O Senhor fez o concurso?
MB – É, eu fiz o concurso. Mas agora eu prefiro ficar por aqui e registrar a importância das atividades dessas duas grandes vidas [Lygia Martins Costa e Regina Leal] e do que veio a ser o Icom, em Paris e no Brasil.

MC – Nós até poderíamos ficar por aqui neste momento e, na próxima conversa, retomamos a partir de 1944, que é quando o Senhor entra no Curso como professor. Depois, teve a viagem para a França, a criação do Icom... O que o Senhor acha? Quer acrescentar alguma coisa?
MB – Na verdade, esse problema da minha ida à França se une à criação do Icom, com a participação da Regina Real e da Lygia Costa.

MC – Quando foi a primeira vez que o Senhor saiu do Brasil? Foi quando o Senhor foi à França, logo depois da Segunda Guerra, certo?
MB – Logo depois da Guerra.

MC – Então, o Senhor tinha viajado antes para fora do Brasil?
MB – Quando criança. Adulto, não. Foi quando eu viajei para a Europa. Mas eu queria dizer o seguinte: eu apoiei, desde o começo, o nascimento do Icom. Isso foi iniciativa dos franceses e de um norte-americano, mas eu apoiei. Não como representante oficial, porque eu não tinha esse poder, mas apoiei como homem da especialidade. Isso eu deixei claro nas declarações de Ouro Preto. O fato é que o Rodrigo Melo Franco de Andrade tinha uma posição de grande respeito pelas possibilidades da influência internacional do Brasil cultural, era respeitado. Desde o começo ele apoiou a Heloísa Alberto Torres e percebeu que a marcha da conexão brasileira com o Icom ia ser propícia para um aprofundamento acertado dos nossos museus. Na época, essa era a visão que ele tinha, e ele foi a grande figura que programou o primeiro congresso, em Ouro Preto. Na verdade, o Rodrigo deixou a presidência do Icom, um pouco antes da inauguração do congresso, para a Heloísa, e eu estava apoiando esse caminho do Iphan. No Brasil, a situação sempre muito difícil... Então, achamos a geração norteada pelo Rodrigo, o início da museologia. Eu me filio muito ao Rodrigo.

CA – Quando você teve o primeiro contato com ele?
MB – Ele era muito amigo de um tio meu, que era diretor de um jornal, do qual ele participava. Mais tarde, ele veio a ser meu examinador num concurso para museologia. Ele já me conhecia e apreciou também a minha atividade nas respostas esclarecedoras que eu dei às perguntas que a comissão julgadora fazia. Eu fiz um bom concurso e ele também gostou, tanto que me transferiu do Museu Nacional de Belas Artes para o Patrimônio. Quando eu voltei da Europa, eu já estava transferido. Agora, o fato de o Oswaldo Teixeira ter sido o primeiro presidente do Icom está um pouco como o Barroso: vem de via transversa.

MC – Qual foi o motivo dessa viagem do Senhor para a França? Foi uma bolsa de estudo?
MB – Eu soube que a França estava distribuindo bolsas. Então, procurei o adido cultural aqui do Rio, no Consulado da França, e perguntei se ainda tinham vagas para um especialista em história da arte e museus. Ele me disse que sim e acabou levando para frente o meu nome, me pediu documentação... Era um intelectual dos que tinha assumido o poder depois da Guerra.

MC – E do Brasil foi apenas o Senhor?
MB – Não. Foram cinco ou seis pessoas.

MC – Mas museólogo, só o Senhor?
MB – Foi o especialista em crítica de cinema, história de cinema, que era de São Paulo, era o segundo marido da nossa Ligia Fagundes Teles, o Paulo Emilio; na pintura, o Antonio Bandeira; e na escultura, o José Pedrosa. E ainda havia um outro paulista. A Segunda Guerra havia recém-terminado e a França comprou passagem num cargueiro que pertencera aos Estados Unidos e nós fomos nesse cargueiro. Era uma viagem de cargueiro com uma parte do oceano, sobretudo o Canal da Mancha, infestado ainda de minas, e o nosso comandante tinha que dar tiros de fuzil para acabar com as minas.

CA – De início, o Senhor se dirigiu a que instituição?
MB – Nós fomos transportados para Paris, onde já havia vaga em nosso nome. Cada um com seu quarto, na cidade universitária. Não era o pavilhão do Brasil...

MC – A Dona Lygia Martins Costa nos contou que o Senhor participou dessa reunião em Paris para a criação do Icom. Nenhum dos outros jovens estudantes que foram com o Senhor esteve na reunião. O Senhor foi o único brasileiro presente?

MB – De brasileiro, eu não sei. Não me lembro se foi chamado o Paulo Emilio para tratar

de cinema e eu fui chamado para tratar de museus de arte. Mas os artistas não foram chamados.

MC – A Dona Lygia conta que ela estava no Brasil e que, depois da criação do Icom, o Senhor mandou uma carta pra ela e para a Regina Real. Ela conta que, quando recebeu a carta, elas ficaram tão animadas que foram falar com Oswaldo Teixeira. Acho que a sua carta teria despertado nelas a vontade de criar a representação do Icom aqui no Brasil. Ela fala claramente sobre isso. O Senhor tem lembrança dessa carta? Tem cópia dela?

MB – É possível que eu tenha feito logo uma carta a ela, assim como mandei para o Rodrigo também. De qualquer forma, o processo continuativo não foi consolidado pelo Oswaldo, mas pelo Rodrigo.

MC – Mas a Regina Real tem um papel importante no Icom porque parece que ela foi secretária durante longas gestões.
MB – No Brasil...

MC – No Brasil. A Regina Real foi secretária, não é?
MB – Porque elas mesmas sabiam que o Oswaldo não era museólogo. No bom sentido, não era museólogo. Eu não tenho nada contra o Oswaldo porque sou crítico de arte, mas uma coisa não tem a ver com a outra. Quando eu viajei, ele me pediu para eu procurar um contato num hospital de lá para mostrar as radiografias da mãe dele, que já tinha um processo de câncer em evolução. Eu fui, entrei na fila no hospital e falei com o médico. Mandei o parecer do médico para o Oswaldo, ele sabe disso e os filhos dele sabem disso. Foi um gesto de simpatia. Agora, na verdade, a própria Lygia Costa deve ter dito que ele não tinha muito amor pela museologia. Ele foi, por um acaso, um homem com a direção da representação do Icom no Brasil. Agora o Rodrigo foi mais compatível com a museologia e sua gestão no Icom no Brasil.

CA – Recentemente, fazendo um levantamento da Associação Brasileira de Museologia, descobrimos que a Heloísa Alberto Torres tinha, no início, como modelo a Associação Americana de Museus. Ela andou escrevendo algumas coisas sobre isso. O Senhor sabe se era uma referência importante na época?
MB – Houve uns contatos importantes dos Estados Unidos com o Brasil nessa época por meio dos *Colóquios Internacionais de História da Arte*. O primeiro foi em Washington, idéia de dois americanos que chamaram o Robert Smith, de história da arte, que já tinha contatos com o Rodrigo e com o José Valadares. Então, há



uma ligação americana nessa fase. É possível que nessa fase tenha também tido contatos com a Heloísa. Mas apoio por fora do grupo do Ministério era do Rodrigo. Ele apoiou muito. O Rodrigo é que foi aos Estados Unidos nessa época. Foi como diretor do Patrimônio foi indicado a ir ao *1º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*.

MC – Pelo que entendi, o Senhor quer dizer que o Oswaldo Teixeira teve importância em virtude das circunstâncias daquele momento, que favoreceram que ele assumisse a presidência do Icom no Brasil. Mas quem de fato teria cuidado da consolidação do Icom no Brasil teria sido o Rodrigo Melo Franco de Andrade?

MB – Você está certo. É isso mesmo. Consolidador, que tinha interesse nisso, interesse cultural, era o Rodrigo. Ele queria deixar a obra dele assentada também em contato com os estrangeiros. Eu, pessoalmente, apoiei a idéia do Rodrigo. Daí a minha posição sempre favorável para que o Icom no Brasil prosseguisse realizando alguma coisa. Porque em outras carreiras, outras atividades, não tem acontecido isto: essa conexão com a França e com outros países. E ali a Associação Brasileira de Museologia [criada por Regina Real nos anos 60] não foi fundamental para isso.

Equipe organizadora do *2º Fórum Nacional de Museus*

Coordenadora Executiva

Eneida Braga Rocha de Lemos

Adriana Bandeira Cordeiro
Átila Bezerra Tolentino
Bárbara Froener de Almeida
Flávia Mello de Castro
Joana Regattieri da Silva
Marcelo Helder Maciel Ferreira
Vinicius Adalberto de Sousa Barcelos

Equipe de produção do *Relatório*

Organização

Claudia M.P. Storino
Mário Chagas

Edição, copidesque e revisão

Ana Gabriela Dickstein

Coleta e sistematização de dados

Adriana Bandeira Cordeiro
Ena Elvira Colnago
Joana Regattieri da Silva

Assistência editorial

Ana Carolina Silva Paulo
Maximiliano de Souza

Projeto gráfico e diagramação

Marcia Mattos

Impresso em Brasília, em junho de 2008,
ano do *3º Fórum Nacional de Museus*

De 22 a 26 de agosto de 2006, foi realizado, na cidade histórica de Ouro Preto (MG), o *2º Fórum Nacional de Museus*, com o tema "O futuro se constrói hoje". Cerca de mil profissionais, estudantes e interessados participaram das palestras, painéis, mesas-redondas, minicursos, grupos de trabalho e outros eventos que fizeram parte de sua programação. O presente relatório registra os acontecimentos e realizações desse encontro e aproveita para homenagear Mário Barata, profissional que teve um papel decisivo no campo da museologia brasileira.

ISBN 978-85-7334-073-0

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

abm
associação brasileira de museologia

ano 5 2003/2008 políticanacional demuseus

Apoio

Patrocínio

Realização

Ministério da Cultura
BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL